



**AS RODAS DO TEMPO E A EXPRESSÃO DA CULTURA NO  
CERRADO: A ROMARIA DOS CARROS DE BOI DE  
MOSSÂMEDES – GO (1991-2020)**

Rozângela Aparecida de Oliveira

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA ANÁPOLIS DE CIÊNCIAS SOCIOECONÔMICAS E  
HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM TERRITÓRIOS E  
EXPRESSÕES CULTURAIS NO CERRADO

ROZÂNGELA APARECIDA DE OLIVEIRA

**AS RODAS DO TEMPO E A EXPRESSÃO DA CULTURA NO CERRADO:  
A ROMARIA DOS CARROS DE BOI DE MOSSÂMEDES - GO (1991-2020)**

ANÁPOLIS

2021

ROZÂNGELA APARECIDA DE OLIVEIRA

**AS RODAS DO TEMPO E A EXPRESSÃO DA CULTURA NO CERRADO:  
A ROMARIA DOS CARROS DE BOI DE MOSSÂMEDES - GO (1991-2020)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em “Ciências Sociais e Humanidades: Territórios e Expressões Culturais no Cerrado”, na área interdisciplinar, linha de pesquisa: Saberes e Expressões Culturais no Cerrado.

Orientador: Prof. Dr. Haroldo Reimer  
Coorientadora: Profa. Dra. Maria Idelma Vieira D’Abadia

ANÁPOLIS

2021



### TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA n.1087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do autor / autora.

#### Dados do autor (a)

Nome Completo: Rozângela Aparecida de Oliveira

E-mail: rozi.geo@hotmail.com

#### Dados do trabalho

Título:

**As rodas do tempo e a expressão da cultura no Cerrado: a romaria dos carros de boi de Mossâmedes – GO (1991-2020)**

Dissertação

Curso/Programa: Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado

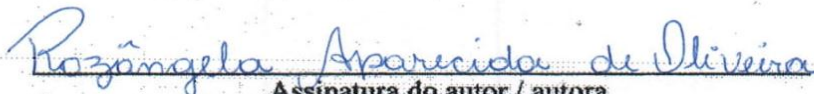
Concorda com a liberação documento?

SIM

NÃO

Obs: Período de embargo é de um ano a partir da data de defesa

Mossâmedes, 25/08/2021

  
Assinatura do autor / autora

  
Assinatura do orientador / orientadora

## Ficha catalográfica

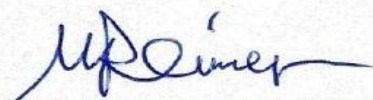
O48r	<p>Oliveira, Rozângela Aparecida de. As Rodas do tempo e a expressão da cultura no Cerrado [manuscrito]: a romaria dos carros de boi de Mossâmedes-GO (1991-2020) / Rozângela Aparecida de Oliveira. – 2021. 130 f. : il.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Haroldo Heimer. Coorientadora: Profa. Dra. Maria Idelma Vieira D'Abadia. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado). Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Anápolis, 2021.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Festas religiosas – Goiás (Estado).</li><li>2. Tradição popular – Goiás (Estado).</li><li>3. Romaria – Carros de boi – Goiás (Estado).</li><li>4. Dissertações – TECCER – UnUCSEH/UEG.</li></ol> <p>I. Reimer, Haroldo. II. D'Abadia, Maria Idelma Vieira. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU 398.3(817.3)(043.3)</p>
------	--

Elaborada por Aparecida Marta de Jesus  
Bibliotecária/UEG/UnUCSEH  
CRB1/2385

ROZÂNGELA APARECIDA DE OLIVEIRA

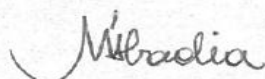
**AS RODAS DO TEMPO E A EXPRESSÃO DA CULTURA NO CERRADO:  
A ROMARIA DOS CARROS DE BOI DE MOSSÂMEDES - GO (1991-2020)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais e Humanidades Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, na área interdisciplinar, linha de pesquisa: Saberes e Expressões Culturais no Cerrado, no dia 25 de Março de 2021 para a banca examinadora constituída pelos seguintes professores:



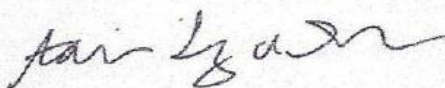
---

Prof. Dr. Haroldo Reimer  
(Presidente da banca e orientador – UEG/PPG-TECCER)



---

Prof. Dra. Maria Idelma Vieira D'Abadia  
(Coorientadora – UEG/PPG-TECCER)



---

Prof. Dr. Ademir Luiz da Silva  
(Avaliador interno – UEG/PPG-TECCER)



---

Prof. Dr. Sebastião Donizete de Carvalho  
(Avaliador externo – UNIFIMES)

Dedico esse trabalho à minha família, meus pais, Gaspar e Helena, e meus filhos Antônio e Mário Jorge. A eles os meus mais sinceros agradecimentos pelo apoio e acolhida de sempre; obrigada pelo carinho e afeto demonstrado nos mais diferentes momentos e de formas distintas. Gratidão!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus filhos Mário Jorge e Antônio que pacientemente entendem meus momentos de ausência, cansaço, alegria e frustração ao longo do tempo que estou no mestrado, especialmente agora durante o processo de escrita e finalização da dissertação.

Agradeço à minha família que me repassou os saberes do Cerrado, que narrou tantas histórias e estórias de suas participações em romarias, contribuindo com o meu processo de escrita, além de sempre incentivar os mais jovens a continuarem participando dos festejos, preservando a nossa cultura. A vocês, todo meu afeto e admiração, gratidão.

Agradeço ao meu vovô (*in memoriam*) que por meses seguidos dizia a mesma frase: “até hoje tá correndo atrás desses carros de boi, menina?”. Eu o levarei para sempre em minhas lembranças, como um homem que muito me ensinou, que deixou marcas em minha vida, deixando saudades eternas.

Agradeço às carreiras e aos carreiros que por mais de um ano me receberam com muita alegria pelas estradas de Goiás, em suas casas, sem ou com horário marcado especificamente, com a companhia do sol, a cantiga constante dos carros de boi, o vento e a poeira que a todo instante nos faz lembrar que eles são a força que representam parte da cultura do Cerrado goiano. Seus sorrisos e o entusiasmo ao me contar suas trajetórias carregadas e movidas por lembranças, companheirismo e devoção; tudo isso sempre me motivou para continuar firme em minha pesquisa. Que Deus abençoe a cada um(a) de vocês!

Sou grata aos professores do TECCER, de modo especial, ao meu orientador, Haroldo Reimer, e minha coorientadora, Maria Idelma, pelos ensinamentos proporcionados. Agradeço também ao professor Ademir Luiz, grande leitor e incentivador, com sua alegria contagiante. Feliz pelo seu aceite para poder compor minha banca de defesa e grata pelo que já aprendi por meio de suas observações feitas em minha qualificação no fim de 2020.

Agradeço ao mossamedino Donizete Carvalho, cuja trajetória de vida é inspiradora. Obrigada por me acompanhar nessa jornada, sobretudo nos momentos finais. Grata por sua participação, desde a banca de qualificação e agora no momento da defesa do trabalho final. Certamente você me inspira.

Não posso deixar de agradecer aos meus colegas do mestrado, especialmente a Sarah, Leonardo, Hevellyn, Denise e Yara. Dividimos diariamente nossas lutas, alegrias e tristezas; o desespero e a vitória em conseguir escrever mais um parágrafo. Gratidão pela partilha e por serem quem são em minha vida. Espero que nossa amizade perdure para além do período do mestrado.

Grata também ao professor e amigo Romero Ribeiro Barbosa, que durante anos me aconselhou, incentivou e contribuiu com seu conhecimento sobre festas.

Por fim, agradeço ao meu amigo e também mestrando do TECCER, Rafael Ribeiro, pois embora nos conheçamos há pouco tempo, com certeza você já somou e soma muito em minha vida. Seu olhar crítico e sugestões atentas são a minha força para continuar e entender que tudo é possível. Você é luz; gratidão meu amigo!

“Eu sou do tempo que carro de boi era algo para ir à porta para ver passar, criança dava a benção a pai e mãe, tendo professor como mestre, respeitando e amando, eu sou do tempo que brincar era algo muito bom e prazeroso, eu sou do tempo que quaresma era algo fino símbolo de luto e dor, eu sou do tempo que criança era simplesmente criança. Hoje não tem mais tempo nem de recordar o tempo que passou. Mas a certeza é que ele um dia passa e tudo fica apenas nas lembranças e nada muda, ele continua cumprindo o seu papel, percorrendo o curso da vida, onde todos ficam nas lembranças e o tempo continua a sua caminhada”.

(Reinaldo Vasconcelos Pereira)

## RESUMO

Essa dissertação se propõe a investigar a romaria dos carros de boi que acontece na segunda quinzena do mês de agosto, encerrando a festa do catolicismo que homenageia São José, santo padroeiro da cidade de Mossâmedes, Goiás. Em linhas gerais, esta pesquisa busca averiguar a história dos carros de boi em alguns continentes como a Europa e América do Sul; no caso brasileiro, os carros de boi se inserem no território, a partir da colonização. No estado de Goiás, a partir do século XVIII, suas presenças e funcionalidades estão atestadas nas lidas diárias, atuando como meio de transporte de cargas e de passageiros na época de sua colonização. Assim, os carros de boi fazem parte de uma cultura que foi apropriada por diversos sujeitos sociais, sobretudo no município Mossâmedes. Por outro lado, procura-se analisar e entender a importância da cultura, a partir da encenação dos desfiles dos carros de boi e sua significação para diferentes sujeitos envolvidos na festa de romaria, tais como: carreiros, moradores de Mossâmedes, turistas e comerciantes locais. Trata-se de pessoas que tem a festa como um símbolo de sua cultura, da sua identidade, que faz parte do seu imaginário no decorrer do ano, que fazem o que podem para que essa tradição não se perca, pois o realizar/acontecer da festa é o ponto auge para eles, é a sua realização pessoal e também coletiva. Para tanto, parte-se de uma pesquisa qualitativa, em um viés interdisciplinar, concatenando áreas como História, Geografia e Sociologia, todas do âmbito das ciências humanas e sociais. Destarte, cabe ressaltar que os carros de boi exprimem grande importância nos momentos atuais, tanto em Goiás, como também em Mossâmedes e região, enquanto expoentes de uma expressão cultural do/no Cerrado, via festa de romaria de São José, padroeiro da cidade.

**Palavras-chave:** Romaria. Tradição. Carros de boi. Cultura popular. Festa.

## ABSTRACT

This dissertation proposes to investigate the pilgrimage of ox carts that takes place in the second half of August, ending the celebration of Catholicism that honors São José, patron saint of the city of Mossâmedes, Goiás. history of ox carts on some continents such as Europe and South America; in the Brazilian case, ox carts are inserted into the territory after colonization. In the state of Goiás, from the eighteenth century, its presence and functionality are attested in daily deals, acting as a means of transporting cargo and passengers at the time of its colonization. Thus, ox carts are part of a culture that was appropriated by different social subjects, especially in the Mossâmedes municipality. On the other hand, we seek to analyze and understand the importance of culture, from the staging of ox cart parades and their significance for different subjects involved in the pilgrimage party, such as: paths, residents of Mossâmedes, tourists and local traders. These are people who have the party as a symbol of their culture, of their identity, which is part of their imagination throughout the year, who do what they can so that this tradition is not lost, because the realization / happening of party is the peak point for them, it is their personal and also collective fulfillment. To do so, it starts from a qualitative research, in an interdisciplinary bias, concatenating areas such as History, Geography and Sociology, all within the scope of the human and social sciences. Thus, it is worth mentioning that ox carts express great importance at the present time, both in Goiás, as well as in Mossâmedes and the region, as exponents of a cultural expression of / in the Cerrado, through the pilgrimage festival of São José, the city's patron.

**Keywords:** Pilgrimage. Tradition. Ox carts. Popular culture. Party.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 01	Mapa – Localização do município de Mossâmedes – GO	23
Ilustração 02	Ilustração – Planta da Aldeia de São José de Mossâmedes – GO	25
Ilustração 03	Fotografia - M.N e R.R demarcando a presença das mulheres carreiras vindas de municípios vizinhos	29
Ilustração 04	Fotografia – M.G.A e T.T.O durante a romaria na área rural de Mossâmedes	30
Ilustração 05	Fotografia – J.L.P ajudando na condução do carro de boi durante a romaria	32
Ilustração 06	Gráfico – População do município de Mossâmedes: 1989 a 2019	36
Ilustração 07	Quadro – Estrutura econômica de Mossâmedes	38
Ilustração 08	Fotografia – O uso do carro de boi na área rural de Mossâmedes – GO	54
Ilustração 09	Fotografia – Carro de boi transportando madeira na área urbana de Mossâmedes – GO	57
Ilustração 10	Fotografia - Estrutura inicial do carro de boi	61
Ilustração 11	Fotografia – Mesa do carro de boi	63
Ilustração 12	Fotografia – A canga do carro de boi	64
Ilustração 13	Fotografias – Canzil	66
Ilustração 14	Fotografias – Cambão	67
Ilustração 15	Fotografia – Peças de couro	68
Ilustração 16	Fotografia – Tamoeiro	69
Ilustração 17	Mapa - Municípios goianos que participam do desfile dos carros de boi em Mossâmedes – GO	75
Ilustração 18	Gráfico – Tempo de participação dos carreiros na festa	85
Ilustração 19	Gráfico – Participação dos carreiros em romarias	87
Ilustração 20	Gráfico – Gastos com a participação na romaria	90
Ilustração 21	Gráfico – Tempo que os moradores locais participam da romaria	93
Ilustração 22	Gráfico – Momento mais importante da festa/romaria	94
Ilustração 23	Gráfico – Lugar de origem dos turistas	98
Ilustração 24	Gráfico – Meios de informação que tornaram a festa conhecida aos turistas	99
Ilustração 25	Gráfico – Motivos que levaram os turistas a participarem da festa	100
Ilustração 26	Gráfico – Opinião dos turistas acerca do calendário de festas religiosas	103

em Goiás e do apoio do poder público a esse tipo de atividade

- Ilustração 27 Gráfico – Tipos de comércio em que os entrevistados atuam em Mossâmedes – GO 105
- Ilustração 28 Gráfico – Tempo em que os entrevistados atuam como comerciantes 106

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
Dr.	Doutor
Dra.	Doutora
GO	Goiás
Iphan	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Km	Quilômetros
M	Metros
PPGCR	Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião
PPG-TECCER	Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado
Prof.	Professor
Profa.	Professora
PUC-GOIÁS	Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Sr.	Senhor
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
UEG	Universidade Estadual de Goiás
UFG	Universidade Federal de Goiás

## SUMÁRIO

**RESUMO**

**ABSTRACT**

**LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

**LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>16</b>
<b>1 NAS RODAS DO TEMPO E DA VIDA: CONTEXTO HISTÓRICO- GEOGRÁFICO-CULTURAL DE MOSSÂMEDES – GO (1991-2020)</b>	<b>22</b>
1.1 MOSSÂMEDES: TESSITURAS PRELIMINARES	22
1.2 MOSSÂMEDES - DE ALDEIA À CIDADE: FORMAÇÃO HISTÓRICA, USO E OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO	33
1.3 O TERRITÓRIO E SUAS CORRELAÇÕES DE FORÇA E PODER NAS RELAÇÕES HUMANAS	39
1.4 PELOS CAMINHOS DA ECONOMIA MOSSAMEDINA: AGROPECUÁRIA, NEGÓCIOS E TURISMO	43
1.5 CULTURA, IDENTIDADE E SIMBOLISMO: A ROMARIA DE SÃO JOSÉ DE MOSSÂMEDES – GO	47
<b>2 OS CARROS DE BOI NA HISTÓRIA E NOS ESPAÇOS BRASILEIROS</b>	<b>51</b>
2.1 TRAJETÓRIAS ESPACIAIS DAS LIDAS DOS CARROS DE BOI NO TERRITÓRIO BRASILEIRO	51
2.2 ARTE EM MOVIMENTO: A CONSTRUÇÃO DOS CARROS DE BOI	58
2.2.1 Peças de madeira	60
2.2.1.1 O carro de boi	60
2.2.1.2 A mesa do carro de boi	62
2.2.1.3 A canga	63
2.2.1.4 O canzil	65
2.2.1.5 Cambão	66
2.2.2 Peças de couro	67
2.2.2.1 Tamoeiro	69

2.3 AS FESTAS POPULARES, O SANTO PADROEIRO DE MOSSÂMEDES – GO, E OS SENTIDOS DA ROMARIA DOS CARROS DE BOI	70
2.4 A TRADIÇÃO NAS BARREIRAS DA MODERNIDADE: A ROMARIA DOS CARROS DE BOI DE MOSSÂMEDES – GO	77
<b>3 NOS EIXOS DA TRADIÇÃO E DA MEMÓRIA: A ROMARIA DOS CARROS DE BOI DE MOSSÂMEDES – GO</b>	<b>82</b>
3.1 CARREIROS QUE PERCORREM A HISTÓRIA CONTANDO SUAS ESTÓRIAS E CRAVANDO SUAS MEMÓRIAS	84
3.2 AOS OLHOS DOS QUE AQUI ESTÃO, UM ROMPER NA LÓGICA COTIDIANA: A ROMARIA PARA OS MOSSAMEDINOS	92
3.3 MEMÓRIAS DE TODOS OS CANTOS: O TURISMO RELIGIOSO E O OLHAR DO TURISTA SOBRE A ROMARIA	97
3.4 DA DEVOÇÃO AO LUCRO: COMÉRCIO NA ROMARIA DE MOSSÂMEDES	104
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>110</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>115</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>121</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>126</b>

## INTRODUÇÃO

Apesar do estado de Goiás ter o seu processo de ocupação do território ligado às atividades mineradoras, o que por meio da ação dos bandeirantes em 1722 deu início ao processo de colonização (D'ABADIA, 2010), esse se consolidou como um território enviesado pela agricultura e pecuária. São atividades que se consolidaram após o ciclo do ouro que deu início a partir dos primeiros movimentos migratórios para as regiões dos goyazes, inaugurando a terceira década do século XVIII, e que notabilizaram a economia goiana dentro e fora do estado (PALACÍN, 1974). Para Estevam (1998) a descoberta do ouro em Goiás (1722) introduziu no cenário colonial um terceiro “eldorado” depois de Minas Gerais (1696) e Mato Grosso (1719).

Estevam (1998, p. 35) enumera três razões imediatas que levaram ao descobrimento de tais jazidas,

[...] primeiro, a busca de um caminho por terra para substituir a longa e difícil via fluvial para Cuiabá, o que era de interesse vital para as autoridades lusitanas: segundo, o momento psicológico era adequado para a preparação de uma bandeira exploradora em vista das descobertas em Mato Grosso e dos rumores da existência de ouro no coração da colônia, e, por último, o momento político também era bastante favorável devido ao encontro dos interesses da Coroa e dos mineradores afastados das Minas Gerais.

Localizado no interior do Brasil, a geografia goiana favoreceria a “costura do Brasil” e, ao mesmo tempo, estimulava os interesses dos primeiros aventureiros a encontrar algum tipo de riqueza (mais do que o aprisionamento de índios e negros fugitivos) (BARBOSA, 2014). Entretanto, com o esgotamento das minas, os interesses dos remanescentes nas terras goianas passaram a ser vinculados à agropecuária, inicialmente para “matar” a fome daqueles que permaneceram no estado, mas, sobretudo para servir ao consumo da região sudeste do país, a exemplo de São Paulo e Rio de Janeiro.

Como afirma Borges (2000, p. 15), o centro-oeste é uma criação do sudeste e, no que se refere ao setor agrário, “[...] pode ser considerado como uma reserva de acumulação primitiva para expansão do sistema capitalista”. Assim, o desenvolvimento urbano-industrial do sudeste brasileiro orientou a distribuição espacial das atividades econômicas no país, e reestruturou o espaço agrário nacional. Para o autor supracitado, o setor industrial goiano nesse período é pouco expressivo e cresce em função da renda gerada pelas atividades agropecuárias.

A mineração em Goiás não durou muito tempo, assim como não conseguiu trazer

para o território uma sustentação econômica que motivasse uma mobilidade populacional significativa e permanente nos locais que foram inicialmente explorados. Por outro lado, poucas pessoas, e com menor poder econômico, pretendiam permanecer em Goiás após o ciclo do ouro (1726-1784). A ideia dos aventureiros exploradores era, segundo Borges (2000), enriquecer e retornar aos locais de origem, mais precisamente aos estados da região sudeste do Brasil, tais como: São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Com o esgotamento das minas de ouro, de suas atuações de forma rudimentar, outros elementos deram (e justificam a cultura sertaneja de Goiás) sentido e continuidade ao processo de apropriação e uso do território goiano. Dessa maneira, conforme nos adverte Palacin (1994), a agropecuária passou a comandar os ritmos e as normas da economia e da sociedade goiana. Entretanto, claro que outros fatores antecedentes também foram de fundamental importância para reforçar ainda mais a característica do território, como por exemplo, a “marcha para o oeste”; a transferência da capital para Goiânia e a conexão ferroviária da nova capital com o triângulo mineiro (isso na metade do século XX) e, em seguida, a mudança do centro político do país, do Rio de Janeiro para Brasília, inaugurando a nova capital federal no Planalto central, isso já em 1960.

Mais recentemente, percebem-se notáveis mudanças econômicas em Goiás, iniciadas nos anos de 1970, principalmente com a modernização da agricultura, alterando de maneira significativa a estrutura produtiva do atual território goiano. Com isso o estado passou a ter destaque no cenário nacional e internacional, ganhando uma das maiores ondas migratórias do centro-oeste e também do território brasileiro. Seu espaço se viu apropriado por pessoas de diversas regiões do Brasil, a exemplo de mineiros, baianos, maranhenses, paulistas, mato-grossenses, sulistas, dentre outras.

Boa parte do espaço rural faz uso de bases tecnológicas de última geração na sua vertente produtiva e grande parte daquilo que é produzido no estado atende aos consumidores de mercados externos. Não é à toa que o estado de Goiás já é o segundo maior produtor e exportador de soja do país, sendo talvez seja por esse e outros fatores que, segundo Chaveiro (2005), o espaço goiano em apenas três décadas presenciou a passagem de uma sociedade predominantemente rural para urbana. Isso se justifica pelo fato de que o meio rural goiano cedeu espaço para o agronegócio, dispensando boa parte de sua mão de obra, ao fazer uso das novas tecnologias de produção no campo do agronegócio: insumos, defensivos agrícolas, biotecnologia, modernização de maquinários de preparação do solo, plantio e colheita de grãos diversos, além de outros elementos fundamentais em todo esse processo.

Portanto, tais perspectivas se diferenciam das avaliações feitas por viajantes

européus, como Saint-Hilaire (1975) entre os séculos XIX e XX, em que o estado de Goiás foi catalogado e rotulado como um espaço da letargia coletiva humana, onde as pessoas remanescentes do ciclo do ouro não falavam, apenas balbuciavam algo, sendo taxadas de **incompreensíveis**, rudes e incultas. Desse modo, na contramão das previsões destes viajantes europeus, o estado de Goiás vem ganhando notoriedade econômica a partir de seus vários segmentos do agronegócio: cana-de-açúcar, milho, soja, arroz, sorgo, criação de bovinos, suínos, aves e outros.

Essas metamorfoses pelas quais passou o território goiano têm reflexos na busca do espaço urbano não apenas como *locus* de moradia e de sobrevivência para a grande parte das pessoas, mas também como uma opção de entretenimento, lazer e turismo para as pessoas citadinas. Entretanto, muitas das representações culturais surgidas no meio rural são mantidas, vivenciadas e valorizadas por diversos sujeitos que foram, ao longo tempo, repassando para novas gerações suas maneiras de referenciar sua cultura e tradição.

Em Goiás existem mais de 1.400 tipologias de festas emolduradas como populares, em sua maioria festas ligadas ao catolicismo popular. São tantos momentos festivos espalhados entre seus 246 municípios que se pode escolher qual tipo de festa se quer participar. Conforme Almeida e Barbosa (2015), cada uma das festas guarda particularidades com sua característica endêmica, num aceno com o simbolismo em que representa: santos padroeiros, catiras, rodeios, pecuária, corrida de jegues, congadas, santos reis, dentre tantas outras.

Uma entre essas tantas festas do catolicismo popular em Goiás é a que ocorre anualmente no município de Mossâmedes em louvor ao seu santo padroeiro, São José (nomeado por muitos como São José de Mossâmedes). Nessa festa está há um momento que age como um dos elementos essenciais de todo o festejo; trata-se do desfile dos carros de boi, que ocorre no encerramento da celebração. O desfile teve início quando da primeira realização da romaria, em 1991 a partir da ideia de um morador, Sr. Tota, em trazer para a cidade de Mossâmedes um tipo de entretenimento que representasse os aspectos culturais da região. Assim surgiu o desfile dos carros de boi que se tornou uma tradição dentro da tradição festiva que celebração e homenageia São José. Daí em diante essa atividade se tornou atração durante a festa, atraindo um grande número de expectadores, tanto do município, quanto de outras localidades de Goiás e para além de suas fronteiras.

A presente pesquisa tem como foco esta expressão da cultura popular goiana. Nesse contexto, surgem os seguintes questionamentos, os quais agiram como subsídio basilar no desenvolvimento da pesquisa:

- Qual é a representatividade simbólica dos carros de boi para os diversos atores sociais participantes desta expressão cultural?
- Qual era a importância social e econômica dos carros de boi na história da cidade e da região?
- Como e por que esta expressão cultural resiste à massificação da atualidade?
- Como perceber, na atualidade, a relação entre agropecuária, turismo e outros negócios na sedimentação da economia local?

Portanto, a presente pesquisadora, como uma cidadã mossamedina, parte de uma vivência dos momentos festivos da romaria e, agora, deposita nesses o seu olhar acadêmico para a temática em questão. Assim, a análise partiu de um aprofundamento nos alicerces históricos que propiciaram a construção da aldeia, depois tornada cidade, e do modo pelo qual se deu a apropriação de seu território ao longo do tempo. Por outro lado, julga-se necessária uma imersão nas questões sociais e culturais, por meio da realização da romaria e dos desfiles dos carros de boi, para trazê-los à luz de uma pesquisa condicionada a uma dissertação de mestrado. Nessa perspectiva, foram pontuados alguns objetivos que fundamentaram a pesquisa, sendo eles:

Geral:

- Analisar a manifestação da romaria dos carros de boi de Mossâmedes como uma expressão cultural do Cerrado goiano.

Específicos:

- Averiguar a história dos carros de boi em Goiás (a partir do século XVIII) e suas funcionalidades na lida diária no território, enquanto meio de transporte de cargas e de passageiros da época;
- Entender a importância da cultura, encenada na romaria dos carros de boi, e sua significação para vários sujeitos sociais envolvidos na festa de romaria: carreiros, moradores, turistas e comerciantes locais;
- Discutir sobre as vantagens e desvantagens da (não) utilização dos carros de boi nas lidas diárias nos dias de hoje (século XXI);
- Refletir acerca da importância dos carros de boi nos momentos atuais, enquanto expoentes de uma expressão cultural no Cerrado via festa de romaria, na cidade de Mossâmedes – GO.

Na busca do entendimento da romaria e dos desfiles dos carros de boi e suas relações com os aspectos religiosos, sociais e culturais, alguns procedimentos metodológicos

se fizeram necessários para apreensão e análise do objeto de estudo em questão. Assim, verifica-se que a pesquisa foi norteada a partir do método qualitativo, em uma perspectiva interdisciplinar, dialogando entre áreas como História, Geografia e Sociologia.

No primeiro capítulo, intitulado “Nas rodas do tempo e da vida: contexto histórico-geográfico-cultural de Mossâmedes - GO (1991-2020)”, se primou pelas abordagens acerca da cidade de Mossâmedes e seu constructo histórico, geográfico e cultural. Nesse sentido, a história da formação do município, bem como seus pressupostos econômicos dão suportes pela maneira de como ele surge e quais os principais acontecimentos que fizeram com que viesse a se constituir. Neste mesmo raciocínio estão os elementos importantes que ligam a antiga aldeia à condição de cidade, a partir do uso e ocupação do seu território. Ainda nesse capítulo, apresenta-se a discussão do incremento da agropecuária, dos negócios e do turismo no município como aspectos essenciais à economia. No intuito de promover uma abordagem mais ampla sobre o ponto de vista teórico, serão tecidas discussões para permitir os entendimentos basilares acerca de cultura, identidade e simbolismo, associados à romaria de São José.

No segundo capítulo, “Os carros de boi na história e nos espaços brasileiros”, abre-se um espaço de diálogo, por meio de diferentes referenciais que permitem entender quais as trajetórias espaciais das lidas dos carros de boi inicialmente na Europa, depois na América com vistas ao Brasil, posteriormente a Goiás por meio de seu processo de ocupação e colonização, até chegar à cidade de Mossâmedes, não mais apenas como modalidade única de transporte, mas também enquanto protagonistas de uma manifestação cultural desse lugar. A arte na construção do carro de boi é outro assunto de igual importância quando se fala em arte em constante movimento. Por conta disso esse capítulo conta com imagens, depoimentos e descrições acerca de diferentes peças dos carros de boi, as quais dão sentidos materiais e culturais à sua existência. Assim, tornou-se necessário também realizar um diálogo sobre a modernidade, uma vez que seu entendimento contrasta e, muitas das vezes, gera contradições entre o antigo, enquanto barreiras da modernidade, e o novo, que pode ser entendido como as formas e maneiras de perceber e vivenciar os espaços, a manifestação da cultura e o sentido disso para as pessoas na atualidade, mais que isso, aos usos dos carros de boi em nesse contexto hodierno.

Por fim, no terceiro capítulo, “Nos eixos da tradição e da memória: a romaria dos carros de boi de Mossâmedes – GO”, a pesquisa chega à sua parte conclusiva (ou melhor, na pausa de um movimento das ideias) ao estabelecer um espaço de diálogo com os participantes da romaria dos carros de boi de Mossâmedes: carreiros, moradores locais, turistas e

comerciantes. Suas histórias, memórias e opiniões acerca da romaria se expressam nesse momento, sobretudo por considerar a sua relevância para a compreensão da existência da romaria e a sua continuidade (ou não!).

Quanto ao turismo, Almeida (2006) afirma que sem a presença de turistas em determinados lugares não há objeto turístico. Para ela uma das características da atividade turística é o deslocamento que se efetua do lugar de vida para o lugar dos outros (ALMEIDA, 2010). Isso conduz a outros entendimentos; o consumo de determinados espaços turísticos depende da mobilidade humana, uma vez que quem se desloca são as pessoas (turistas) e não os lugares transformados em potencialidades turísticas (CONGRO, 2005). Ou seja, o lugar “turístico” precisa de gente para que o mesmo possa continuar existindo, tal como foi apreendido.

No caso da romaria de Mossâmedes e o seu desfecho com o desfile dos carros de boi, sem os turistas, a festa ganharia pouca notoriedade midiática e populacional e sem grandes repercussões para aqueles que a procuram todos os anos, no mês de agosto. Por outro, a presença do turista também está interligada com os desfiles dos carros de boi, com a presença da população local, dos comerciantes e vice-versa. Em outras palavras, a cultura representa a identidade de um povo, por isso, segundo Rodrigues e Bicalho (2017), todas as sociedades retratam sua cultura através do seu modo de viver. Assim, as ações comportamentais, espirituais e materiais são resultados oriundos das relações sociais que perduram de geração em geração.

E ao término da pesquisa, a partir do estabelecimento de interlocuções representadas/ilustradas com a opinião dos entrevistados, o que se pode compreender é que o verdadeiro sentido da romaria, dos desfiles dos carros de boi, de cultura e cultura popular, para os sujeitos envolvidos, direto ou indiretamente, na concretização do evento festivo é o da vida, das emoções que o fazer e participar da festa proporciona a eles.

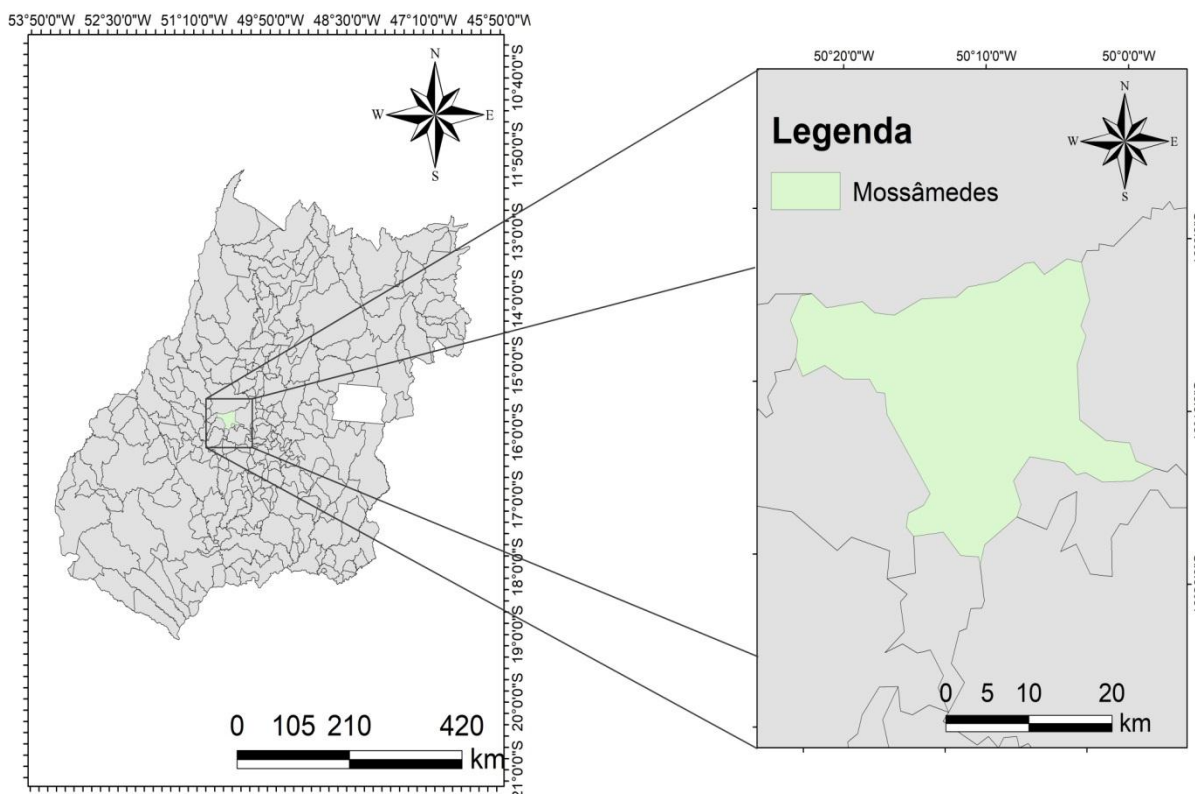
## **1 NAS RODAS DO TEMPO E DA VIDA: CONTEXTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO-CULTURAL DE MOSSÂMEDES – GO (1991-2020)**

Este capítulo realiza uma abordagem acerca da história e da economia do município de Mossâmedes, isso porque não há como analisar culturalmente um determinado povo sem compreender tais elementos. Portanto, se estabelece um olhar desde o período em que era categorizado como aldeia até a sua elevação à cidade. Em seguida é feita uma leitura do conceito de território e suas especificidades, a fim de compreender as relações humanas que são estabelecidas nesse espaço e suas peculiaridades. Por último, faz-se necessária uma breve abordagem da economia e dos negócios, os quais possuem vertentes ligadas à estruturação e consolidação do município, destacando também as atrações sazonais do turismo religioso que acontecem no município, especialmente durante a festa em louvor ao santo padroeiro.

### **1.1 MOSSÂMEDES: TESSITURAS PRELIMINARES**

O município de Mossâmedes está localizado na região centro-oeste do Estado de Goiás, a 150 km de distância da capital estadual, Goiânia. Faz parte da mesorregião do centro goiano; nas coordenadas geográficas encontra-se da seguinte forma: 16° 10' 51" latitude sul e 50° 25' 52" longitude oeste. O clima de Mossâmedes varia entre uma média de temperaturas de 24° C e 39° C anualmente.

**Ilustração 01:** Mapa – Localização do município de Mossâmedes – GO



**Fonte:** Oliveira<sup>1</sup> (2020).

Ao tomar como ponto de partida o histórico sobre o município de Mossâmedes, é importante lembrar que o processo de formação histórica do território mossamedino remonta à segunda metade do século XVIII, mais especificamente, por volta de 1775. Mossâmedes se apresenta como um dos municípios mais antigos do estado de Goiás. O seu surgimento se deu a partir de um aldeamento indígena, o qual era conhecido como Aldeia de São José de Mossâmedes. De acordo com Olanda (2001, p. 25), a referida aldeia nasceu e se estruturou sob os auspícios do Estado português, enquanto parte do planejamento de uma ocupação territorial que absorvesse a população indígena. Entre as populações indígenas presentes estavam as etnias Karajá, Javaé, Acroá, Carijós e Naundó. A duração do aldeamento foi curta, cerca de duas décadas, mas mesmo assim atendeu aos desejos e às ideias almejadas inicialmente pela coroa portuguesa.

A ideia de Portugal era definir uma estratégia de ocupação do interior por meio da

<sup>1</sup> Vale ressaltar que ao longo do texto, conforme aparecer nas fontes das ilustrações a menção a Oliveira e o ano, trata-se da autora da dissertação e a data referente a ocorrência ou elaboração de cada um desses produtos visuais, logo, ela não será referenciada ao fim do trabalho por conta das ilustrações serem também resultados de sua própria pesquisa.

criação de núcleos povoadores que receberam denominações de presídios e aldeias. Essas aldeias tinham como objetivos principais possibilitar a conversão dos índios ao cristianismo e a uma vida “educada”, de acordo com os padrões civilizatórios portugueses, como também “[...] possibilitar uma produção agropastoril para a comercialização nos arraiais, além de promover a ocupação da área do planalto central do Brasil” (OLANDA, 2001, p. 47).

A Aldeia de São José de Mossâmedes possuía caráter artificial, pois os índios aldeados formaram um agrupamento distinto, diferente em relação ao tipo de habitação e ao regime de trabalho. Palacín (1974) defende a ideia de que nas aldeias os índios encontravam-se mais protegidos contra os abusos de todo tipo, especialmente os sexuais. Para Olanda (2001), há outro entendimento que reforça e, ao mesmo tempo, amplia essa discussão, mas que também serve para justificar, conforme os acontecimentos históricos, a criação dos aldeamentos, e, nesse caso em particular, resume o acontecido em Mossâmedes. O autor assim se expressa:

O aldeamento servia, também, para possibilitar e facilitar o tráfego dos portugueses pelos caminhos das áreas mineradoras, instaladas em territórios ocupados pelos autóctones. Significa a retirada da população indígena. Os grupos indígenas destituídos dos seus territórios e confinados na aldeia sofreram as consequências da perda do território e a da autonomia e isso acabou mais que abuso, consistindo em genocídio (OLANDA, 2001, p. 27).

De todo modo, ao analisar as versões sobre a origem e os interesses na formação dos aldeamentos, é possível constatar que, independente das opiniões dos autores supracitados, os interesses partiam da vontade da coroa portuguesa. Notadamente, os interesses econômicos, que foram o objetivo maior e que deram sentido ao processo de ocupação e exploração das áreas do cerrado goiano, assim como em todo projeto de ocupação e exploração do território brasileiro.

A política de aldeamento exauriu-se com a chegada do Brasil ao regime imperial. As aldeias foram desativadas pelo Estado e abandonadas pelos índios, sendo várias extintas. A Aldeia de São José perdeu a função e a importância que tivera no século XVIII e começo do século XIX, enquanto local para o confinamento ou mesmo aprisionamento de diversas etnias indígenas. Os índios aprisionados ficavam sob a vigilância de um cacique dentro de um espaço estruturado e específico para o controle dos nativos, conforme expõe a ilustração 02.

**Ilustração 02:** Ilustração – Planta da Aldeia de São José de Mossâmedes – GO

**Fonte:** arquivo da prefeitura de Mossâmedes, 2020 (imagem digitalizada).

A Aldeia de São José de Mossâmedes recebeu esse nome em homenagem ao seu fundador, José de Almeida Vasconcellos Soveral de Carvalho, governador da província naquela época. No ano de 1778 já havia no aldeamento outras etnias, tais como os Xavante e os Acroá, atendendo ao pedido feito pelo cacique da aldeia, que solicitou também, junto ao então governador da capitania da época, Luiz da Cunha Menezes, um vigário para a aldeia a fim de instituir o cristianismo aos nativos.

A fim de promover o desenvolvimento econômico da aldeia, chegaram da Ilha do Bananal, aproximadamente, oitocentos índios no ano de 1781. Muitos desses fugiram e outros chegaram à aldeia, o que leva a entender que o fluxo de chegada e saída de nativos foi intenso no decorrer do período de aldeamento. Em meio aos novos indígenas, uma criança, em especial, chamou a atenção do governador, que a batizou com o nome de Damiana da Cunha. Convertida ao cristianismo, adquiriu ensinamentos sociais e culturais da sociedade dita “civilizada” e branca europeia.

Damiana é descrita como uma mulher de comportamento exemplar, carismática e respeitada pelos demais índios, além de possuir destaque e importância na maneira de conduzir, pacificar e doutrinar os nativos daquela época. Sobre o importante papel desempenhado na história do aldeamento, Olanda (2001, p. 89) ressalta que “Damiana da Cunha era uma mulher que se impunha entre os índios. Falando bem a nossa língua, tinha

porte elegante, era bela entre as mulheres indígenas, alegre e amável”.

O viajante e naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire, que em uma de suas expedições passou então pela aldeia de São José de Mossâmedes, em 1819, descreve-a como uma mulher “amável e tinha uma fisionomia alegre. Confirmou-me que o que já foram ditos por outros Caiapós, de que os da tribo, que vivem em estado selvagem não tem a menor ideia de Deus” (SAINT-HILAIRE, 1975, p.137).

Foi dado um enfoque em poucas linhas na personagem Damiana, por entender que seu papel social contribuiu sobremaneira para compreender os processos de transição nos contextos urbano, social e econômico. Isso porque a cidade de Mossâmedes, até os dias atuais, possui tantas outras ‘Damianas’, mulheres que desempenham papéis sociais de destaque sem ao menos terem seus nomes nos registros históricos, a exemplo das que participam da romaria, da organização das missas e novenas, nos cânticos católicos; bem como as mulheres carreiras que lidam no campo, mas também são partes integrantes do desfile dos carros de boi no município.

Se remontar um pouco na história social da mulher no Brasil, é possível observar que houve algumas mudanças significativas em relação a sua participação em diferentes cenários da sociedade. Convém fazer uma breve abordagem para melhor compreender os caminhos das mudanças ocorridas. Esse regresso na história do papel social e econômico da mulher nos conecta aos cenários vividos por elas. No Brasil, entre os séculos XIX e XX, a população saiu da condição de dependência política e econômica da Europa, realizou a abolição do trabalho escravo e entrou para uma era de regime político imperial. São mudanças políticas e sociais que se acentuam no país e que vão interferir nas relações sociais, inclusive entre os sexos, posteriormente.

Maia e Coelho (2016) advertem que no universo das profissões, da produção intelectual predominou o sexo masculino. As mulheres promoveram sua emancipação na escrita por meio da literatura e dos pequenos projetos de militância progressiva no campo intelectual, “[...] na pretensão de exaltar o pensamento histórico pela produção e atuação feminina, a partir do século XX” (MAIA; COELHO, 2016, p. 131). Ainda conforme as autoras, a tradição científica é sumariamente masculina, da mesma forma, as práticas masculinas são ditas superiores em detrimento das femininas, hierarquizadas como tal, trazendo às mulheres a privação de suas capacidades frente ao universo masculino.

Lemes (2013) destaca que a mulher brasileira, desde o período colonial até o início do século XX, vive em uma sociedade patriarcal, subordinada a uma autoridade masculina (normalmente por parte do pai, irmão, marido ou similar) e aos princípios

estabelecidos pela igreja católica. De acordo com o autor, o marido autoritário e com muitas concubinas dominava a família, sempre com muitos filhos e uma mulher que se prostrava a ser submissa em virtude das condições que lhe eram impostas. Lemes (2013) acrescenta que é importante destacar que durante o período colonial não havia uma educação formal, e a existente não era voltada para as mulheres, sendo essas totalmente excluídas do processo de instrução. Poucas mulheres conseguiam estudar, tendo que ir por vezes para Portugal; todavia, a grande maioria era educada em casa, sendo reduzida às prendas domésticas, leitura de livros de cunho moral, piedosos e rudimentos de escrita. Entretanto, o estereótipo da mulher reclusa e guardada não cabia a todas as mulheres, já que o comportamento variava de acordo com as classes sociais às quais pertenciam (LEMES, 2013).

Para Gomes, Lunas e Cardoso Júnior (2016), a sociedade brasileira é marcada por traços, cujo sistema coloca a supremacia na figura masculina, deixando de lado as mulheres, tanto em atividades educacionais quanto sociais; tal fato acaba por deixar as mulheres de forma submissa, não podendo exercer suas próprias intenções, seus desejos. De acordo com os autores, no caso da mulher rural, na maioria das vezes, é vista somente como a responsável por atividades domésticas e cuidadora dos filhos, enquanto o homem é o principal responsável pelo sustento da casa e administrador da renda familiar.

Diante do exposto, é possível perceber que na maior parte dos casos a mulher fica somente com a responsabilidade das atividades domésticas e não possui maiores oportunidades de crescimento, sejam elas sociais ou econômicas. Em Goiás, considerando os contextos sociais do século XIX, os primeiros olhares acerca dos papéis desempenhados pelas mulheres são por parte de viajantes europeus, sobretudo os naturalistas. Prado e Freitas (2018) destacam que alguns destes viajantes, a exemplo de Augusto Saint-Hilaire, quando em sua viagem à Província de Goyaz, realizada no ano de 1819, acena para um cenário bastante desolador. Nas palavras do naturalista, em sua passagem por Vila Boa (atual Cidade de Goiás), os traços da mulher goiana não tinham nenhuma delicadeza, seus gestos são desgraciosos e sua voz sem doçura; afirmou que por elas não receberem educação, sua conversa é inteiramente desprovida de encanto. E ainda, “[...] são inibidas estúpidas, e se acham reduzidas praticamente ao papel de fêmeas para os homens” (PRADO; FREITAS, 2018, p. 234).

As projeções negativas para o caso das mulheres goianas, retratadas por Saint-Hilaire, talvez tenham ressonância pelo fato de que às mulheres era negado o acesso ao ensino, pois se sabe que o acesso à leitura representa o acesso à cultura. Também se tratava de manobras e estratégias masculinas, que manejavam discursos filosóficos, a fim de mantê-las

afastadas das instâncias de poder. Por outro lado, a vida cotidiana, a vida privada e pública em Goiás, difere muito das da Europa do século XIX, de onde vinham os viajantes, exceto em ocasiões extraordinárias; as mulheres do interior do Brasil não saíam à rua senão para ir à igreja; eram, de fato, seres domesticados, sujeitas a uma vida regida pelo autoritarismo machista (LEMES, 2013).

Essa discussão sobre o papel de protagonista de Damiana Cunha e sobre as mulheres goianas enseja um excuro, com um lapso temporal, para falar do papel social da mulher brasileira e goiana, realizando uma breve abordagem acerca da atuação da mulher na contemporaneidade, destacando as transformações em relação àquelas da transição entre os séculos XIX e XX, sobretudo no caso das mulheres carreiras, no município de Mossâmedes. Conforme Domingues (1995 apud MACEDO, 1999), ao se falar na presença da mulher no desfile dos carros de boi, trata-se de uma imagética que envolve a presença feminina, participação e representação social. O autor ainda ressalta que em tempos passados da história humana e feminina, mulheres com tais predicados como a beleza, sedução e sexualidade eram consideradas “[...] perigosas, frágeis, astuciosas, encenqueiras, inconstantes e fúteis; sensuais, representavam um obstáculo à retidão masculina” (DOMINGUES 1995 apud MACEDO, 1999, p. 44).

Na atualidade é possível perceber as transformações ocorridas em relação à figura feminina. Ao considerar as mulheres carreiras de Mossâmedes, esse conhecimento empírico da vida, da participação e das transformações sociais perpassa a lógica pretérita, pois elas atualmente atuam no plantio, cultivo e colheita, além de comercializarem o resultado do seu trabalho ao lado de seus parceiros (também carreiros). Elas estão presentes cada vez mais em lugares que antes só eram destinados aos homens, mantendo viva a tradição e se afirmando enquanto mulheres empoderadas que são.

Durante a pesquisa de campo conversamos com algumas mulheres, das quais se destacam nesse momento M.N e R.R<sup>2</sup> (ilustração 03). As entrevistadas disseram que suas participações nesse universo das carreiras vêm de longa data. Segundo elas, quando termina uma romaria – encerrando com o desfile dos carros de boi – é o momento de refletir sobre os acontecimentos da última festa: mudanças nos tipos de comidas para o próximo ano; treinar melhor os bois para o desfile; convidar alguns amigos que “sumiram” para se juntar a elas; restaurar o próprio carro de boi; cuidar melhor dos bois (ração, remédio, levar ao veterinário,

---

<sup>2</sup> Respeitando a confidencialidade e o direito de ter seus nomes resguardados, as duas mulheres serão identificadas através das iniciais dos seus nomes, assim como outros personagens que aparecerão no decorrer do trabalho.

etc.); reduzir o volume de cargas que é transportado para a romaria, dentre outros aspectos importantes. Percebe-se, com base nas afirmações das duas carreiras, que muitas das ações podem ser modificadas, porém, nenhuma delas falou em “não participar” da romaria, tão pouco se a romaria deveria acabar, ainda que este não fosse o propósito da conversa, porque tais questionamentos se farão presentes no capítulo três.

**Ilustração – 03:** Fotografia - M.N e R.R demarcando a presença das mulheres carreiras vindas de municípios vizinhos



**Fonte:** Oliveira (2019).

No desfile dos carros de boi há carreiras de várias idades e regiões fora do município de Mossâmedes. Existem aquelas que estão dentro dos carros de boi, há também aquelas que vão à frente dos bois e, com uma vara, controlam o andamento e a direção dos bois (por conta desta função são chamadas de candieiras - ilustração 03). Assim, a participação, pelo menos naquele momento, consiste na condução dos bois com seus carros, durante o percurso até a cidade e também no desfile; com um simples toque no chifre dos animais, eles já param. Ao chamado da carreira, voltam a puxar o carro, que,

automaticamente, emite o som característico causado pelo atrito entre o eixo e a roda. Muitas das vezes nem mesmo é preciso fazer o uso de alguns “códigos carreiro(a)”<sup>3</sup> para ser “ouvido”/atendido pelo animal.

No desfile ocorrido em 2019, tomamos o conhecimento, de modo mais específico, de duas carreiras que moram na área rural do município de Mossâmedes, e que acordam bem cedo para colocar em prática suas atividades diárias e próprias do lugar (ver ilustração 04). Conforme afirmaram, ambas atuam em diversas frentes no sítio, desde os cuidados com a casa, filhos e animais (chamados por elas de “criação”), até o auxílio aos maridos para “tirar” o leite, limpar o pasto, carpir as produções para o próprio sustento da família, entre tantas outras atividades cotidianas. E no que diz respeito à questão da romaria do santo padroeiro, ambas foram enfáticas afirmando: “nós num perdemos nenhum desfile dos carros de bois”. Conforme seus depoimentos, quando eram pequenas, seus pais (as duas são amigas e vizinhas desde criança) trouxeram-nas para conhecer as primeiras romarias, o que as fizeram se apaixonar pelos carros de boi, e que até hoje elas, segundo afirmam, têm orgulho em participar dessa festa, da tradição, enfim de atuarem como carreiras.

**Ilustração 04:** Fotografia – M.G.A e T.T.O durante a romaria na área rural de Mossâmedes



**Fonte:** Oliveira (2019).

---

<sup>3</sup> Trata-se de expressões que os carreiros utilizam com os animais, as quais, devido ao tempo de preparação e costume que os bois têm, acabam acatando prontamente a essas formas específicas de chamado.

No decorrer da pesquisa, foi possível conhecer e conversar com várias carreiras, algumas delas pertencentes ao próprio seio familiar da pesquisadora; todas partem de uma mesma constatação, que não se veem fora dos festejos do santo padroeiro e também dos desfiles. Elas alegaram que suas vidas só têm sentido quando, após a lida do campo, aguardam os dias da festa para que seu comparecimento seja coroado por meio da participação na romaria, o que se dá por meio do desfile com seus carros de boi no último dia da festa de São José. É importante acrescentar ainda que as carreiras possuem a mesma participação no desfile se comparada à presença masculina. Isso demonstra que o trabalho que elas desempenham nas propriedades rurais, compartilhando as lidas diárias com seus pais, irmãos e maridos, havendo também nos momentos de preparação para a lida com os bois, treinando-os para os afazeres rurais e para o desfile que ocorre anualmente.

Ao longo da festa foram encontradas algumas carreiras que migraram para outros centros urbanos e desenvolvem outras atividades profissionais (professoras, empresárias, advogadas, comerciantes, manicures, vendedoras de redes comerciais de destaque, vendedoras ambulantes etc.); no entanto, ao ir se aproximando do tempo da festa de São José, retornam ao seu município natal, onde ainda têm parentes e amigos e se apropriam de carros de boi, treinam e se preparam para se fazer presente no desfile.

O caso de uma professora de português de Goiânia adequa-se perfeitamente ao que foi descrito. Demonstrando muita felicidade em seu rosto ao participar da romaria, J.L.P alega que mudou ainda muito jovem para a capital, a fim de investir nos estudos, o que era desejo antigo de seus pais, proprietários rurais e ainda moradores na mesma fazenda, no município de Mossâmedes. Para participar como carreira, como há anos faz, seus pais treinam os bois nas lidas diárias da fazenda e repassam a ela alguns “jeitos” para lidar com os bois no dia do desfile (ilustração 05). A partir desse depoimento, mas também por meio de outros, percebe-se que o processo cultural, repassado de geração em geração, é uma forte contribuição para que a tradição não se enfraqueça ou mesmo acabe. A festa gera muitos significados aos sujeitos que a vivenciam anualmente, o que promove um imbricamento entre as suas particularidades e subjetividades em relação ao ritual, a tradição da romaria; trata-se de devoção, afeto, singularidades, uma relação única e visível.

**Ilustração 05:** Fotografia – J.L.P ajudando na condução do carro de boi durante a romaria

**Fonte:** Oliveira (2019).

Todavia, a presença da mulher na festa também possui outros significados, além de somente conduzir os carros de boi. É também o momento apropriado de reencontrar amigos e parentes, que por motivos diversos acabaram se distanciando, sobretudo por terem se mudado do município de Mossâmedes. Esse reencontro com o(s) outro(s) denota significados múltiplos na vida dessas pessoas, sendo o momento de lembrar os tempos passados e as mudanças incorporadas à vida de cada um daqueles presentes, seja no decorrer da romaria ou mesmo no momento do desfile dos carros de boi.

A presença das mulheres carreiras no desfile dos carros de boi é uma demonstração de que as barreiras sociais que existiam anos atrás têm sido modificadas e o direito de se inserir em espaços distintos não está sendo mais restrito aos homens. Essa questão evidencia, no caso de Mossâmedes, uma ruptura entre os tempos da Aldeia e os dias atuais, fortalecendo laços de identidades, desterritorializando conceitos de um mundo timbrado pelos processos de globalização da economia mundial que tem repercussões nos lugares, de modo mais presente, no limiar do século XXI (SANTOS, 2008).

Raffestin (1993, p. 162), ao analisar essas transições sociais e econômicas, nos primórdios do território de Mossâmedes, alega que “com a criação e extinção da aldeia é possível detectar a existência de um novo processo de territorialidade em relação aos índios”. Muito embora para o autor este processo se torne evidente, para Haesbaert (2008, p. 48), ao refletir acerca da ideia da “desterritorialização”, ele afirma que “[...] não há dúvida de que os vários conflitos pela defesa das fronteiras, por exemplo, demonstram que permanecem relevantes as referências espaciais para a definição e fortalecimento de identidades”. Assim, ao analisar sob outra perspectiva, descentrada na ideia de território e identidade, é possível entender que durante o processo de aldeamento não havia referências humanas para se estabelecer um vínculo da população local (índios, negros e europeus) com um nexo provedor de identidades territoriais.

As expedições foram inúmeras, mas também as fugas eram constantes, pois a configuração territorial não se concretizava em função da mobilidade de toda a sorte de pessoas. Com as transformações ocorridas pela extinção da aldeia, o local passou à condição de povoado em 1845, perdurando nesta condição até 1952. Logo em seguida acontece o desmembramento do “novo” povoado da Cidade de Goiás, então a capital do estado, passando a ser oficialmente o município de Mossâmedes a partir de 1952. Desse modo, com a dissolução das aldeias, nota-se um novo processo de territorialidade, destituindo o espaço outrora construído pelos indígenas até o desmembramento, tornando-se Freguesia de São José de Mossâmedes. Na seção seguinte abordaremos mais acerca do município de Mossâmedes, sua formação histórica, econômica, bem como suas formas de uso e apropriação do território.

## 1.2 MOSSÂMEDES - DE ALDEIA À CIDADE: FORMAÇÃO HISTÓRICA, USO E OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

A economia goiana tornou-se, nas observações de Borges (2000), essencialmente agrária após o período da mineração, com um baixo índice de circulação monetária. Para o autor, “o isolamento geográfico e a falta de meios de transporte e comunicação dificultaram o desenvolvimento de práticas mercantis até o início [do] século (XX)” (BORGES, 2000, p. 93). O autor complementa pontuando que os carros de boi e as tropas eram os meios de transporte disponíveis em Goiás até esse momento, ainda que ambos com capacidade de carga limitada. Para complicar, além de transitar nas estradas apenas na estação seca, o custo do transporte com carros de boi era demasiadamente alto devido à pouca capacidade de carga (BARBOSA, 2014). A agricultura goiana, mesmo permanecendo tradicional no seu conjunto,

respondia com crescimento da produção aos estímulos advindos com o aumento da demanda de alimentos no mercado da região sudeste do país (BORGES, 2000).

No que tange à formação territorial e econômica de Mossâmedes, essa não foi diferente da maioria dos municípios goianos após o ciclo do ouro, ainda que nos tempos do aldeamento, naquele local, o objetivo não fosse a exploração desse metal precioso. Boa parte dos municípios goianos entraram em uma nova estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás, conhecida como “o tempo da transformação” (ESTEVAM, 1998). Com o fim do aldeamento e a sua elevação à condição de município, como já mencionado, Mossâmedes adentrou uma nova arena de formação territorial e, por conseguinte, econômica.

Para Olanda (2001), a partir desse momento, Mossâmedes situa-se como o “embrião” que originou três outros municípios: Sanclerlândia, Adelândia e Buriti de Goiás, localizados na microrregião de Anicuns e mesorregião centro goiano, conhecida também como “região do antigo Mato Grosso de Goiás”. Até esse momento histórico, caracterizava-se como uma região dotada de uma diversidade de espécies vegetais de grande porte que, biologicamente, destoam do bioma Cerrado (ARRAIS, 2004; BARBOSA, 2007). Dessa forma, a ocupação do Mato Grosso de Goiás foi intensificada e a região de Mossâmedes se constituiu como um atrativo importante devido às condições ambientais favoráveis ao cultivo de produtos agrícolas, tais como arroz, milho e feijão (OLANDA, 2001).

Com a chegada dos mineiros à região, oriundos do oeste de Minas Gerais e do Triângulo mineiro, estes tiveram papel importante no povoamento e na formação desse lugar (OLANDA, 2001). Os mineiros fincaram suas raízes e fundaram povoados, constituindo núcleos urbanos nessa região, tais como Adelândia, Buriti de Goiás e Sanclerlândia, como já citado anteriormente, os quais eram distritos de Mossâmedes, vindo a se tornar municípios posteriormente. De acordo com os dados do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1940, havia em Goiás 69.602 imigrantes advindos de Minas Gerais (IBGE, 2020). Para Olanda (2001) é importante lembrar que na década de 1940, com a política governamental embasada na chamada “marcha para oeste”, o estado de Goiás foi se transformando por meio de diversas intervenções do poder público.

Algumas dessas intervenções colocaram o Mato Grosso de Goiás em evidência, especialmente em função dos seguintes pontos:

a transferência da capital do estado para a cidade de Goiânia, localizada no extremo oriental da região; iniciativas de colonização, com destaque para a CANG (Colônia Agrícola Nacional de Goiás), implantada na parte norte da região; a abertura de estradas de rodagem e a melhoria das já existentes contribuíram para a implantação de loteamentos particulares como foi o caso de

Firminópolis e a ocupação espontânea. Dessa forma, a ocupação do “Mato Grosso de Goiás” é intensificada e a região de Mossâmedes constituiu-se num atrativo importante devido às condições ambientais favoráveis ao cultivo de produtos agrícolas tais como arroz, milho e feijão (OLANDA, 2001, p. 33)

Por muito tempo, Mossâmedes se consagrou em função de seus aspectos econômicos ligados à agricultura e à pecuária, servindo como base do sustento, pois saíam do município os alimentos fornecidos para a Cidade de Goiás, então ainda capital. Situada na zona de transição entre as regiões aurífera e pecuarista, economicamente o município não era muito atrativo para que os grandes empreendedores pensassem em investir e nele se instalar. Outros fatores econômicos e políticos contribuíram também para o crescimento do estado, mas, ao mesmo tempo, distanciou a expansão de Mossâmedes.

Exemplo dessa questão foi a marcha para oeste, que se sedimentou com a construção de Brasília e a transferência da capital para Goiânia, fazendo emergir uma nova dinâmica territorial. A construção da ferrovia que partia da cidade de Anápolis também se inscreve neste processo. Esses elementos são fruto de uma política nacional que objetivava impulsionar a ocupação do território brasileiro rumo à região oeste, que ainda era pouco povoada, principalmente se comparado às áreas litorâneas do Brasil.

A ocupação do município de Mossâmedes facilitou uma maior exploração do solo e o plantio de grãos, como feijão, arroz, milho e outros. Esses grãos tinham como destino a região sudeste do Brasil, sendo o restante levado para a Cidade de Goiás. Nesse novo cenário geográfico, econômico e social, Mossâmedes passou, então, nas palavras de Martins (1994, p. 86), a apresentar condições de uma frente pioneira, não sendo somente ocupada, como também reunia “condições de influir na divisão do trabalho de todo o país”.

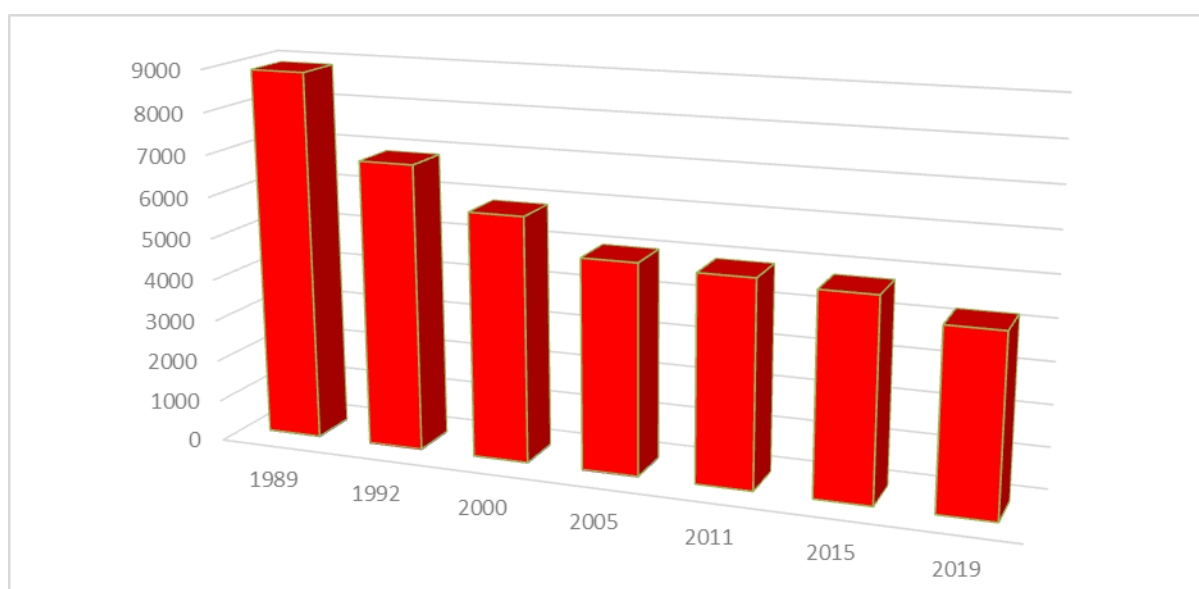
Após a transição de aldeia para município, a agricultura, ainda como destaque econômico, passou por transformações, deixando ferramentas como o machado, o arado com tração animal e a foice em segundo plano. Nessa nova onda de transformações na divisão do trabalho, algumas funções bastante tradicionais foram substituídas por modelos considerados “modernos” e mais eficazes. No lugar do arado puxado por cavalos ou bois, agora passaram a circular os tratores e a roçadeira. A criação do gado de leite abriu espaço para o gado de corte, a exemplo da raça nelore. A mecanização também avançou e foi intensificada, o que fez com que o trabalhador rural sofresse com essas transformações, sobretudo em função de uma ausência de qualificação para atuar junto a essa nova realidade. Há ainda o aumento de insumos industrializados, limitando o acesso à terra aos pequenos agricultores.

Conforme afirmam Fraser e Gondim (2004, p. 98), é possível entender que “[...] a

situação da economia em relação ao campo, torna-se extremamente contraditória, já que existe, ao mesmo tempo um estímulo à modernização e a empresarialização e sabe-se a situação tradicional é que produz excedentes para a formação da economia nacional”.

Nota-se que com o surgimento dos novos municípios, há também o processo de expansão territorial das áreas de cultivo, com o desmatamento e a formação de pastagens para a criação de gado. Em decorrência da mecanização do trabalho, a população do município de Mossâmedes começou a diminuir. Na ilustração 06 pode-se notar a diminuição da população em um lapso temporal de duas décadas.

**Ilustração 06:** Gráfico – População do município de Mossâmedes: 1989 a 2019



Fonte: IBGE (2020).

Com base na ilustração 06 é possível constatar que no ano de 1989, a população do município de Mossâmedes ultrapassava os 8.000 habitantes, contudo, vinte anos depois, em 2019, a cidade conta com apenas 4.290 habitantes. Essa perda demográfica percebida pode ser explicada ao se considerar os processos de mecanização do campo, em que a mão de obra humana começou a se inserir em um universo concorrencial com as novas tecnologias de produção empregadas no campo, sobretudo na questão agrícola e pecuária. Entretanto, essa não foi uma exclusividade apenas para o caso da cidade de Mossâmedes. Tanto o território brasileiro quanto o território de Goiás são refratários dessas mudanças ocorridas nas tecnologias de produção que interferiram na dinâmica estrutural local.

Para Borges (2000, p. 103, grifo do autor), o processo de substituição das lavouras pela pecuária foi acompanhado pelo aumento da concentração da propriedade do

espaço rural, pois “nas áreas ocupadas pela atividade pastoril, a tendência foi a formação de grandes propriedades fundiárias. A pecuária extensiva garantia o domínio de grandes áreas de terra que se transformavam em “reserva de valor””. O autor citado nomeia esse processo de “pecuarização das lavouras”. Assim, o agricultor, em geral o pequeno produtor, era expulso para as zonas de fronteira. Nesse sentido, constata-se que outras porções de terras, com o passar do tempo, foram sendo aglutinadas em espaços únicos, pertencentes a um grande detentor de terras, mas também de capital e tecnologias de produção. Esse é um cenário que perdura até os dias de hoje.

Estevam (1998) afirma que o aumento da oferta de financiamento para as áreas dos cerrados foi intenso. Para o autor, “a agropecuária do cerrado tornou-se moderna e produtiva graças à geração e difusão de novas técnicas. O estímulo financeiro estatal ao setor equiparou-se à produção bruta do setor na abrangência de Goiás e Mato Grosso” (ESTEVAM, 1998, p. 168). Desse modo, o autor ainda acrescenta que “[...] a atuação do Estado, quer pelos investimentos em infraestrutura econômica quer via estímulos fiscais e financiamentos foi decisiva para a ocupação de áreas no planalto central do País principalmente a partir de 1970” (ESTEVAM, 1998, p. 170). Esse cenário modernizador pode ser muito bom para o desenvolvimento do capitalismo, porém, ele traz danos sociais, uma vez que a população que outrora era alocada no campo perde seu espaço e fonte de renda.

Com as atividades do campo sendo modernizadas, somadas à falta de estrutura e postos de trabalho na cidade, houve então a migração de grande parcela da população para os grandes centros. Sobre esse fenômeno, Prado e Freitas (2018, p. 119) observam que “quando há desequilíbrio entre a comunidade e suas reais necessidades, essa comunidade pode ser abandonada por parte dos seus membros e estes agregam-se a outro habitat”. Nesse sentido, percebe-se que as condições urbanas, tais como a falta de estrutura e a de instalação de indústrias para oportunizar novas possibilidades de emprego para a população local, levou a cidade a um lento desenvolvimento econômico e humano.

Para tanto, nas palavras de Flora (2003), a configuração econômica do município e o distanciamento da cidade até a capital não a tornou propícia à industrialização, restando a Mossâmedes o título de fornecedora de produtos primários para a capital e outras partes do Brasil, a exemplo da região sudeste, mais especificamente para os estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Entretanto, para fugir desse cenário que considerava a economia oriunda das atividades ligadas à agricultura e pecuária, o município passou a incrementar e, ao mesmo tempo, associar suas economias aos novos signos do

consumo da sociedade, inserindo novos patamares na diversificação de sua economia. O crescimento do comércio urbano do município pode ser um aspecto refratário do processo de migração da população rural, que com o tempo, teve que buscar alternativas de sobrevivência.

No contexto atual (2020), o município de Mossâmedes apresenta uma diversificação em relação aos seus estabelecimentos comerciais, o que retrata o perfil de desenvolvimento atual do município, conforme expressa a ilustração 07.

**Ilustração 07:** Quadro – Estrutura econômica de Mossâmedes

<b>Identificação</b>	<b>Quantidade</b>
Varejista e mercadorias em geral	35
Vestuário e acessórios	19
Açougue	17
Igreja	14
Distribuidoras de bebidas	7
Farmácia	4
Padaria	3
Escola	3
Creche	3
Posto de combustível	3
Sorveteria	2
Hospital	1
Hotel	1
Banco	1
Frutaria	1
Casa lotérica	1
Lanchonete	1

**Fonte:** Prefeitura Municipal de Mossâmedes (2020).

**Organização dos dados:** Oliveira (2020).

Esses são alguns dos exemplos de como a realidade econômica do município de Mossâmedes se alterou se comparada aos tempos da Aldeia de São José. Houve uma drástica mudança das dinâmicas implementadas no uso de seu território e a sua força em relação ao local. Por conta disso, o território, suas correlações de força e poder nas

dinâmicas humanas é o nosso propósito de continuidade acerca do município de Mossâmedes.

### 1.3 O TERRITÓRIO E SUAS CORRELAÇÕES DE FORÇA E PODER NAS RELAÇÕES HUMANAS

Para Saquet (2007, p. 169), “a identidade deriva do agir coletivo dos sujeitos, como portadores de práticas e de conhecimento construtores do território e de novas lógicas indenitárias aos lugares”. Por conta desta definição, é possível compreender que a romaria dos carros de boi de Mossâmedes se constitui como uma importante manifestação da cultura local, o que promove um entendimento de que a categoria “lugar” se apresente como mais apropriada para a análise do objeto de pesquisa. Entretanto, será também utilizada a categoria “território” por principiar as seguintes observações: no universo festivo da cidade, com a apresentação (desfile) dos carros de boi, participam pessoas não só do município de Mossâmedes, mas também de várias regiões que englobam a construção territorial do município em questão. Assim, há a presença de carreiros, visitantes e turistas de outras territorialidades, o que contribui para o momento festivo, dando ao mesmo o seu caráter de tradição. Logo, destaca-se a percepção da mobilidade de múltiplos sujeitos e intercâmbios regiões a serem analisadas a partir da ótica do território.

Para Morin (2000), o conhecimento dos problemas centrais tem que ser perseguido, mesmo sabendo da impossibilidade de se conhecer todas as transformações multiformes no mundo. Devido à Geografia, enquanto ciência social, estar diretamente ligada a essas transformações, será feita uma discussão sobre “território” como uma categoria de análise geográfica, no intuito de melhor entender o objeto de pesquisa proposto. De acordo com Olanda (2001), o território é um dos conceitos mais amplamente trabalhados e debatidos pela Geografia. Morin (2000) ainda expõe que na Geografia clássica, Ratzel é uma das grandes referências para o conceito de território, pois nas idealizações conceituais procedidas pelo estudioso alemão, o território tem uma forte vinculação com o Estado, o qual por mais simples que seja não pode prescindir do território.

Morin (2000) aponta que Ratzel se preocupava com a consolidação e expansão do Estado alemão. Ele efetuava uma abordagem geopolítica, entendendo o território como área e recursos naturais (solo, água, clima, entre outros). Assim, torna-se nítida a demonstração da importância da natureza exterior ao homem, condicionando a expansão no espaço, a miscigenação e a própria organização social, o que implica na constituição do Estado como a

principal forma de poder e controle. Há outros autores que seguem a leitura da abordagem territorial, destacando ainda mais o jugo de poder, a relação humana e o jogo de atuação por parte do Estado. Para Silva (1995), o território é um campo de forças, uma teia ou uma rede de relações sociais por conta da sua complexidade interna; ele define ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre “nós” (o grupo, os membros da coletividade ou “comunidade” os *insedrs*) e os “outros” (os de fora, ou estranhos, *considers*).

Entretanto, é possível antever nesse estudo que não há conceitos que podem ser analisados como sendo portadores de uma simplicidade dialética em sua essência de abordagem, pois, pelo contrário, cairíamos numa abordagem reducionista da interpretação do território. Em outra via interpretativa, Saquet (2007) afirma que todo conceito possui uma história, com seus elementos e suas metamorfoses; há interações entre seus componentes e com outros conceitos; e há também um caráter processual e relacional num único movimento de pensamento, com superações.

As mudanças significam, ao mesmo tempo, continuidades e descontinuidades, um processo de descontinuidade-continuidade-descontinuidade, em um único movimento. Saquet (2007), reforçando o diálogo territorial, evoca a ideia das relações de poder de um determinado espaço (que o autor chamou de território de “compartimento” do espaço) adquiridas ao longo da história da sociedade. De acordo com Saquet (2007, p. 27),

as relações de poder têm sido efetivadas historicamente, em consonância com as características de cada sociedade. Envolvem relações (i) materiais, tanto geopolítica como econômica e culturalmente [...] se o território é um compartimento do espaço como fruto de sua diversificação e organização, ele tem duas funções principais: a) servir de abrigo, como forma de segurança e, b) servir como trampolim para oportunidades. Segurança e oportunidade requerem uma organização interna do território bem como relações externas, de poder e dominação. Assim, o território assume distintos significados para diferentes sociedades e/ou grupos sociais dominantes.

Até esse ponto, faz-se visível que não se pode realizar a análise territorial desvinculada do Estado ou mesmo das relações de poder nas quais está assentada a sociedade ao longo de sua história. Dessa maneira, a questão da soberania, tanto do Estado como também do território, está intimamente justificada pela sua jurisprudência. Semelhante observação é evidenciada por Haesbaert (2004), ao dizer que o conceito de território é demasiadamente amplo e tem sido apreendido por várias áreas do conhecimento, sendo que cada uma apresenta uma perspectiva própria. Para Almeida (2005, p. 104), “[...] há uma polissemia em relação ao vocábulo território [...]”. Ela ainda afirma que “[...] o território ele o é, para aqueles que têm uma identidade territorial com ele, o resultado de uma apropriação

simbólico-expressiva do espaço, sendo portador de significados e relações simbólicas” (ALMEIDA, 2005, p. 109).

Em Raffestin (1993) também há concepções de vinculações entre espaço, território e poder regido pelo Estado. Para o autor é essencial compreender bem que o espaço é anterior, sendo assim, o território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por ator sintagmático. Raffestin (1993, p. 143) pondera que

há uma construção do território por múltiplos atores e não há um atributo quase exclusivo do Estado. Este constitui-se num dos atores na construção do território e não o ator evidenciado na concepção retzeliana. O poder, nas suas diferentes dimensões constitui o centro da conexão para as construções territoriais, o que indica que todo indivíduo ou organização que detenha poder acabe tornando-se num construtor de territórios

Contudo, há de se perceber que a leitura do território permite a concepção e a imbricação de múltiplas relações de poder, de uma polissemia, de símbolos e de escalaridade, por se constituir, historicamente, em níveis sedimentados como o local, o municipal, o estadual, o regional e o país. E, mais ainda, não há uma unicidade na categorização do conceito, uma vez que sua definição, se é que podemos dizer assim, abrange uma multiplicidade de atores espaciais, sociais e jurídicos. Nesse sentido, há de se concordar que o território, como afirma Haesbaert (2008, p. 399), “[...] é um dos conceitos em que melhor expressa uma abordagem integradora [...] o território é um dos conceitos mais tradicionais da geografia”.

O conceito de território, a partir de uma abordagem econômico-material, ampliando a discussão da conceituação categórica em Geografia, é entendido por Santos (1994; 2008), como um território “usado”. Conforme o autor, o território significa objetos, ações e a constituição de redes, o que o faz poder ser compreendido como sinônimo de espaço geográfico socialmente organizado ou, ainda, como é denominado por Saquet (2007) um “quadro de vida e híbrido”. Esse hibridismo do qual o território é portador é entendido em Haesbaert (1994) por meio das multiplicidades de poderes através dos múltiplos agentes/sujeitos envolvidos. Para ele, todo território é funcional e simbólico. Há território como dominação e território como apropriação simbólica.

Concordamos com Almeida (2005) de que a análise do território perpassa outras instâncias do devir humano, que não podem ser dissociadas. Nesse “devir humano”, há um convite a ver no território uma categoria dotada de múltiplas representações de escala, tanto territorial quanto de poder, em uma dimensão jurídica, política, afetiva e uma apropriação

simbólica de um espaço por uma coletividade (ALMEIDA, 2010; 2011). Nesse sentido, o conceito da autora aproxima-se ao de Saquet (2007), pois, para ele, é necessário que tenhamos sutileza e habilidades ao lidarmos com o conceito de território, pois cada sociedade produz seu(s) território(s) e territorialidade(s) a seu modo, em consonância com suas normas, regras, crenças, valores, ritos e mitos, com suas atividades cotidianas. Contudo, nem todos os autores analisados até aqui, comungam de uma mesma linha interpretativa acerca da análise territorial. Santos (1996; 2008), por exemplo, realiza uma abordagem do território a partir dos elementos impregnados pelas forças e as diferenças regionais de cada lugar e, sobretudo, pelas guerras dos lugares que são motivadas pelas grandes corporações (empresas).

Ao refletirmos acerca das funcionalidades do território, especialmente no caso brasileiro, bem como suas ações na construção espacial, evidencia-se a realidade humana e sintetiza as relações entre sociedade e natureza mediatizada por forças das ações e dos objetos, do meio natural e do meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 1996). O autor insiste na importância da evolução das técnicas e das tecnologias que tiveram papéis destacados nas transformações espaciais, econômicas e sociais ao longo da história da humanidade, especialmente a brasileira. E para isso, há a implicação de lógicas espaciais no contexto dos circuitos da produção de determinado território ou região (SANTOS, 1996).

Assim, Santos (1996) ressalta que as lógicas se estabelecem quando há na própria arquitetura do território aqueles que “mandam” e os que “obedecem” aos impulsos coordenados pela força que alguns lugares exercem sobre outros. Cada região é timbrada pela difusão diferencial do meio técnico-científico-informacional e pelas heranças do passado. Portanto, na obra do referido autor, o valor do território está nas regiões que detém o poder de decisão, seja ela política ou econômica, naturalmente, aquele valor territorial mediado pelos interesses das grandes empresas. A análise feita pelo autor apresenta-se cadenciada e teleguiada pelas ações dos acréscimos da ciência, da tecnologia e do capital.

Contudo, na análise de Santos (1996), há uma linguagem uníssona que revela que a importância do território se torna mais valorizada a partir de percepção enquanto “território usado”. Isto é, toda análise espacial ou territorial só é levada a cabo a partir dos seus usos sociais, econômicos e materiais; claro que considerando as diferenças regionais a partir das diferenças dos lugares. E ainda mais, da informação e do conhecimento; da (re)organização produtiva dos lugares; dos circuitos espaciais da produção; dos sistemas financeiros; da (re)distribuição da população; da vida histórica e das formas; da economia; da densidade do uso de técnicas; das rugosidades; do trabalho; da força dos lugares; das regiões; do processo da urbanização, entre outros (SANTOS, 1996).

Ao fazer o uso da expressão “território usado” (SANTOS, 1996), busca-se entender o município de Mossâmedes a partir de suas transformações econômicas, sociais e materiais que contribuíram sobremaneira para que a própria cidade e seu contexto territorial engendrassem sua história. A romaria dos carros de boi entra nesse viés de construção, da valorização e da manifestação cultural que amplia o sentido do lugar e da vida às pessoas que nele estão. Portanto, enfatiza-se que a presente análise é norteada pelos diálogos guiados por Haesbaert (2004; 2008), Almeida (2005; 2010; 2011), Raffestin (1993) e Saquet (2007), uma vez que suas discussões contemplam o objeto de estudo de modo mais denso na relação sociedade, natureza e cultura.

As contribuições dos autores citados remetem a um referencial tendo no poder do Estado a força da representação e controle do espaço, por conseguinte, da sociedade. Somado a estes aspectos jurisdicionais estão as relações humanas que aqueles autores trazem na interpretação do território. Pois, conforme analisa Haesbaert (2004), no território há uma forma integrada de agenciamento coletivo, de enunciação e um agenciamento maquínico de corpos. Desse modo, a seção seguinte aborda as questões econômicas que dão subsistência ao município de Mossâmedes, a exemplo da agropecuária, dos negócios e também do turismo, a partir das visitas na reserva biológica localizada na Serra Dourada, próxima de Mossâmedes e pertencente à Universidade Federal de Goiás e o movimento demográfico em função das festas de santos padroeiros a exemplo do Divino Espírito Santos e São José.

#### 1.4 PELOS CAMINHOS DA ECONOMIA MOSSAMEDINA: AGROPECUÁRIA, NEGÓCIOS E TURISMO

De acordo com Estevam (1998), as regiões são parte integrante da dinâmica geral do processo capitalista brasileiro. Todavia, os germes de transformação, em cada fração do território, tomaram forma diferenciada em função de peculiaridades temporais, espaciais e institucionais. Nesse sentido, “o Estado de Goiás é resultado particular do processo de desenvolvimento capitalista brasileiro, que não se trata de um espaço isolado e sim de fração integrante e interdependente da sociedade nacional” (ESTEVAM, 1998, p. 25). Nessa direção, é importante acrescentar que em Goiás os indícios apontam que o minerador esteve fortemente voltado também para o cultivo agropecuário, tratando-se de importante especificidade regional na economia mineradora. Por conta disso, a qualidade das terras goianas, em sua totalidade, possibilita seu aproveitamento agropecuário sem maiores restrições, pois apenas 14,5% do território não tem aptidão natural para o cultivo

(ESTEVAM, 1998).

Para Flora (2003), o município de Mossâmedes, em suas relações econômicas dentro da microrregião de Anicuns, é marcado por uma posição de rede urbana que o caracteriza como fornecedor de matéria-prima para as demais localidades vizinhas, nas quais já existe um maior grau de industrialização. A principal atividade econômica é a pecuária, sendo a produção leiteira a mais expressiva na região, pois representa um total de 0,42% do total da participação relativa no estado, segundo os dados apresentados pela SEPLAN (2001). Entretanto, paralelamente à pecuária leiteira, outras modalidades econômicas são desenvolvidas no município, tais como: produção de grãos, mineração (extração de calcário), pecuária de corte (em alguns confinamentos) e granjas (em parceria com a empresa Super Frango).

Flora (2003) adverte que essas atividades econômicas, ligadas ao setor primário da economia, se estabelecem no município em função de fatores determinantes externos, ou seja, as atividades existem no município em virtude das demandas de indústrias que se localizam naquela mesorregião central do território goiano. A título de exemplo podemos citar alguns destes empreendimentos industriais de produção de leite. A produção de leite em Mossâmedes é comercializada diretamente pelo Laticínio Morrinhos, em sua unidade na cidade de Sanclerlândia, a 14 km de distância. Quanto à produção de frango, essa é realizada em galpões especiais, pelos proprietários rurais, resultando da parceria entre estes proprietários e a Super Frango, indústria com sede no município de Itaberaí, distante a 45 km de Mossâmedes. Já quanto à produção de grãos e a criação de gado de corte, é possível dizer que a maior parte da colheita de grãos (arroz, feijão, milho e outros), bem como a produção bovina é comercializada nos estabelecimentos comerciais do município de Mossâmedes, e em sua micro e mesorregião.

Notamos, entretanto, que a relação econômica entre o município de Mossâmedes e seus vizinhos regionais com maior potencial de desenvolvimento industrial é paradoxal. Porém, não podemos deixar de acrescentar que, mesmo sendo desigual, acaba por ser complementar à renda gerada nesse município em análise. A realidade econômica de Mossâmedes também descortina outros fatores que desencadeiam desigualdades. Os reflexos desiguais incidem, diretamente, sobre a sociedade e a economia local, uma vez que aquele modelo econômico constatado no município privilegia a mão de obra voltada ao setor primário da economia, tornando importante acrescentar que, mesmo estes, são em número insuficiente para dar conta de postos de trabalho para a população local. Somados a tais fatores estão ainda, por exemplo, o maior nível de escolaridade da população local, a

quase ausente representatividade do setor secundário e terciário da economia; a concentração de renda em boa parte dos pecuaristas; o pouco rendimento dos pequenos proprietários rurais em números significativos na região, além de outros (OLANDA, 2001).

Os fatores apontados anteriormente se associam, no âmbito municipal, e vem desencadeando o fenômeno da emigração, que não se verifica somente no caso da cidade de Mossâmedes. Por conta disso, esse município vem sofrendo com o decréscimo de sua população nos últimos vinte anos, conforme já foi explanado acima. Tal fato torna-se explícito por meio da análise da ilustração 06, em que consta que a população do município, em 1989, era mais de 8.000 habitantes, no entanto, em 2019 cai quase pela metade, contabilizando 4.290 moradores. Contudo, cabe ressaltar que a emigração é um processo recorrente em muitas cidades brasileiras, especialmente naquelas em que não existem políticas públicas voltadas para a resolução do problema das emigrações que é quase diretamente associado a fatores econômicos regionais.

Os remanescentes locais de Mossâmedes que residem no espaço urbano e dependem desse para sobreviver e trabalhar dispõem apenas de duas outras modalidades de oferta de trabalho. A primeira delas está relacionada aos negócios no município, que pode ser percebido nos estabelecimentos comerciais locais, tais como: açougues, varejista e mercadorias em geral, lanchonetes, casa lotérica, frutarias, sorveterias, banco, hotel, distribuidoras de bebidas, etc. Há também na cidade outras atividades menos expressivas economicamente, mas de grande importância na expectativa da busca da renda e que, na maioria das vezes, são conduzidas pelos próprios familiares de maneira informal, de porta em porta. Entre essas atividades, destacam-se: venda de bolos e doces caseiros; frutos típicos do cerrado; ovo caipira; artesanatos; prestação de serviços de pedreiros e serventes, dentre outros que fomentam e sustentam a população local.

A segunda atividade que promove emprego e renda, ainda que de maneira sazonal, é o turismo. Distante a 3 km de Mossâmedes, situada na Serra Dourada, está a reserva biológica da Universidade Federal de Goiás (UFG). Esse espaço funciona como um laboratório ao ar livre, recebendo a reserva pessoas de diversas localidades (pesquisadores, alunos, professores e turistas) com a finalidade de visitação e pesquisas dos vários componentes da flora e da fauna disponíveis naquela localidade. Por conta da proximidade com o município de Mossâmedes, muitos daqueles que visitam a reserva biológica se hospedam em instalações no município, o que gera rendimentos para os proprietários de estabelecimentos comerciais locais.

Dentro da sazonalidade turística há também outra modalidade de movimento

em direção à cidade de Mossâmedes e que contribui com a economia local: o turismo religioso. Uma quantidade significativa de pessoas visita à festa do Divino Espírito Santo, a qual acontece no mês de maio, e a tradicional Romaria de São José (padroeiro da cidade de Mossâmedes), que acontece no mês de agosto. De acordo Almeida e Barbosa (2015), as festividades estão presentes desde o aparecimento da humanidade sobre a terra, delimitando uma relação espaço-temporal imbricada à existência humana; essas possuem uma ampla significação, bem como as motivações de seus simbolismos populares.

Há registros que indicam que existem mais de 1.400 eventos tipificados como festas populares no calendário festivo goiano; destas, mais da metade são de santos padroeiros e romarias (ALMEIDA; BARBOSA, 2015). Dentre as mais expressivas estão a Romaria do Divino Pai Eterno na cidade de Trindade<sup>4</sup> e as Congadas de Catalão (que acontece no mês de outubro). Cabe ressaltar que o fato de serem mais ou menos expressivas não determina a sua relevância, pois elas são importantes nos aspectos da manifestação da cultura popular, e contribuem, de maneira significativa, para o desenvolvimento do turismo regional e/ou local.

No caso da Romaria de São José de Mossâmedes, o auge da festa se dá com os desfiles dos carros de boi, rito que encerra a manifestação e que atrai para o município uma grande quantidade de pessoas, com finalidades, devoções e objetivos diversos no acontecimento festivo. Esses festejos dão contribuições significativas à economia da cidade, uma vez que a arrecadação municipal vê nessa oportunidade (o turismo religioso) um momento para receber, mas também para distribuir renda na forma de assistências sociais ao menos favorecidos, assim como o investimento em áreas de infraestrutura urbana, como rede de esgoto, asfaltamento, iluminação, melhoria das instalações elétricas e etc.

Cabe destacar que, nos dois festejos elencados, o município de Mossâmedes recebe um grande número de turistas, devotos e donos de barracas com uma diversidade de produtos para serem comercializados. Conforme dados informados pela Prefeitura do

---

<sup>4</sup> “O dia da grande Festa do Divino Pai Eterno é o primeiro domingo do mês de julho de cada ano. Durante os nove dias que o antecedem, são celebradas missas e novenas; ocorrem encontros de jovens; acolhimento aos carreiros do Divino Pai Eterno (procissão dos carros de boi), foliões, tropeiros, e outros devotos. Ao todo, são realizadas cerca de 100 missas e mais de 46 novenas, além de procissões, batizados, vigílias, alvoradas e confissões. Mais de 2,5 milhões de pessoas passam pela Romaria durante os dez dias de festa e vários outros fazem visitas ao longo do ano. Muitos devotos percorrem, a pé, o trajeto entre os municípios de Goiânia e Trindade, chegando até o Santuário Basílica, aproximadamente 18 km, como forma de pagar promessas, pedir graças e agradecer bênçãos alcançadas. Os peregrinos também partem de outras cidades e estados” (AFIPE, s./d, s./p.).

município, no ano de 2019, mais de 15.000 pessoas visitaram Mossâmedes e deixaram uma quantia (não revelada pela Prefeitura) significativa aos cofres do município. Também julgamos importante ressaltar que as atividades ligadas ao turismo religioso, bem como a visitação na reserva biológica da UFG, tiveram suas funcionalidades suspensas durante o ano de 2020, em função da pandemia da Covid-19<sup>5</sup>. Destarte, na próxima seção resumimos as conceituações de cultura, identidade e simbolismo pelo fato de que ambos estão presentes na romaria de São José, o que contribui para uma melhor compreensão, inserção e associação ao desfile dos carros de boi.

### 1.5 CULTURA, IDENTIDADE E SIMBOLISMO: A ROMARIA DE SÃO JOSÉ DE MOSSÂMEDES – GO

A cultura, para Claval (1999), se apresenta como um importante instrumento que rege a vida das pessoas, e que, não se extirpa com a sua própria morte. Trata-se de algo compartilhado de tempos em tempos, de sociedade em sociedade, numa espécie de “rito de passagem” para outras gerações. Para o autor, “a cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas. Sendo assim, ela, a cultura, é um rito de passagem” (CLAVAL, 1999, p. 236).

Nessa etapa da pesquisa acerca da romaria e suas conexões mediatizadas com as representações culturais, pela identidade e pelo simbolismo, será estabelecido um diálogo com os seguintes autores: Almeida (2005), Barbosa (2014; 2017), Barbosa e Oliveira (2018), Almeida e Barbosa (2015), Chaveiro (2005), Claval (1999; 2007) e Hall (1997). Discorrer sobre a cultura no mundo atual é falar de representação. Logo, não há nenhuma ação do sujeito como comer, andar, falar, beber, festejar, cantar, dançar, trabalhar, habitar, dormir, saber, rezar que seja desprovida de uma ação cultural (CLAVAL, 2007).

O conceito de representação passou a ocupar um novo e importante lugar no estudo da cultura. Afinal, a representação conecta o sentido e a linguagem à cultura (HALL, 1997). Nesse sentido, julga-se de fundamental importância abrir um espaço de diálogo para uma rápida fundamentação sobre o aspecto da representação, com base na ideia do autor supracitado, pois o caráter da representação está conectado com a interpretação de identidade, simbolismo e, sobretudo cultura.

---

<sup>5</sup> É uma doença causada pela corona vírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves.

Em sua obra, Hall (1997) aprofunda alguns conceitos mais relevantes, destacando quatro pontos de partida: representação, sentido, linguagem e discurso. Com um rigor metódico, o autor divide a leitura em cinco tópicos que o mesmo entende serem os principais: representação, sentido e linguagem (no qual explica as principais teorias em torno de signos, significados e sentidos); as contribuições de Saussure (no qual aponta a “virada linguística” nos estudos sociais); da linguagem à cultura: da linguística à semiótica (no qual aparece uma abordagem da semiótica quanto à construção do sentido); discurso, poder e sujeito (no qual destaca a importância de Michel Foucault para pensar poder/política/causa e efeito); e Onde está o sujeito? (no qual toma consigo a responsabilidade de encontrar o sujeito na estrutura).

Dentro desse complexo mundo de representações, todas as formas de comunicar, agir, pensar, comer, e dançar estão entrelaçadas com os aspectos da cultura humana (CLAVAL, 2007). Mas, o mais importante é que Hall (1997), ao descortinar os cinco pilares principais para uma abordagem acerca da representação, demonstra uma preocupação com a busca do sujeito dentro dessa “roda gigante” que compõe a cultura e a vida dos sujeitos.

Nesse sentido, representação, sentido, discurso e linguagem parece ter sentido se a busca é pelo entendimento do sujeito e todas as suas ações que são emolduradas pelos aspectos culturais.

Não é à toa que Hall (1997) afirma que a cultura é um dos conceitos mais complexos das ciências humanas e sociais, havendo, portanto, várias maneiras de precisá-la ou de interpretá-la. Para o autor, a cultura se relaciona a sentimentos, a emoções, a um senso de pertencimento, bem como a conceitos e as ideias. Hall (1997, p. 38) alega que

Assim como as pessoas que pertencem à mesma cultura compartilham um mapa conceitual relativamente parecido, elas também devem compartilhar uma maneira semelhante de interpretar os signos de uma linguagem, pois só assim os sentidos serão efetivamente intercambiados entre os sujeitos.

Mesmo que a festa, no caso a romaria, seja passageira, efêmera, ela traz consigo uma multiplicidade de significados que estão muito além das fronteiras que circundam o acontecer da festa, ou mesmo da romaria dos carros de boi. Ela representa um constructo social e um resgate da memória coletiva de uma determinada comunidade, de um contexto histórico vivido e repassado de geração em geração (BARBOSA, 2017). Essas observações vêm ao encontro daquelas feitas por Claval (1999) que tem dedicado maior parte dos seus quase cem anos de vida a estudar os aspectos de uma Geografia Cultural. Para Claval (1999, p. 106), “[...] o sentimento de pertencer coletivo é, então, muito forte [...]”, e complementa,

dizendo que “[...] o caráter dos indivíduos depende em grande medida do meio cultural no qual estão imersos” (CLAVAL, 1999, p. 131).

Por meio dessas imersões a que estão acometidos os indivíduos, é notável a compreensão de que todos, ou quase todos os participantes da romaria, comandando seus carros e bois, conduzem também seus anseios coletivos. Algumas destas particularidades com que cada um se apresenta estão voltadas à graça recebida por meio da cura de um ente familiar que por muito tempo ficou enfermo; a recuperação de grave acidente; a cura de uma picada de uma espécie de cobra venenosa; pelos resultados positivos adquiridos pelas colheitas ou os negócios realizados até o momento da festa; ou até mesmo pelas boas expectativas das safras posteriores, dentre outras tantas ações que expressam sua fé e devoção em São José, o santo padroeiro.

Como em tantas outras manifestações do catolicismo popular, a comunidade mossamedina se sente envolvida o ano todo com os preparativos que antecedem a próxima festa. Essa preparação vale também para os proprietários dos carros de boi: reparos nos carros (ou mesmo a construção de outro), cuidado com as juntas de bois, com o treinamento de novos bois para substituírem algum que tenha morrido ou que não se encontra em boas condições para a atividade. Nesse contexto, conforme destacam Barbosa e Oliveira (2018), quando a festa termina isso não significa a potencialização do seu fim. Na verdade, é o recomeço para que a população local relembre seus ritos de passagem e já se prepare até que a próxima festa aconteça, porque festar é preciso, mas rezar, pagar promessas e renovar outros pedidos por milagres também são ações imprescindíveis.

A romaria dos carros de boi de Mossâmedes é uma dentre tantas outras manifestações que nos levam a refletir o quanto temos de riqueza cultural a celebrar, cultivar e preservar. Conseqüentemente, essa abordagem acerca de festa do catolicismo popular e romaria dos carros de boi de Mossâmedes nos leva a uma trilogia teórica: domínio espacial, vida social e, principalmente, da manifestação cultural de um determinado evento e lugar. Enveredados nessa “viagem cultural”, conectando-os com os mais diversos aspectos, está também o ponto de vista de Chaveiro (2005, p. 53) de que “a modernização apesar de avassaladora e hegemônica não erradicou a tradição (ou a cultura); e essa embora resistindo não se impõe, mesmo que não se imponha, ora converge, ora conflita, ora se adapta aos novos signos modernizantes”. Entretanto, não há como nos abster dos conflitos, das convergências dos aparatos culturais, porque eles fazem parte do mundo, tanto da modernidade quanto também da tradição.

E a cultura, nesse caso a cultura popular, não é erradicada, porque ela faz parte da

vida das pessoas, em seus respectivos lugares de vida, de fé, de devoção, como é o caso dos carros de boi de Mossâmedes. Nesse raciocínio, Almeida (2005), afirma que é pela cultura que as populações interagem com a natureza, fazem a sua mediação com o mundo e constroem um modo de vida particular. Nem por isso, nos escapa a percepção de que os indivíduos são moldados pelas ações culturais que dão o sentido às suas vidas, seja ele coletivo ou mesmo individual, a partir do momento em que presenciam seus desejos e seus atos direcionados pela condução dos “espelhos” da cultura a qual pertence (CLAVAL, 1999).

Assim sendo, todas as formas de manifestações culturais não precisam, necessariamente, ser entendidas, contudo, elas devem ser refletidas. Esse é o caso em questão acerca da romaria dos carros de boi de Mossâmedes. Carros, fé, devoção, promessas, bois e homens são entrelaçamentos sociais que dão cabo ao universo cultural dos participantes da festa, bem como dos integrantes da romaria dos carros de boi. Para eles, mesmo que não saibam, talvez nem precisem saber, o caráter ontológico dos seres humanos é o que dá sentido às suas vidas no contexto da sociedade à qual pertencem, podendo isso ser denominado como uma “memória coletiva”. A tradição festiva de São José, padroeiro da cidade de Mossâmedes, juntamente com a realização da romaria dos carros de bois permeia a moldura social na qual os indivíduos estão imersos, pois, ambas estão impregnadas de representações culturais.

## 2 OS CARROS DE BOI NA HISTÓRIA E NOS ESPAÇOS BRASILEIROS

Em um primeiro momento, o texto trata dos fatos históricos acerca das trajetórias espaciais dos carros de boi no território goiano. Nesse estudo, a intenção é entender como se deu a chegada e como se dão os usos dos carros de boi no estado de Goiás e na romaria de Mossâmedes, buscando considerar o processo de inserção dos mesmos no território brasileiro. Observou-se que não faria sentido tratar dos carros de boi apenas em Mossâmedes, e sim, entender como esses inauguraram sua trajetória no Brasil, muito antes mesmo da manifestação cultural que acontece na cidade que é o foco da análise.

Em seguida é feito um destaque para a arte da cultura na modalidade da construção dos carros de boi. Como nada é feito por acaso, tudo, ou quase tudo, depende do toque, da arte na construção de determinados objetos culturais, como no caso da estruturação dos carros de boi e seus acessórios, que no plano do simbólico dão sentido à existência daqueles que os constroem, uma continuidade, um movimento da cultura. Por se tratar de uma manifestação da cultura popular, faz-se necessário estabelecer um diálogo entre o santo padroeiro da cidade de Mossâmedes e os sentidos daquela tradição, inserindo a participação dos desfiles dos carros de boi nesse momento festivo do catolicismo popular. Por fim, abre-se uma “janela dialógica” para discutir o papel da tradição diante das barreiras da modernidade, criando, como enfoque principal, a existência da romaria dos carros de boi e sua (re)existência diante do mundo hodierno e que passa por constantes transformações.

### 2.1 TRAJETÓRIAS ESPACIAIS DAS LIDAS DOS CARROS DE BOI NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

“[...] O carro de boi lá vai gemendo lá no estradão, suas grandes rodas fazendo profundas marcas no chão, vai levantando poeira, poeira vermelha, poeira do meu sertão, poeira do meu sertão [...]” (Pena Branca e Xavantinho, 1980)

Em alguns países e em certas regiões brasileiras, historicamente, os carros de boi receberam diversos nomes: *plaustrum* (nome de origem etrusca que significa carros de madeira, puxados por bois) na Roma antiga nos auspícios do império romano; carreta e carrinha em Portugal; carreta na região sul do Brasil; carretão, carritela e carroção, na região sudeste, durante muito tempo; até ser popularmente (por conta do uso dos bois) generalizado e “batizado” como carro de boi. Por outro lado, existe uma diversidade de carros e suas cantigas, que, segundo Souza (2003, p. 312), são também tipificados como “carro-gemente, carro-cantante, carro que

canta, carro-cantador” como são chamados do norte ao sul do Brasil, assim como cantam, chamam, gemem, estridulam, guincham, rangem, rechiam, retinem, soam, zoam, atendendo à numerosa sinonímia existente em nossa língua.

Entretanto, para início desse espaço de diálogo, é importante buscar nos “porões da história” da humanidade a presença dos carros de boi e qual o elo de ligação entre seu surgimento e suas verdadeiras funções cotidianas ao longo dos tempos. Para base introdutória da pesquisa acerca dos carros de boi no território brasileiro, serão utilizadas as contribuições de Souza (2003) e Rodrigues e Bicalho (2017). A escolha do primeiro autor está diretamente associada ao resgate histórico dos carros de boi, a partir dos primeiros protótipos construídos e utilizados no período da história da humanidade, conhecido como neolítico, acompanhando os passos dos bois, e dos carros, até os dias atuais, trazendo para o território brasileiro. Já o segundo autor nos apresenta as funcionalidades dos carros de boi em determinadas regiões do Brasil, onde as condições geográficas de tráfego, na época, só eram passíveis de serem percorridas com o uso desse meio de transporte, inclusive nas romarias goianas.

Conforme as observações feitas por Souza (2003), pelos vestígios encontrados e já interpretados, a roda foi uma das invenções do homem ainda no período neolítico, bem mais conhecido historicamente como “período da pedra polida”, em terras do antigo continente eurásio. Para Souza (2003, p. 44), foi nesse tempo que o homem “primeiro fez rolar os madeiros e as pedras ou os arrastou sobre forquilhas naturais ao jeito de carros sem rodas. Estava assim, sendo construído o mais tosco primitivo veículo de rodas”. Acrescenta-se ainda que a domesticação dos animais foi outra das memoráveis iniciativas dos nossos antepassados neolíticos; assim, o boi e o cavalo foram, provavelmente, os primeiros animais utilizados na tração dos veículos.

Pode-se afirmar que nos primeiros tempos da história humana, o boi era o animal mais comumente utilizado nos transportes rurais, puxando os carros que levavam as colheitas para os depósitos e celeiros. Sobre isso assim se expressa Souza (2003, p. 95):

A invenção do carro de rodas e a exploração das forças animais, principalmente a sua adaptação à tração dos veículos, foram marcos miliários na marcha evolutiva da humanidade [...] restringindo-nos ao carro tirado por bovinos, um dos mais antigos veículos utilizados pelo homem, sobretudo nas fainas rurais, verifica-se, antes do mais, que ele não é um instrumento de cultura universal.

Na América do Sul, especialmente no Brasil, os carros de boi foram os primeiros veículos que rodaram em terras nacionais. Os portugueses os trouxeram em função de já utilizá-los há séculos nos transportes de sua “querida e boa Lusitânia”. Ou seja, os carros de boi

surgiram aqui na madrugada da nossa história colonial, contemporânea das primeiras tentativas sérias de posse, de povoamento e colonização (SOUZA 2003). Quanto às funcionalidades dos carros de boi, os mesmos foram de extrema importância, mesmo porque ainda não havia outras modalidades de transporte de carga por vias terrestres. Assim serviram para o transporte de materiais de construção e produtos da terra, tais como o pau-brasil, madeiras em geral e cana-de-açúcar (SOUZA, 2003).

Há também outras funções desempenhadas pelos carros de boi, pois são úteis na condução de mercadorias e pessoas, confirmando assim o seu relevante papel no seu posto como único meio de transportes pesados por terra daquele período, ligando os demais estabelecimentos humanos, isolados ou agrupados que os portugueses iam fundando, construindo e se estabelecendo nas terras virgens do lado oeste do Atlântico. Na construção de povoados, vilas e cidades, no estabelecimento dos primeiros domínios rurais, na exploração das riquezas florestais, nos labores das primeiras culturas aparece sempre o pesado veículo de duas rodas maciças movido por bois. O boi foi um dos primeiros animais introduzidos pelos colonizadores ibéricos, sendo trazidos a partir de 1534 a partir do arquipélago de Cabo Verde.

Cabe reafirmar que, apesar das variações dos nomes e dos locais onde se encontram os carros de boi, eles se apropriaram daqueles espaços a partir do processo de colonização do Brasil. Entretanto sua origem geográfica remonta aos espaços rurais europeus, sobretudo em Portugal. No território brasileiro, os carros de bois se espalharam para outras regiões, mas também receberam nomeações e usos diversos, conforme é destacado por Souza (2003) e Barbosa (2014). Assim, ao longo dos tempos coloniais e dos que se lhes seguiram, os carros de boi estiveram sempre presentes na mobilização da nossa riqueza econômica, senão em boa parte da nossa evolução social, e, por conseguinte, de nossas disponibilidades de recursos econômicos, o interesse maior de nossa matriz urbana, os portugueses.

Acompanhando os passos dos colonizadores no Brasil, os carros de boi também trilharam os caminhos da produção açucareira em tempos de exploração desta lavoura. Os primeiros carros de boi chegaram aos locais dos engenhos por volta do ano de 1549, conforme nos informa Souza (2003), reforçando a ideia de que não podia haver engenhos sem carros. O valor atribuído a esse veículo nas lidas iniciais do processo de colonização é encontrado em outros instrumentos históricos analisados naquele período, reforçando os argumentos já expostos. Isso porque, dos documentos e das crônicas do século XVI o que está em destaque em matéria de transportes por terra são os carros de boi.

A ilustração 08 mostra um carro de boi utilizado nas lidas rurais goianas atuais, neste caso pelo povo mossamedino, mesmo antes de sua participação na romaria de São José.

**Ilustração 08:** Fotografia – O uso do carro de boi na área rural de Mossâmedes – GO

**Fonte:** Oliveira (2020).

Sem sobras de dúvidas e com base em pesquisas, os carros de boi eram os únicos veículos que serviam aos colonizadores para a condução de materiais de construção e de mercadorias, de toras de pau-brasil e de outras essências florestais, dos produtos da lavoura, condução de pessoas, dentre outras tantas funcionalidades; sempre úteis à sociedade, considerando seus tempos históricos. Contudo, os carros de boi foram incorporados, principalmente, no serviço dos engenhos de açúcar, tornando-se um elemento indispensável ao seu manejo e prosperidade. A esse respeito, Souza (2003, p. 427) afirma:

Nos serviços costumeiros de um engenho ou fazenda é regra generalizada em quase todo o País, começar o trabalho dos carros de bois de madrugada, prolongando-se até o máximo de 11 horas; a esta altura do dia solta-se o gado para pastar e descansar, pegando-se de novo, quando não há duas esquipações para as tarefas diárias, às 14 ou 15 horas, encerrando-se a labuta às 18 horas mais ou menos.

Percebe-se então a importância ímpar dos carros de boi nas atividades iniciais de desbravamento do Brasil nos tempos de colônia. Contemporâneo dos primeiros estágios da exploração do território, inicialmente com o transporte do pau-brasil, eles agregaram posteriormente às suas utilidades na introdução da lavoura de cana no Brasil, como também

acompanhou no seu desenvolvimento através dos anos e dos séculos posteriores, com outros ciclos de exploração econômica em outras regiões do território. Como exemplo, no município mineiro de Araxá, desde o início do século XVIII, várias comitivas de carros de boi saíam para buscar sal no interior de São Paulo. Eram meses e meses percorrendo trechos permitidos, exclusivamente, por meio daquela modalidade, conforme destaca Nabut (2014). E ainda, a partir do século seguinte (XIX), com o avanço da criação de gado, reapareceu novamente a importância dos carros de boi. Eram utilizados diversos deles no deslocamento de uma região a outra para o transporte de sal para complementar a alimentação do gado de corte e de leite em várias regiões do país.

Cabe lembrar ainda que os carros de boi tiveram também funções importantes no processo de cristianização do território brasileiro, sendo usados pelos jesuítas da Companhia de Jesus durante o início missionário no Brasil colônia. As viagens pelo interior do país, e por Goiás, na maioria das vezes, eram feitas sobre os lombos dos muares, mas, “[...] a maioria delas foram feitas na carroceria dos carros de boi pelas capacidades de cargas que os mesmos ofereciam durante os percursos” (SOUZA, 2003, p. 374). E mais, não há como negar aos carros de boi a relevância de sua atuação na obra de cristianizar o Brasil, transportando os materiais de construção das igrejas e os instrumentos e símbolos religiosos: sinos para campanários, imagens para altares, arcazes, alfaias, parâmetros e objetos litúrgicos em geral. Além disso, os carros de boi estavam presentes também nas missões que adentravam o território, nas lonjuras da hinterlândia, catequizando, ensinando e “civilizando”.

Os cantos dos carros de boi são tão velhos quanto a própria civilização e não será demais afirmar que esse meio de transporte foi um dos companheiros mais presentes do homem na conquista e aproveitamento das terras ao longo do processo civilizatório. Entretanto, sua longevidade também é constatada e comprovada até os dias atuais, mesmo que, ao longo desses tempos, o mesmo tenha sofrido diversos tipos de concorrência. Nesse sentido, convém abrir um espaço de diálogo, mesmo que breve, para apontar alguns de seus concorrentes, seguindo os caminhos bibliográficos buscados em Souza (2003).

O autor supracitado aponta que os carros de boi começaram, desde a segunda metade do século XVIII, a experimentar a concorrência de outros meios de comunicação e de condução de produtos e mercadorias e gentes. O primeiro e mais sério concorrente dos carros de boi foi a tropa, uma caravana de animais de carga que levava objetos diversos de um lugar para outros, chamada em algumas regiões do território brasileiro de “comboios”. Vale lembrar, a título de recordação, que as tropas de muares, que daí por diante, até o fim do século XIX, e mesmo nos anos transcorridos do século XX, dividiram com os carros de boi as tarefas dos

transportes por terra no interior do Brasil.

Retornando a Souza (2003), é possível verificar que nos caminhos rudimentares existentes, transformados em lamaçais na estação das chuvas e no verão reduzido a ásperas trilhas, quase intransponíveis, foram os carros de boi e as tropas os únicos meios de ligação dos núcleos de povoamento entre si e entre eles e as roças e lavouras. No caso das tropas eram especificamente montadas por muares (mulas e burros), devido a sua capacidade física ser superior aos equinos, por exemplo (NABUT, 2014). Porém, sua capacidade de carga ainda era limitada e inferior àquelas transportados nos carros de boi. Nessa labuta diária e insistente, percorrendo longas distâncias geográficas, sob sol e chuva, lama e poeira, frio e calor, lá estavam os carros de boi, mas também seus “concorrentes”, prestando uma de tantas outras funcionalidades no contexto da história do Brasil.

No “chiado” dos carros de boi, Rodrigues e Bicalho (2017) destaca que, aproximadamente, 2.500 carros de boi faziam naquela época (século XIX), o transporte de sal para Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso; daí porque, segundo ele, os tropeiros e os carreiros desempenharam papel importante no transporte de mercadorias para as províncias interioranas. A partir do século XX, duas outras modalidades de comunicação e transporte percorriam os caminhos terrestres no Brasil: a estrada de ferro e os automóveis. Capazes de ligar várias extensões do território brasileiro, os trens de cargas e de pessoas, assim como os caminhões, passaram a se constituir como os “novos concorrentes” para os carros de boi. Diante destas funcionalidades exercidas pelos carros de boi, frente às novas modalidades de transportes, principalmente a partir do século XX, surge, *a priori*, um questionamento: será que essas novas tecnologias de transportes ameaçariam a vida e a utilidade dos carros de boi? É disso que vamos tratar nas linhas seguintes.

Borges (2000) salienta que as estradas de ferro em Goiás, inauguradas no início do século XX, percorriam um pequeno trecho: de Anápolis a Ipameri (Estrada de Ferro Mogiana), na região sul do estado, num trecho de aproximadamente 250 km, e, em quase meio século de construção ferroviária, implantaram-se pouco mais de 400 km de linhas. Portanto, as linhas férreas estavam muito aquém das dimensões geográficas de Goiás. Mesmo assim, os carros de boi continuaram a ser os elos indispensáveis no transporte de cargas no restante do estado aos locais de embarque nos trens. Destaca-se também a situação dos primeiros caminhões que inauguraram as estradas goianas; eram poucos e necessitavam transportar em galões o combustível (óleo diesel), que ocupavam metade da estrutura do caminhão e que seria utilizado nos trechos goianos. Dada a raridade de postos de abastecimento e as condições precárias das vias de acesso, ainda que bastante curtas e muito longe de serem pavimentadas, os carros de boi

acabavam sendo o meio de se transportar o combustível.

Ainda assim, os carros de boi continuaram bastante úteis na vida cotidiana dos goianos sob vários aspectos, pois os carros de boi se revelaram mais econômicos nos chapadões por efetuar transportes concentrados, exigir menos trabalho e melhor resguardar as cargas contra as intempéries da natureza (SOUZA, 2003). Portanto, é perceptível que eles mantinham – e ainda mantém - suas funcionalidades se comparados aos novos modelos de transporte e comunicação que surgiam no território goiano naquela época (ver ilustração 09).

**Ilustração 09:** Fotografia – Carro de boi transportando madeira na área urbana de Mossâmedes – GO



**Fonte:** Oliveira (2020).

Após uma breve incursão na história do Brasil, a partir da utilização dos carros de boi em atividades de transportes, torna-se pertinente levantar a seguinte questão: a estrada de ferro, o caminhão e o automóvel baniram de todo os carros de boi e suas funcionalidades? Para essa resposta, torna-se importante realizar, brevemente, um retrospecto às múltiplas funções dos carros de boi no desenvolvimento do Brasil, sobretudo por meio das observações de Souza (2003). Para o autor

[...] desde que o Brasil é Brasil o carro de bois foi e ainda é o veículo mais generalizado, mais útil, mais seguro e mais adaptado às condições do meio físico e às possibilidades econômicas da nossa lavoura. Apareceu no alvorecer da nossa história e a seguiu através dos séculos já vencidos, continuando até hoje a rodar e a servir em grande parte do território nacional (SOUZA, 2003, p. 174).

Se os carros de boi, de acordo com o exposto, foram fundamentais na influência econômica, social, religiosa e cultural do Brasil, não foi diferente, considerando as características citadas, no sertão de Goiás, a partir das primeiras incursões dos mesmos na terra dos antigos sertões da Província dos goyazes (pronúncia utilizada a partir do português falado em Portugal e assim chegou e permaneceu no Brasil, até os idos do século XIX). Esta localidade, até aquele momento de sua colonização, estava distante geograficamente dos grandes e mais importantes centros de referências econômicas e culturais do país, a exemplo de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo.

Nesse sentido, nas páginas que se seguem é estabelecida uma “nova” abordagem acerca dos carros de boi, seus tempos e movimentos, a partir de suas incursões no sertão de Goiás. Para tanto, o leitor e a leitora são convidados para que “ouçam o canto” ruidoso, lento e histórico dos carros de boi por estas bandas de Goiás e, se puder, que “peguem uma carona” na sua história, na sua importante função de transporte e para a economia; e, sobretudo em sua representação simbólico-cultural para os goianos.

## 2.2 ARTE EM MOVIMENTO: A CONSTRUÇÃO DOS CARROS DE BOI

Inicialmente, chamamos de instrumentos dos carros de boi o conjunto de aparelhos e seus acessórios para que eles possam prestar aos serviços a que são destinados. Isto é, algumas peças que, além do próprio veículo com os seus pertences, são indispensáveis para que ele se movimente, rodando, circulando, transportando, servindo (SOUZA, 2003). Por conta desses aspectos de fundamental importância para que os carros de boi existam, julgou-se pertinente abrir um espaço para apresentar alguns dos instrumentos que os compõem, ao entender que todos eles exigem uma verdadeira arte em constante movimento no que se refere à construção desse meio de transporte.

Tivemos a oportunidade de conhecer e entrevistar o senhor J.P.L, morador da fazenda Bica D'água, a qual herdou dos seus pais já há alguns anos. A fazenda fica distante, 14 km de Mossâmedes, e sua atividade principal é a ordenha de leite para ser entregue no laticínio do município. Conforme contou o senhor J.P.L, a rotina da fazenda é mesma de quase todas as outras. Além da ordenha são realizadas as seguintes atividades: limpar pasto;

arrumar cerca de arame; carpir as lavouras de milho, arroz, feijão e outros gêneros necessários ao seu consumo da esposa e dos seus 5 filhos, sendo eles adolescentes e adultos. Em muitas das atividades desenvolvidas por ele e sua família há o constante uso dos carros de boi, tais como: carrear lenha para uso no fogão caipira; conduzir a produção da lavoura para o barracão (uma espécie de depósito ao lado da sua residência); passeio na cidade; fazer compras de adubos e sal para seu rebanho; compras de material de construção na cidade; participar da romaria e do desfile dos carros de boi na época da festa do padroeiro de sua cidade; dentre outras atividades.

Portanto, é perceptível que o carro de boi de sua propriedade (também herdado de seus pais) tem importância fundamental no cotidiano de sua lida e também é um objeto de forte representação cultural no seio de sua família. O senhor J.P.L nos informou que participa da romaria dos carros de boi desde a sua inauguração, no ano de 1991, e afirma: “nunca perdi nenhuma”<sup>6</sup>. A conversa se deu de modo bastante informal (empírica), sem preocupações com demandas formais, deixando o entrevistado livre para sua exposição. Segue um trecho da entrevista:

**Entrevistadora:** Vejo que aqui na fazenda do senhor vocês tem automóvel, quando ele é usado?

**J.P.L:** O carro serve para a gente ir pra lugar mais longe: Anápolis, Goiânia, Brasília. O batidão aqui na roça é feito por carro de boi. Só ele guenta tudo e num gasta quais nada.

**Entrevistadora:** Foi o senhor mesmo que o construiu?

**J.P.L:** Não senhora! Essi carru eu herdei dos meu pais. A única coisa qui a genti faiz é arrumar ele pra num acabar, e depois a gente num podi perder a romaria de São Jusé e participar do disfile dos carru de boi.

**Entrevistadora:** Onde o senhor consegue madeira para conservá-lo?

**J.P.L:** Cumo já num tem mais madeira boa pur aqui, a genti busca em otros lugar. Por exemplo: na fazenda do sô Toinzim, perto de Adelândia, ainda tem. Ele arruma pra nós quando a gente pircisa.

**Entrevistadora:** Qual é o significado da romaria e do desfile dos carros de boi para o senhor?

**J.P.L:** Uai, a romaria é uma forma de diversão pra nós que é daqui memo. O disfile dos carrus de bois é uma tradição muita antiga. Sem o disfile dos carrus de bois num é a mesma coisa a romaria.

O diálogo foi muito interessante, principalmente por constatar que a cultura tem importância ímpar na vida das pessoas. Alguns participam para se fazer presente na festa. Outros se fazem presente por meio da representação simbólica que determinados momentos, objetos e atitudes são parte constituinte de seu imaginário. Por conta disso – já que cultura do

---

<sup>6</sup> Vale ressaltar que a fala do senhor J.L.P, assim como de outros entrevistados que irão aparecer no decorrer da dissertação, foi transcrita totalmente de acordo com a forma que ele se expressa no seu cotidiano, independente de possíveis e aparentes erros em relação à norma culta do português, enfim, às formalidades.

carro de boi tem forte simbolismo entre boa parte da população que se sente honrada em participar do desfile – resolvemos descrever (próxima seção), em linhas rápidas, algumas das peças importantes que compõem a estrutura de um carro de boi, como aquele do senhor J.P.L.

### 2.2.1 Peças de madeira

Os instrumentos para a construção dos carros de boi podem ser classificados, de acordo com as regiões geográficas do território brasileiro. No entanto, de um modo quase que geral, sua constituição está associada a três grupos basilares: utensílios de madeira, de couro e de ferro. No grupo das peças de madeira está quase a totalidade do carro de boi, perfazendo em média mais de 90% depois do veículo quando estiver pronto para uso. Assim, faremos uma abordagem com mais destaque a alguns dos itens de madeira a exemplo da estrutura do próprio carro de boi, a canga, a mesa, o cambão e o canzil, entendido aqui como “os carros-chefes” de todo o arcabouço da referida modalidade.

#### 2.2.1.1 O carro de boi

A partir de Coelho (2010), percebe-se que a arte empregada na construção de um carro de boi é o reconhecimento de um ofício em extinção, de um domínio técnico, de um engenho, um conhecimento construído em seu lugar, mas também, um conhecimento que ensina a compreender o lugar. O carro de boi é um artefato que reúne técnica e destreza, sabedoria que lida com os temperamentos das madeiras. Parte daí a ideia de abordar esse aspecto cultural, associando-o a uma arte em movimento, uma vez que não reúne apenas as ferramentas, técnicas e o madeiramento indicado para a elaboração dessa modalidade de transporte, mas também envolve a transmissão de conhecimentos adquiridos e repassados de geração em geração.

Esse contexto expressa o verdadeiro sentido da (re)existência dos simbolismos culturais que engendram a vida das pessoas, em especial, nesse caso o da construção do carro de boi. Em muitos espaços rurais e em pequenas cidades, os carros de boi ainda se constituem como “os *trailers* dos novos tempos”, conforme expresso por Barbosa e Oliveira (2018). Para Souza (2003), tais carros são mais presentes e numerosos no espaço rural, onde são úteis nos transportes de gêneros diversos da agricultura e da pecuária, mercadorias, objetos, mas também de pessoas.

Historicamente, em algumas regiões do Brasil, dá-se o nome de carroça de bois,

carros de boi ou simplesmente carroça, a veículos rurais movidos por bois, especialmente em virtude de sua estrutura (ilustração 10). O par de bois, ou os pares de bois, são comumente chamados de “juntas” de bois, que podem variar de uma, duas, três a até nove pares. Para aumentar o número de juntas em um único carro de boi, dependendo do tipo e peso daquilo que será transportado, é necessário que sejam acoplados ao mesmo os chamados cambões, uma espécie de emendas feitas de madeira, partir da segunda junta.

**Ilustração 10:** Fotografia - Estrutura inicial do carro de boi



**Fonte:** Oliveira (2020).

Independente da denominação utilizada em cada região do território brasileiro, o objeto, carro de boi, é o mesmo. Trata-se de um meio de transporte estruturado por duas rodas radiadas, eixo fixo de madeira (mas em algumas regiões ele pode ser de ferro) e mesa de dois varais entre os quais se atrelam os animais de tração bovina, mas também podem ser encontrados carros de boi de um só varal, ao qual se atrela uma ou mais juntas de bois.

É verdade que nas grandes lavouras as máquinas modernas de transporte

restringem ou mesmo extinguem a força animal. Entretanto, na lavoura de pequeno e médio porte as máquinas modernas de transporte tornam-se incompatíveis, já pelo seu elevado custo e alto preço do combustível, além de uma possível dificuldade e carência de condutor. Daí a razão pela qual o animal permanece, em sua grande maioria, a intervir preponderantemente nos trabalhos do pequeno agricultor.

No caso do município Mossâmedes e sua romaria com os carros de boi, esses carros desempenham diversas funções: transporte de pessoas e produtos da agricultura (arroz, feijão, mandioca, abóbora, etc.) e da pecuária (leite, queijos, carnes bovinas, porcos, frangos e outros) para serem comercializados no centro urbano de referência da região. A partir do início dos anos de 1990, os carros de boi passaram a exercer uma importância ímpar no desfile da romaria da cidade, sendo esse o grande momento de destaque do espetáculo da romaria do padroeiro da cidade, São José.

#### 2.2.1.2 A mesa do carro de boi

A mesa do carro de boi compreende o leito, também chamado de estrado, sobre o qual se coloca a carga que se quer transportar (ilustração 11). Com um formato retangular, a mesa é complementada pelas seguintes peças: chedas, que são as duas guardas laterais e retilíneas da armação; e as cadeias, em número de quatro a seis (travessas de madeira que ligam as chedas entre si e o cabeçalho, embebendo-se em furos retangulares abertos na face interna das mesmas chedas). Outros objetos também são comuns nos legítimos carros de boi, tais como o assoalho, os fueiros, as cevas, os muchachos e o mata-boi.

O assoalho ou “soalho”, como também é chamado, é o enchimento do quadro da mesa feito, em geral, com quatro tábuas, assentadas longitudinalmente sobre as cadeias. Já os fueiros são quatro a seis varas roliças de cada lado da mesa em que se embebem os furos abertos nas chedas, no sentido vertical e que servem, tradicionalmente, para amparar lateralmente as cargas, seja por si só, seja porque se lhes prendem taipais, chamadas geralmente cevas. As cevas são anteparos feitos de tábua, de cipó, de taquara rachada ao meio ou mesmo de palhas presas entre taquaras rachadas, de modo que se improvise uma espécie de caixa necessária para o transporte de produtos miúdos ou a granel.

**Ilustração 11:** Fotografia - Mesa do carro de boi



**Fonte:** Oliveira (2020).

Os muchachos são dois pontalotes de quase um metro de comprimento, de madeira roliça, que servem para escorar na frente e atrás do carro de boi, daí é onde se dão as duas identificações: o muchacho dianteiro e o traseiro. O dianteiro é conduzido, preso por tentos de couro, ao cabeçalho, junto à ligadura da canga do coice; já o traseiro é preso ao meio da parte posterior do carro. O primeiro tem grande utilidade, pois sobre ele descansa o pescoço do carro quando parado, aliviando, desta forma, o pescoço dos animais; o segundo evita que o carro empine. O mata-boi é a corda de couro ou de arame com que se amarra a mesa do eixo do carro de boi.

### 2.2.1.3 A Canga

A canga utilizada é uma só peça, de madeira leve, mas resistente e de regra esquadriada (ilustração 12). A canga é feita de duas partes: o peito e as abas. O peito é a sua parte central, em que se corta retilineamente um topo ou dente, ladeado de duas mossas para firmar as voltas do tamoeiro; às vezes, em vez do topo apresenta dois orifícios por onde passa

o mesmo tamoeiro.

**Ilustração 12:** Fotografia – A canga do carro de boi



**Fonte:** Oliveira (2020).

Há de se distinguir as cangas em duas categorias: as da junta do coice ou do cabeçalho que atrelam a parrelha ao timão do carro, e as das juntas dos meios e da guia ou dianteira, que atrelam as parrelhas de tração propriamente ditas. A canga do coice deve ter um feitio especial: mais volteada, resistente, um tanto mais comprido e com uma maior curvatura, por ser necessária. As cangas das demais juntas são, pelas exigências da tração, menos curvas e menores, variando o seu comprimento de 1,20 m no norte do país até 1,80 m no estado do Mato Grosso (SOUZA, 2003).

Quanto às espécies de madeiras utilizadas na construção das cangas, dependerá da geografia e da disponibilidade do que cada região do território brasileiro oferece. Souza (2003) dispõe de uma orientação quanto às mais utilizadas e qual a localização e o tipo de madeira solicitada para a arte na construção das cangas, pois:

umas e outras devem ser feitas de madeira rígida, elástica e resistente e isto não só para que não pese demasiadamente no pescoço dos animais, mas também para suportar os esforços e puxões da tração e das manobras. As madeiras preferidas para a sua construção variam do Norte para o Sul. Nos Estados do Norte as mais empregadas são: louro-amarelo (Pará), sucupira, pau-d'arco, pau-preto, pau-ferro, marizeiro, bordão-de-velho, piaca, quixabeira; no Espírito Santo e Rio de Janeiro fazem-nas de cabiúna, bico-de-pato, bico-de-andorinha etc.; nos Estados do Sul e Centro-Oeste empregam açoita-cavalo, guajuvira, jacarandá, peroba, bálsamo ou cabriúva, vinhático, canela, capitão, etc. (SOUZA, 2003, p. 266).

É importante acrescentar que em algumas regiões do Brasil costumam os fazendeiros, a fim de aumentar a resistência das cangas, forrá-las de couro cru de boi, o que denominam como “enervar a canga”.

#### 2.2.1.4 O canzil

Os canzís que, em Portugal, também são chamados de cangalhos, cangalhas e coleiras, são hastes de madeira esquadriada que se enfiam nos quatros furos das abas da canga e entre os quais fica o cachaço dos bois, ligando-os na parte inferior por meio de uma correia de couro chamada brocha. Os canzís são constituídos de duas partes: cabeça e folha, conforme pode ser observado na ilustração 13. A cabeça é a parte mais grossa, que fica acima da canga. A folha é a parte que atravessa o orifício da canga e prende pelos lados o pescoço dos animais, tendo mais ou menos 40 centímetros de comprimento.

As madeiras para a construção do canzil devem ser resistentes e flexíveis para que não se quebrem com facilidade. No norte do Brasil se usam as seguintes espécies: batinga, pau-d'arco, miroró, peroba, sucupira; no Centro-Oeste (de modo especial, o estado de Goiás e na cidade de Mossâmedes) empregam-se cambuí, guarabu, jacarandá, angico, peroba, perobinha, guatambu, alecrim, pitanga, goiabeira, pindaíba, entre outras madeiras.

**Ilustração 13:** Fotografias – Canzil

Fonte: Oliveira (2020).

**2.2.1.5 Cambão**

O cambão é o equipamento com que se unem duas juntas de bois ao mesmo carro, consistindo em uma vara presa à canga da segunda junta e ao cabeçalho do carro (ilustração 14). Ele pode também ser chamado de cambão para reboque. Importante acrescentar que é uma peça cilíndrica, de madeira resistente, medindo aproximadamente entre 2,00 a 2,50 metros de comprimento e de, aproximadamente, 10 a 15 centímetros de diâmetro, que serve para articular as juntas de tração do carro. É necessário dizer também que no caso do cambão trata-se de um prolongamento móvel do cabeçalho, sendo um complemento indispensável ao sistema de tração. No carro de boi haverá tantos cambões quantas as juntas de bois que o tiram, menos a do cabeçalho.

#### Ilustração 14: Fotografias – Cambão



Fonte: Oliveira (2020).

O cambão recebe outras denominações, conforme as divisões regionais do território brasileiro, sendo assim: no Maranhão é comumente chamado de pau-de-cambão; no estado da Bahia, em Sergipe e em parte de Minas Gerais se diz tiradeira. As madeiras mais utilizadas na construção do cambão são: no Norte brasileiro, o pau-d'arco, o quiiri, o pau-ferro, a maçaranduba, a imbaíba, além de outras; já nos estados do sul do país, a peroba, peroba-rosa, o jacarandá, a guabiroba, o para-tudo, por exemplo.

#### 2.2.2 Peças de couro

As peças de couro são objetos complementares no carro de boi, conforme observa-se na ilustração 15. Muitas das vezes passam despercebidas na arte da construção do carro de boi, talvez por desempenhar funções menos importante, mas convém citá-los por se tratar também de uma arte: a brocha, a capota e o tamoeiro. São elaboradas a partir do próprio couro bovino (SOUZA, 2003). Um exemplo disso pode ser analisado na construção da

brocha. Ela é um instrumento de couro cru, trançado em dois ou três fios, que une as extremidades inferiores dos canzís, prendendo por baixo do pescoço dos bois na canga.

**Ilustração 15:** Fotografia – Peças de couro



**Fonte:** Oliveira (2020).

Outro exemplo da utilidade do couro cru está na preparação da capota que irá cobrir o carro de boi, protegendo do sol e da chuva aquilo que está sendo transportado nele: produção agrícola, alimentos preparados para as longas viagens, objetos de uso doméstico – fogão, panelas, pratos e outros – como também no transporte de pessoas para se entreter no meio urbano ou mesmo nas festas de romarias, tal como a de Mossâmedes.

### 2.2.2.1 Tamoeiro

Tamoeiro é uma palavra de origem portuguesa que tem na nomenclatura dos carros de boi uma duplicidade em seu sentido. É uma peça de pau que vai como tirante entre junta de bois ou de uma junta ao cabeçalho do carro. No Brasil, o tamoeiro, às vezes, é traduzido por tamboeiro e camboeiro. Trata-se exatamente de uma peça de couro cru trançado em vários fios, que serve para prender a canga do coice ao cabeçalho ou as demais cangas aos cambões respectivos. O tamoeiro, que mede de 6 a 8 metros de extensão, toma a forma de uma argola e é dobrado duas vezes, o que se desdobra em “quatro pernas”, como afirmam os carreiros (ver ilustração 16).

#### **Ilustração 16:** Fotografia – Tamoeiro



**Fonte:** Oliveira (2020).

A temática acerca da construção do carro de boi requer atenção para discorrer sobre alguns detalhes muito importantes nesse preparo. Por exemplo, conforme diálogo estabelecido com o senhor Tota (um dos carreiros mais antigos de Mossâmedes), ele informou

que geralmente um carro de boi é feito por apenas um artesão, porque seu trabalho é feito nos intervalos das lidas diárias do trabalho rural. Em determinado momento, alguns conhecidos são chamados para ajudar a movimentar peças mais pesadas, como a mesa, o canzil e o cambão. Em função desse ritmo de construção sem muita pressa, um carro de boi fica pronto em torno de 6 a 9 meses. Contudo, é uma arte lapidada por poucos no município (não foi possível obter informações sobre o número de artesãos que atuam nessa atividade). Em algumas situações, o carro de boi é encomendado por aqueles que não tiveram o dom artístico de produzi-lo, ou mesmo não se veem com tempo para tal empreitada.

O carro de boi está aí para nos provar que as resistências culturais de um povo fazem parte de sua conduta ao longo do tempo, mesmo que, em determinado momento no percurso da história dos carros de boi, principalmente no caso do estado de Goiás, onde foi proibido de circular por vias pavimentadas do território. Conforme Barbosa (2014), no início da terceira década do século passado (XX) houve manifestações de comerciantes, fazendeiros, mascates e outros contra a presença dos carros de boi circulando, o que levou a um decreto federal que foi discutido e aprovado na assembleia legislativa goiana, que quase deu fim a circulação desses veículos. Deus (2000, p.154) comenta esse fato ao dizer que o então governador do Estado de Goiás, Eugênio Jardim, fez o pronunciamento do Decreto no dia 13 de maio de 1922, constando que: “o recente Decreto do governo federal que subvenciona os estados que construírem e conservaram estradas, impõe a exclusão dos chamados carros de bois que por elas não poderão transitar”.

Mesmo sendo proibidos de circular em vias pavimentadas, os carros de boi encontraram alternativas por estradas de terra para não deixar desaparecer sua importância histórica e cultural do povo que se apropriou do território goiano. Trata-se de um meio de transporte secular que resiste aos avanços do tempo e mantém viva uma tradição de Goiás. Não é à toa que seu valor foi reconhecido como patrimônio cultural do Brasil em 2016, segundo a iniciativa do Departamento de Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan-DPI), por meio da Superintendência de Goiás (Iphan-GO).

### 2.3 AS FESTAS POPULARES, O SANTO PADROEIRO DE MOSSÂMEDES – GO, E OS SENTIDOS DA ROMARIA DOS CARROS DE BOI

Inicialmente, julga-se pertinente realizar uma breve abordagem acerca da categorização e distinções entre festas populares e festas de massa, ainda que ambas se

perpetuam no âmbito da categorização de cultura. Desse modo, as festas populares são celebrações ou eventos festivos, cuja principal característica tradicional é a participação direta do povo, da população local na sua efetivação. Portanto, as festas tipificadas como populares são portadoras de uma autenticidade bastante endêmica (própria do lugar), e são inauguradas no Brasil desde os primeiros percursos do processo de colonização do território brasileiro (D'ABADIA, 2010).

Já as festas de massas são emolduradas como aquelas produzidas em grande escala e servem como mecanismo para mobilizar não apenas pessoas, mas, principalmente, para conceber os artifícios capitalistas por meio dos lucros com a produção cultural e com a manipulação das massas. A essa cultura produzida alguns estudiosos chamam de “cultura inautêntica” ou de “indústria cultural” (BARBOSA, 2017). Nesse sentido, podemos destacar o carnaval, os rodeios, as festas de agropecuária, o futebol e outras invenções do capitalismo. Porém, todas elas, as populares e as de massa acabam em festividades. Além do mais, como ambas as festas citadas perpetuam os circuitos da cultura de um determinado grupo social, comunidade ou lugar, podemos categorizá-las também em cultura popular e cultura de massa.

De acordo com Barbosa (2017; 2017a) e Almeida e Barbosa (2015), as festividades estão presentes desde o aparecimento da humanidade sobre a terra, delimitando uma relação espaço-temporal imbricada à existência humana. Conforme Deus e Silva (2003, p. 112), as festas existem desde os tempos em que os primeiros homens e mulheres passaram a conviver em organizações sociais, pois, segundo as autoras, “[...] elas são importantes elementos da cultura de um povo, pois através delas os grupos apresentam as suas histórias, suas danças, seus ritmos”. Priore (1994, p. 13) assim se expressa a respeito:

As festas nasceram das formas de culto externo, tributado geralmente a uma divindade protetora das plantações, realizado em determinados tempos e locais. Mas com o advento do cristianismo, tais solenidades receberam nova roupagem: a igreja determinou os dias que fossem dedicados ao culto divino, considerando-os dias de festas, os quais formavam em seu conjunto o ano eclesiástico.

Cabe destacar que os anseios da população divergiam dos objetivos com os quais a igreja naquela época justificava a manutenção do seu poder e controle social, antes, durante e depois dos festejos. Ainda conforme Priore (1994, p. 104), “[...] distinto do olhar do povo que vivia a festa, aquela da igreja procurava mapear pecados, combatê-los, disciplinar e controlar as comunidades. Mas para estas, a festa é o momento de cometê-los”. As festas, seus lugares e suas maneiras de acontecer possuem outra interpretação aos olhos da multidão, a cada momento, permitindo uma inversão na sua utilização; isso é o que Priore (1994) chamou

de “a festa de cabeça para baixo”.

As festas possuem uma ampla teia de significados, bem como as motivações da sua efetivação. Como esses encontros ocorriam em um espaço geográfico pré-definido, as festas foram sendo realizadas e perpetuadas diante de sua importância social para determinadas comunidades. Com o tempo, o acontecer das festas acabava determinando alguns espaços de maior convivência social, os quais recebiam uma preparação diferenciada daqueles destinados ao cotidiano (CURADO, 2011). As Américas são uma boa exemplificação de espaços que receberam festas, por imposição ou não, mas que acabaram, no transcorrer do tempo, criando suas próprias festas a partir de matizes que foram se estabelecendo pelo contato entre as diferentes culturas que aqui se fizeram presentes.

No Brasil, as festas sempre estiveram presentes no momento da ocupação europeia-cristã e, como consequência direta, parte significativa delas possui caráter católico-evangelizador. Aqui ocorre, desde a estruturação primordial da colônia e da gênese de nossa formação múltipla e heterogênea, um significativo número de festas, sem contar aquelas desenvolvidas pelos primeiros habitantes dessa terra, haja vista que já possuíam uma diversidade de eventos ligados à sua cultura específica (D´ABADIA, 2010).

Para Priore (1994, p. 8-9), “[...] o tempo da festa tem sido celebrado ao longo da história dos homens como um tempo de utopias [...]”, mas reafirma dizendo que “[...] é claro que toda utopia é globalizante, abarca todos os aspectos do sentir, do agir e do pensar humano”. Outra observação da ideia das festas realizadas aqui no Brasil, feita por Deus e Silva (2003), revela-nos os bastidores das mesmas e suas dinamicidades entre os sujeitos sociais, nos tempos da colonização. Para Priore (1994, p. 22 apud DEUS; SILVA, 2003, p. 14),

desde os primeiros tempos, as festas no Brasil colonial tinham formas parecidas com o teatro, por causa da participação de diferentes atores. Havia pessoas ricas, pobres, europeus, índios, negros e escravos, o que tornou o seu significado bastante dinâmico, com espaço de solidariedade, alegria, prazer, criatividade, troca cultural e, ao mesmo tempo, um espaço de violência, educação, controle e manutenção dos privilégios e hierarquias.

De lá para cá, é possível verificar e identificar os diversos tipos de festas em nosso país: festas de colheitas, festas religiosas, folclóricas, agropecuárias, de santos e dos orixás, para citarmos alguns exemplos. Desses festejos são mais populares no Brasil aqueles dirigidos aos santos católicos e, em menor escala, aos orixás, o que pode ser explicado em função de um estigma social construído em torno de tal questão simbólico-cultural.

Em Goiás, a exploração aurífera que se iniciou em 1722, com a vinda dos descendentes de escravos para desenvolver as atividades na mineração, fez surgir pequenos aglomerados urbanos (PALACÍN; MORAES, 1994). No entanto, as festas populares em Goiás, de alguma forma, são ou estão diretamente vinculadas às representações do passado rural desse Estado e às alterações desse passado na contemporaneidade. Nos dias atuais, as festas tornam-se articuladoras de condutas social, simbólica e cultural e são capazes de construir encadeamentos de relações sociais que se estabelecem no plano territorial, sobretudo no cerrado goiano. Elas consistem em manifestações culturais que se caracterizam, dentre outros aspectos, como eventos efêmeros e transitórios, perdurando por algumas semanas, dias ou horas (D'ABADIA, 2010). Logo, Almeida (2010) afirma que o entendimento no tempo atual desse campo interpretativo da geografia cultural permite discussões de forma ampla dos modos como os artefatos materiais são apropriados e seus significados são convertidos.

A festa, na observação de Barbosa (2017), representa o momento da realização de uma pluralidade de “gentes” e significados, gente que se identifica como devoto, que “paga” promessas e cumpre os rituais novenários, gente que quer vender alguma coisa a outras “gentes”, gente que quer beber, dançar, gente que tentar “arrumar” outra gente, gente que quer ver outras “gentes”. Ou seja, independente da natureza da festa do catolicismo popular, ela sempre esteve, ao longo do tempo, imbricada da manifestação do sagrado com os atos vistos por aquele segmento religioso como profanos. E, segundo Boneti (2015, p. 118-119), “[...] nesse cenário festivo, há uma integração de imagens e de vozes, que unem o passado ao presente e evocam a magia da memória de fatos e feitos transformados em realidade [...]”.

As festas populares em Goiás são um testemunho presente em tempos modernos conduzidos pela globalização, pelo modo como elas reúnem elementos materiais e simbólicos que sustentam as suas (re)existências no tempo e no espaço goiano. Ante o exposto, podemos dizer que esse ato de (re)existir é também propiciador de condutas identitárias. Nessa mesma linha interpretativa situa-se a visão de Almeida (2005), segundo a qual, a identidade adquire feições de resistência, porque, retornando a Almeida (2010), no período contemporâneo, aparece o interesse pelo patrimônio cultural, diante das discussões sobre identidade e alteridade no mundo globalizado.

A festa é, para Claval (2013 apud BARBOSA, 2017, p. 39), “[...] a mistura dos espaços e a mistura dos tipos de festas. Ela é a alegria da catarse coletiva, onde o espaço é também espaço do limite da inversão da ordem natural”. Zaluar (1983, p. 80) contribui dizendo que elas “[...] são parte de um sistema de reciprocidade com as divindades do cosmo construído socialmente pelos homens [...]”. Para Brandão (2015, p. 65), as pessoas vivem a

festa “[...] porque ela é um entre outros meios simbólicos tão humanamente ancestrais e essenciais, através dos quais os sentimentos, os saberes, os sentidos, os significados e as sociabilidades inevitáveis da vida de todos os dias são re-traduzidos e re-ditos”. Ainda, segundo o autor, a festa inaugura, a cada vez, a diferença da rotina do cotidiano, através do desusado nos dias comuns por meio do excesso, do contraste, de uma ordenada desordem.

Em Priore (1994), além de misturar estilos, sons e partituras, as festas misturam corpos. Isso quer dizer, simplesmente, que os festejos têm que alardear contrastes do cotidiano (ALMEIDA; BARBOSA, 2015). Dito de outra forma, “[...] quando chega a festa procuramos exorcizar o cotidiano cansativo, entediante [...]” (PESSOA, 2005, p. 32). Pois, “[...] a festa coloca em cena a presença humana, a cultura e o desejo, tornando o momento da reunião um instante singular” (PESSOA, 2005, p. 35). Pode-se dizer que as pessoas demonstram suas satisfações tanto ao realizar quanto em participar da festa (RIBEIRO, 2006).

Para Barbosa (2014; 2017a), as festas, sobretudo as populares, são protagonistas de uma espécie de anarquia orientada. Esse gosto pela “orientação”, para o autor, é parte integrante de um resgate e uma emancipação cultural coletiva de cada povo, em cada tipologia festiva, em cada lugar, região ou país, mostrando a sua resistência e seu valor simbólico, independentemente da identificação festiva. Esse é o caso da festa do catolicismo popular em louvor a São José, no município goiano de Mossâmedes, padroeiro desta cidade, e seu desfecho com a romaria do desfile dos carros de boi.

Conforme Pereira (2009), a festa de São José é comemorada todos os anos, desde sua origem, que se deu com a chegada dos índios Carijós, Acroás e Náudos, no antigo aldeamento São José, hoje, cidade de Mossâmedes. A Igreja de São José tem sua planta de estilo colonial, feita pelos portugueses, escravos e índios, que foram parte importante na mão-de-obra na sua edificação, concluída no final do século XVIII. O marco inicial das celebrações começou quando o governador da capitania de Goiás, Capitão General D. José de Almeida Vasconcelos Soveral de Carvalho, mandou edificar a igreja matriz e a presenteou com a imagem de São José, que trouxe de Portugal, consagrando-o como o padroeiro do município, surgindo assim o nome Igreja São José de Mossâmedes.

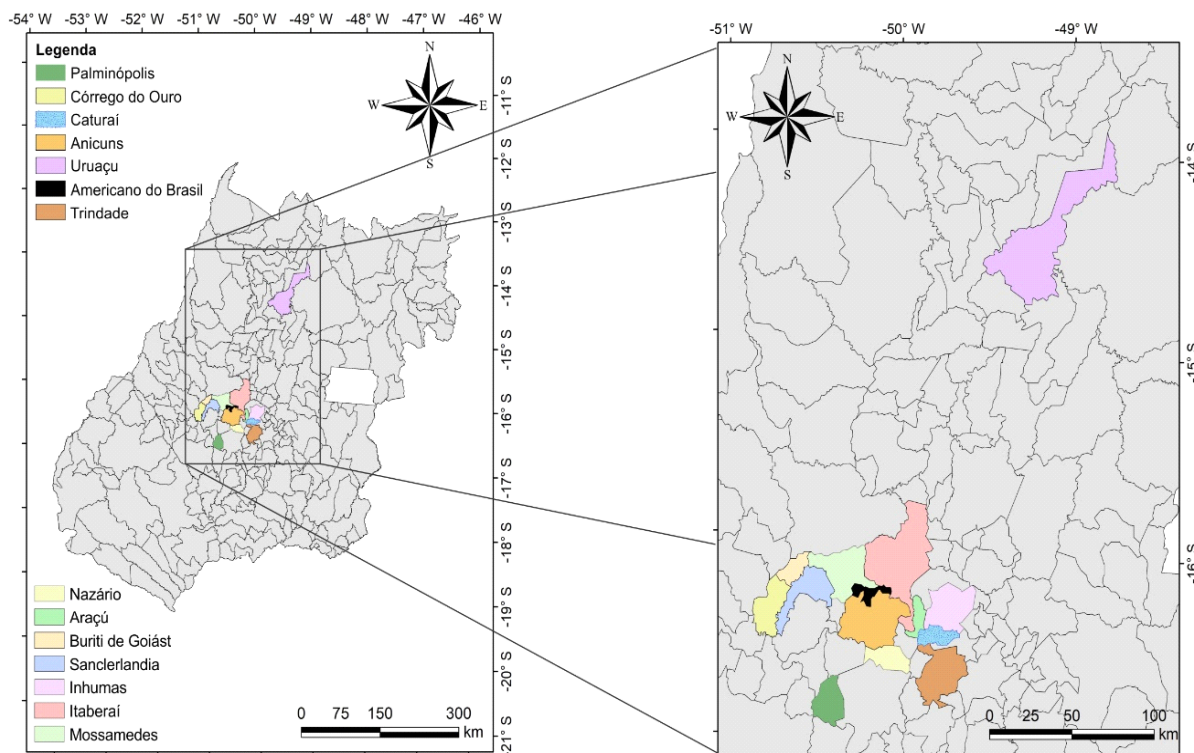
A manifestação festiva, em Mossâmedes, retrata e encena a memória coletiva da identidade da população local, constituindo-se em um bem imaterial que possui grande importância no calendário mossamedino. Pois, segundo Menezes (1992, p. 10), “[...] a memória aparece, então, como algo concreto, definido, cuja produção e acabamento se realizaram no passado e que cumpre transportar para o presente”.

A partir de 1991 foi introduzida na festa do padroeiro da cidade a romaria dos

carros de boi. Os princípios basilares que deram cabo à festa – procissões, missas, terços cantados ao pé do santo, leitura do evangelho, novenas, homilia do padre (os ditos sagrados); leilões, bingos, barraquinhas de venda de roupas, comidas, bebidas, espaços de dança etc. (emoldurados como profanos) – continuam os mesmos. Todavia, a presença dos carros de boi e seu desfile no desfecho da festa se tornou um dos momentos mais esperados pela população local. Comerciantes da cidade e de várias outras localidades, turistas e representantes públicos federais, estaduais e municipais (e outros) fazem questão de presenciar a romaria.

As motivações da festa são plurais; muitos vão por motivos econômicos, outros por entretenimento, outros por devoção, outros por interesses políticos, e etc. Todos os anos, vários romeiros de Mossâmedes e de cidades vizinhas, (conforme a ilustração 17, que demonstra as cidades goianas vizinhas de onde romeiros vêm e participam do desfile dos carros de boi) como: Americano do Brasil, Buriti de Goiás, Sanclerlândia, Caturai, Anicuns, Itaberaí, Araçu, Inhumas, Nazário, Trindade, Palminópolis e Córrego do Ouro, se reúnem na fazenda do Sr. J.B.

**Ilustração 17:** Mapa - Municípios goianos que participam do desfile dos carros de boi em Mossâmedes – GO



Fonte: Oliveira (2020).

Diante da ilustração 17, é possível notar que os municípios que estão mais distantes de Mossâmedes são Uruaçu (na região norte do estado de Goiás) e Palminópolis (região central do estado). Apesar das distâncias que separam os dois municípios citados do local da romaria (ou dos desfiles dos carros de boi), isso não se constitui como obstáculo para a participação anual na manifestação festiva. O encontro realizado na fazenda do Sr. J.B se tornou, com o passar dos anos, uma tradição, uma vez que há dois encontros anuais dos romeiros. O primeiro encontro é para ir à romaria do Divino Pai Eterno, em Trindade, (que na romaria de 2019, reuniu cerca de 400 carros de boi), e o segundo é para a romaria de Mossâmedes, que na festa de São José, de 2019, reuniu 84 carros de boi.

A romaria de Mossâmedes, a celebração da festa de São José teve início no ano de 1774 (conforme registros orais, especialmente do padre da igreja, e também pelos registros bibliográficos disponíveis), e ocorre sempre durante o mês de agosto. No ano de 2020, por conta da pandemia do Covid-19, a festa, pela primeira vez, desde o seu início, não aconteceu.

Na romaria de Mossâmedes, homens, carros e bois são preparados muitos meses antes da apropriação do espaço da cidade para os desfiles. Como já foi dito, nos dias que antecedem as apresentações, todos os participantes se encontram na fazenda do Sr. J.B, o que já acontece há décadas, e já se tornou uma tradição, um ritual dentro da festividade. No dia seguinte, se arrumam, ajeitam os carros, os bois, e se embrenham num espírito de pertencimento, fé e de “obrigação” devocional e saem nas primeiras horas do dia, rumo à cidade de Mossâmedes para participarem do desfile. Esse espetáculo com os carros de boi acontece na rua principal da pequena cidade goiana, seguindo algumas determinações. O primeiro carro de boi se apresenta bem decorado com flores e, em cima dele, a imagem de São José, representando a simbologia da festa. Os demais carros de boi se apresentam de formas convencionais: os carros, os bois, os carreiros e a devoção religiosa que os conduz.

Durante os desfiles, alguns carros “cantam”, outros preferem se silenciar para ouvir e sentir o calor dos olhos dos expectadores, alguns se apresentam com 4, 6 ou até mesmo 8 juntas de bois, como era nos tempos idos, nas labutas constantes no espaço rural, ou quando os mesmos tinham que se deslocar para a cidade.

Nas idas para a cidade de Mossâmedes, os carreiros transportavam consigo os produtos auferidos pelo trabalho na lida diária com a roça (ou o roçado, como preferem alguns historiadores) e com a criação de animais para serem comercializados. Entre esses produtos encontram-se: leite, queijos e requeijões, doce de leite, de pau de mamão, arroz, feijão, abóbora, milho, bananas, mandioca, guariroba, porcos, galinhas e ovos caipira, banha de porco, etc. Todavia, os carros de boi também exerciam suas funcionalidades sociais ao

transportar pessoas para fazer compras, consultas médicas, visitar parentes ou mesmo participar das festas na cidade de Mossâmedes e em outras localidades na região. Talvez seja por isso que Barbosa (2014; 2017) os considera como importantes “primeiros vetores da comunicação” no estado de Goiás.

Como se pode constatar, foi por meio dos carros de boi e suas presenças e funcionalidades no território goiano que houve uma contribuição simbólica para com a cultura de muitos goianos, apesar de na atualidade suas funções serem outras. No entanto, quando analisamos os aspectos culturais de um determinado território, sociedade ou lugar, o que devemos levar em conta são os sentidos que tais representações indenitárias implicam e como reforçam suas relações sociais, mas também com o modo de vida pelo qual estão intimamente conectados.

Nesse sentido, os carros de boi de Mossâmedes e seus desfiles na comemoração dos festejos a São José são um exemplo que reforça essa ideologia. Portanto, é importante acrescentar que as festas populares, duradouras ou efêmeras, muito ou pouco movimentadas, estão presentes no tempo e no espaço em que se materializam, em consonância com os anseios de uma determinada população. Acreditamos que esses são os sentidos da romaria dos carros de boi para os carreiros de Mossâmedes, mas também, e porque não, são os sentidos da vida. E esse é propósito dado com maior ênfase no terceiro capítulo dessa pesquisa a partir dos olhares distintos que versam sobre a festa do padroeiro de Mossâmedes, e também acerca do desfile dos carros de boi, em tempos de modernidade, lógica essa que será abordada na seção seguinte.

#### 2.4 A TRADIÇÃO NAS BARREIRAS DA MODERNIDADE: A ROMARIA DOS CARROS DE BOI DE MOSSÂMEDES – GO

Nesse momento passa-se a abordar a relação entre as metamorfoses do mundo moderno e as funcionalidades dos carros de boi, estabelecendo, inicialmente, o seguinte questionamento: nos tempos atuais são perceptíveis as vertiginosas transformações no modo de vida do sujeito e, por conseguinte, de sua cultura? Em função disso, busca-se, de modo quase que arriscado, respostas para a seguinte indagação: como a tradição se vê diante das barreiras da modernidade?

Na designada “geografia andante”, no dizer de Martins (1997), o território brasileiro é a marca de um país ávido pela conquista e também pela dominação do espaço (BARBOSA, 2007). Baseado na força do trabalho escravo e, no lombo dos muare, o

transporte da produção dos primeiros descobertos auríferos ocorreram às margens dos córregos e rios do estado de Minas Gerais (PALACIN, 1995), e um tempo depois chegaram em Goiás. Os muares eram a única opção para o enfrentamento dos espaços dentro e fora do território goiano, tanto para o transporte de pessoas e gêneros alimentícios quanto também dos resultados adquiridos com a exploração aurífera.

Importante lembrar que a mobilidade social no sertão goiano, em função da mineração, estende-se até a primeira metade do século XIX, e, a partir deste momento, a proibição do tráfico de escravos, as formas rudimentares de exploração, entre outros fatores, fizeram com que a busca pelo ouro se tornasse um processo penoso, caro e decadente. De modo gradual, o espaço goiano deu lugar ao surgimento da lavoura e da criação de gado, especialmente a partir da segunda metade daquele mesmo século (XIX), conforme nos assegura Barbosa (2007).

Assim, começou a aparecer a chamada “fazenda goiana”. Assim sendo, com uma economia extensiva, os cavalos, os muares e os carros de boi consolidaram sua importância às atividades do sertão. Motivados por outras razões, não mais ligadas àquelas da época da “febre do ouro”, muitos migrantes mineiros e nordestinos se dirigiram para o sertão goiano, no século XIX, na expectativa de plantar roça e criar gado. Suas lidas cotidianas no meio rural goiano estavam atreladas, direta e indiretamente, à presença dos carros de boi por aquelas bandas do sertão. França, R (2008) nos faz recordar que as dificuldades de transporte, da produção agrícola, mas também de pessoas daquele período, e o alto custo das tropas, não se tinha alternativa a não ser pela utilização dos carros de boi.

Nogueira (2003) afirma que os carros de boi foram introduzidos em Goiás a partir do ano de 1800, apesar de alguns estudos, a exemplo de França, M. (1985), já apontarem com certa antecedência as atividades rurais e urbanas com aquela modalidade de transporte. Inclusive, como fora constatado pela autora citada, muitos dos produtos comercializados em Goiás eram transportados por carros de boi, além de servirem também como transporte de pessoas e pertences domésticos.

A partir do século XIX, as funcionalidades dos carros de boi ganham novos sentidos, com o início das festas de romaria em Goiás. Para Nogueira (2003), em 1840, época do começo da romaria, sobretudo a do Divino Pai Eterno, em Trindade, ele foi introduzido no sistema de transporte da época. França, M. (1985, p. 150), analisando a história econômica da região do antigo Mato Grosso de Goiás, assegura que, naquela região de Goiás “[...] fixaram-se grande número de mineiros provenientes da região do triângulo mineiro que desenvolveram a agricultura e a pecuária e foram com os seus carros de boi à festa de

Trindade”.

Muitos desses carros de boi ainda são bastante utilizados em algumas das atividades diárias nas propriedades de seus legítimos donos, ainda que muitos deles possuam veículos motorizados e reúnam condições econômicas suficientes para mantê-los. No entanto, os carros de boi representam, no consentimento dos carreiros-proprietários (conforme se verá no próximo capítulo, por meio das entrevistas), muito mais que uma modalidade de transporte lenta; no tempo da pressa, eles representam para os seus proprietários um grande valor simbólico. Trata-se de uma cultura que é cultivada e repassada de geração em geração, a cada acontecer da festa, da romaria e, do seu encerramento, o desfile dos carros de boi.

Por esses motivos, é importante perceber como as tradições (re)existem em espaços e temporalidades diferentes. Os carros de boi, na atualidade dos “novos” tempos, são pouco utilizados, se comparados ao seu uso entre os séculos XVIII e XX, por meio das diversas funções que desempenhavam. No entanto, eles permanecem “enfrentando” as negações dos espaços e tempos modernos, o que não há como refutar a exemplo do acontecido no território goiano, considerando, o que ocorre na cidade de Mossâmedes, com a festa do padroeiro.

A apresentação dos carros de boi nas romarias goianas e, de um modo especial, na de Mossâmedes, ao mesmo tempo em que coloca em destaque a simbolização da cultura de um tempo que passou, promove também paradoxos em tempos de globalização (BARBOSA, 2017). Nesse sentido, a modernidade e a tradição convergem em caminhos e conflitos antagônicos de um “Goiás Novo” e de um “Goiás Velho”, conforme analisou França, R. (2008). Mesmo assim, apesar das (re)existências culturais, a exemplo dos carros de boi, a modernidade, cada vez mais, tende a negar a tradição. Contudo, pode-se admitir, conforme atesta Chaveiro (2005, p. 61), “[...] de que o que ocorre não é apenas uma mercantilização da tradição cultural, mas o testemunho de que o mundo ruidoso gera um sentimento de cansaço, elaborando a antinomia como solução”. Por outro lado, negar a presença da tradição, como no caso dos carros de boi, é tentar provocar uma ruptura cultural na história da sociedade goiana. Como expressa Rosa (1974, p. 167), “[...] o tempo amainou, mas não destruiu [...]”.

Dito de outra maneira, os novos circuitos identitários que se apregoa a cada momento no mundo de uma sociedade cada vez mais cingida pelas ações globalizadas estabelece uma arena de conflitos do existir/resistir/impôr entre o “novo” e o “velho”; entretanto, um não invalida a presença do outro.

E falar de identidade e globalização na pós-modernidade torna-se importante associá-las e, ao mesmo tempo, fazer um esforço teórico de interpretação à luz da sociologia.

Bauman (2007, p. 31) afirma que com a globalização, e as contradições derivadas dela, a vida solitária de indivíduos pode ser alegre, e é provavelmente atarefada e que, num mundo assim, não restam muitos fundamentos sobre os quais os indivíduos em luta possam construir esperanças de resgate e a que possam recorrer em caso de fracasso pessoal. A esse termo o autor chamou de "globalização negativa" e "tempos líquidos ou modernidade líquida". Esta última definição surge como uma metáfora para pensar o indivíduo e suas relações espaço-temporal, onde, segundo ele, o novo individualismo, o enfraquecimento dos vínculos humanos e o definhamento da solidariedade estão gravados num dos lados da moeda onde a outra face mostra os contornos nebulosos da globalização negativa.

Em outra via interpretativa, Bauman (2001) afirma que há o entendimento de que analisar os aspectos da identidade cultural, em tempos de globalização, é um processo muito recente na história da sociedade. Pois, segundo o autor "é um dilema e um desafio, para a sociologia, há algumas décadas, a "identidade" não estava nem perto do centro do debate, permanecendo unicamente um objeto de meditação filosófica. Atualmente, no entanto, a identidade é o "papo do momento" (BAUMAN, 2001, p. 22-23, grifos do autor), um assunto de grande importância e em destaque.

Vale ressaltar que a identidade (cultura, simbolismo, tradições), apesar de estar evidentemente em conflito com a pós-modernidade (laços fluídos, líquidos, novo, diferente), ela e a diferença estão associadas em realidades diferentes, ao mesmo tempo em que uma nunca anula a outra e possuem importância central nos estudos culturais. E mais, essa contradição pujante entre identidade e globalização (pós-modernidade) nos direciona novamente às análises de Bauman (2001, p. 151-152), ao entender que "essa contradição poderia por si só desacreditar o esforço de disfarçar o projeto político comunitário como uma teoria descritiva da realidade social. No entanto, o que constitui um importante fato social que merece ser explicado/compreendido é a própria popularidade [...] das ideias comunitárias".

A questão da identidade só surge com a exposição da comunidade. Ela tem um forte sentido de pertencer daquela comunidade. As pessoas em busca de identidade se veem invariavelmente diante da tarefa intimidadora de alcançar o impossível. Bauman (2005, p. 17) alega ainda que "tornamo-nos conscientes de que o pertencimento e a identidade não têm a solidez de uma rocha, são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma [...] são fatores cruciais tanto para o pertencimento, quanto para a identidade".

Mesmo sendo uma "tarefa intimidadora" em tempos de contradição mediatizada pelo processo de globalização mundial, a busca da identidade, nesse caso específico da festa

de Mossâmedes, se constitui como um “jeito de caminhar” dos aspectos simbólicos de determinado lugar, e a sua tradição e força dentro do território, é uma prova de que o tempo e as pessoas, apesar de sua fluidez e “liquidez”, estabelecem laços de resistência cultural que dão sentidos e continuidade às suas vidas. Há questões que importam muito ao se falar em identidade cultural: pertencer/manifestar/vivenciar/acreditar. Como a festa do padroeiro de Mossâmedes, bem como o desfile dos carros de boi, objetivo maior dessa pesquisa, há um forte sentido de pertencimento e sentimento identitário da população daquele município. Nesse sentido, o próximo capítulo abre um espaço de diálogo para com a comunidade envolvida na manifestação: proprietários dos carros de boi (carreiros), população local, turistas e comerciantes locais.

### **3 NOS EIXOS DA TRADIÇÃO E DA MEMÓRIA: A ROMARIA DOS CARROS DE BOI DE MOSSÂMEDES – GO**

De acordo com Pessoa (2017), uma sociedade é movida pelos traços de sua tradição e de sua preservação da memória. Uma sociedade que não preserva seus símbolos está fadada a vê-los desviando de seus costumes e entrando na decadência de sua própria cultura.

Inicialmente busca-se definir a tipologia da abordagem em ciências humanas (qualitativa ou quantitativa) adotada para a conclusão da pesquisa, mais que isso, para a compreensão de como os dados foram adquiridos e a forma como se apresentam no decorrer desse capítulo. Para Miguel (2010), a entrevista é o ponto básico de sua teorização, projetando a técnica para a arte da entrevista, identificando no ato de entrevistar, acima de tudo, a arte de ouvir, perguntar e conversar. “Entrevistamos porque temos interesse nas histórias das outras pessoas, esta modalidade flexível e dinâmica sendo o principal motivo de se realizar uma entrevista” (MIGUEL, 2010, p. 132).

A diferença, segundo Minayo (2018), entre uma pesquisa qualitativa e uma quantitativa encontra apoio na escolha de abordagens que são sustentadas por pressupostos filosóficos distintos, pois

[...] na abordagem qualitativa, entretanto, o que se pretende, além de conhecer as opiniões das pessoas sobre determinado tema, é entender as motivações, os significados e os valores que sustentam as opiniões e as visões de mundo (MINAYO, 2018, p. 146).

[...] as entrevistas ocupam um lugar de destaque no rol das técnicas de pesquisa em ciências sociais, principalmente por lidar com a palavra, veículo privilegiado da comunicação humana (MINAYO, 2018, p. 160).

A autora ainda enfatiza que o critério mais importante a ser considerado nesse processo de escolha não é numérico (quantidade de pessoas a serem entrevistadas), já que a finalidade não é apenas quantificar opiniões e sim explorar e compreender os diferentes pontos de vista que se encontram demarcados em um contexto. O eixo balizador da pesquisa que se apresenta está nos diálogos com categorias sociais que engendram o acontecer da festa, da romaria. Assim, a opção em termos tipológicos se curva para uma abordagem tipificada em pesquisa qualitativa, por suas características de natureza humana e o significado de determinado objeto em suas convivências cotidianas (PESSOA, 2017).

Conforme Yin (2016), uma das características principais de uma pesquisa qualitativa é estudar o significado da vida das pessoas (participantes) em um determinado momento. Difere da pesquisa quantitativa pelo fato de que nesse caso o objetivo é quantificar os resultados, analisando-os em uma perspectiva estrutural, deixando de lado os aspectos subjetivos que podem estar presentes, o fenômeno. A partir desse delineamento e ordenação na entrevista pode-se compreender como cada uma delas, e, ao seu modo, contribui não somente para a realização de um determinado evento, como também para a motivação ou não do mesmo. Entretanto, convém destacar alguns pontos de vista de autores da Sociologia, bem como da Geografia, que deram importantes contribuições acerca da valorização das entrevistas no âmbito da pesquisa científica.

Pessoa (2017) afirma que o caminho metodológico possui como intuito principal a descrição dos passos da pesquisa, proporcionando ao leitor uma compreensão maior sobre como foi desenvolvido e concretizado o estudo. A entrevista, para Yin (2016), proporciona perspectivas para o entrevistado alcançar liberdade em sua fala e espontaneidade no diálogo, podendo enriquecer ainda mais o objeto analisado. Ainda em Pessoa (2017), o trabalho de campo, mediado pelo processo de entrevista

[...] não é somente empiria, é preciso articular trabalho de campos e teoria para, assim, compreender a dinâmica do espaço geográfico [...] (PESSOA, 2017, p. 501).

[...] ele é fundamental na pesquisa, pois representa o momento em que o pesquisador estabelece um contato direto com a realidade estudada, interagindo com os sujeitos e aprendendo a maneira como eles se concebem em suas dinâmicas de vida e de trabalho no lugar em que vivem. O pesquisador possui um papel crucial na aplicação da entrevista, pois ele deve fazer com que o entrevistado se sinta à vontade e confortável em relação às perguntas e também saber que ele é importante para o desenvolvimento da pesquisa, estando ciente que, sem ele e sem suas informações, provavelmente o pesquisador não conseguirá chegar aos resultados esperados (PESSOA, 2017, p. 504).

Nesse sentido, ao colocar em prática o mecanismo artístico das entrevistas àquelas categorias sociais, busca-se compreender suas manifestações, tradição e memória, por meio da prática escolhida por eles enquanto ícones que fundamentam a realização da festa religiosa e, por conseguinte, do desfile dos carros de boi. E mais se, de acordo com Almeida (2006), sem a presença dos turistas, não há um lugar turístico, no caso da romaria de Mossâmedes são os carreiros, os habitantes da cidade, os turistas e os comerciantes locais que formam um quarteto social que possibilita o acontecimento do momento festivo religioso: a romaria de São José de Mossâmedes. Desse modo, forma entrevistados 56 carreiros, 56 moradores locais, 25 turistas e 15 comerciantes.

Vale ressaltar que as entrevistas foram elaboradas em torno de questões centrais (ver apêndice B), as quais, devido às respostas apresentarem semelhanças de umas com as outras, possibilitaram a quantificação dos resultados por meio de pontos de intersecção. Isto é, em cada pergunta se obteve em torno de 3 a 5 respostas gerais; desse modo, a análise empreendida se pautou no percentual de cada uma dessas manifestações, o que levou à descrição dos resultados considerando os dados (percentuais) de pessoas que deram a mesma opinião. Em dadas questões centrais para a discussão se vê a presença de gráficos como forma de ilustrar o resultado. Portanto, à luz dessa dinâmica, os resultados das entrevistas passam a ser representados posteriormente, tendo como ponto de partida as experiências dos(as) carreiros(as), o olhar dos moradores locais de Mossâmedes, a visão dos turistas e o posicionamento dos comerciantes, respectivamente.

### 3.1 CARREIROS QUE PERCORREM A HISTÓRIA CONTANDO SUAS ESTÓRIAS E CRAVANDO SUAS MEMÓRIAS

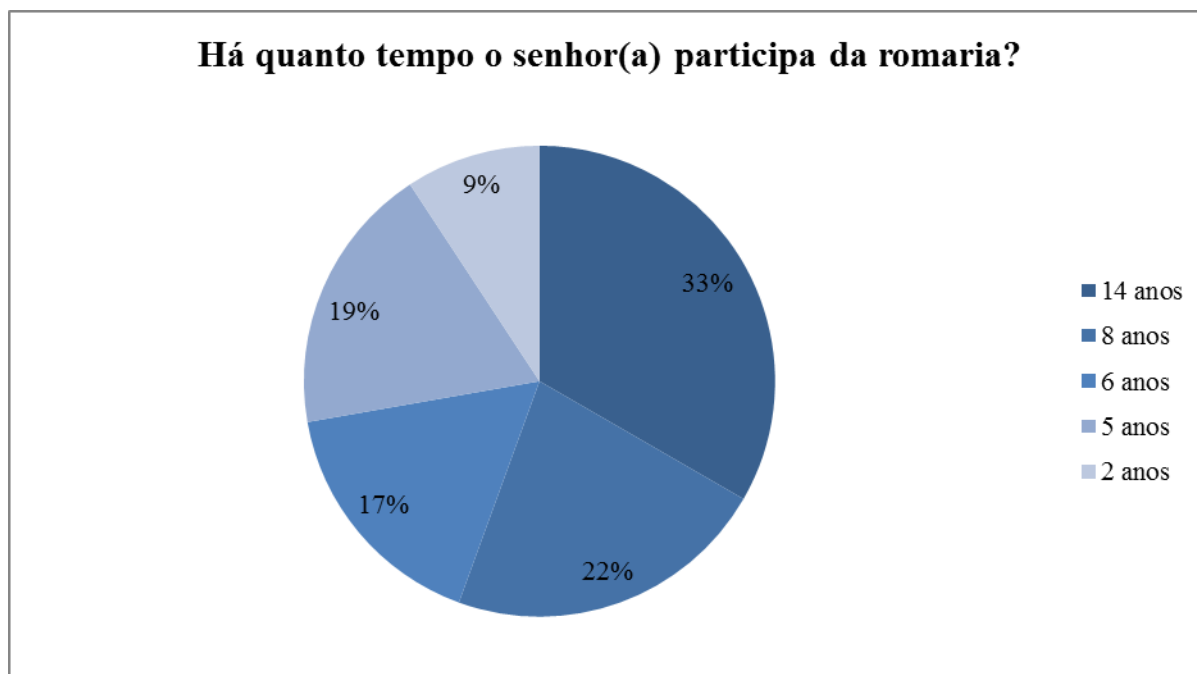
As entrevistas foram os instrumentos de pesquisa que possibilitaram um maior aprofundamento das experiências dos carreiros, sobretudo por partir de uma narrativa diante dos questionamentos propostos, proporcionando um reavivar das lembranças desses sujeitos. Essas entrevistas foram acompanhadas de uma cuidadosa observação participativa registrada em diário de campo, que permitiu identificar as práticas vivenciadas pelos carreiros de Mossâmedes que perpetuam a tradição da romaria destinada ao padroeiro da cidade.

Conforme afirmam Rodrigues e Bicalho (2017), a pesquisa de campo permite ao observador o amadurecimento e a compreensão da cultura dos sujeitos investigados diante do seu objeto de estudo. Uma pesquisa, nas palavras de Rodrigues e Bicalho (2017, p. 150, grifo dos autores), “é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa. Assim, o “observador participante” precisa de uma boa relação e da convivência com os sujeitos da pesquisa”.

O questionamento inicial – há quanto tempo o senhor(a) participa da romaria? – serve para compreender o tempo da festa, bem como a forma ou o modo da tradição e também da realização do desfile dos carreiros. Conforme adverte Miguel (2010), trata-se do momento em que ocorre a valorização da pesquisa por meio da produção do conhecimento, referindo-se à pesquisa por uma perspectiva interpretativa. Nesse sentido, a representação gráfica em destaque (ilustração 18) é o perfil basilar, pois, por meio dos resultados obtidos essa é a materialização dos diálogos manifestados pelos carreiros, ao serem questionados

acerca do tempo em que participam da romaria de Mossâmedes.

**Ilustração 18:** Gráfico – Tempo de participação dos carreiros na festa



**Fonte:** Informações obtidas na pesquisa de campo por meio da realização de entrevistas (2019).

**Organização dos dados:** Oliveira (2020).

É interessante ressaltar que, se comparado ao tempo de existência da festa, que já existe há quase trinta anos, mais de 50% dos entrevistados, embora já participem de oito a quatorze anos da celebração, é ainda um período relativamente curto. Diante disso surge uma hipótese que pode justificar tal situação, pois é provável que esses carreiros tenham trazido consigo esse carinho e afeto com o ofício desde a juventude, ou que tenham aprendido já na vida adulta.

Quanto aos demais resultados, há uma variação de dois a seis anos em que os carreiros participam da referida romaria, situação que pode ser explicada por um interesse mais tardio quanto ao trabalho de carreiro. Pode-se inferir que a festa da romaria vai se consolidando ao longo do tempo e agregando novos carreiros. Como o caráter da tradição trata-se das trocas e dos repasses culturais de uma geração a outra, torna-se importante saber quem mais da família participa da romaria: familiares, parentes, amigos, conhecidos, entre outros.

Desse modo, o segundo questionamento feito aos carreiros foi no intuito de saber quem, além deles, participava da festa. Obteve-se dois eixos de respostas muito

interessantes. O primeiro grupo, somando 55% do total de entrevistados, afirma que se trata de membros da família. Assim, percebe-se quão importante é a romaria de São José, pois, além de ser um momento simbólico, especial e de devoção para muitos, é também um momento em que os familiares se reúnem, sendo uma tradição já clássica e que se mantém presente até a contemporaneidade. Os outros 45% indicam que os demais participantes da festa são amigos.

Assim, seja pela primeira resposta seja pela segunda, o que se conclui é que a romaria de Mossâmedes se apresenta como um festejo marcado pelas práticas de sociabilidade entre os sujeitos, os quais possuem seus laços consanguíneos ou seus laços de vida, das experiências e vivências compartilhadas, sendo a participação na romaria um momento especial para conferir maior densidade a esses laços sociais. E por versar sobre vivências compartilhadas, a outra pergunta realizada aos carreiros revela o valor que a romaria possui para aos participantes/entrevistados. Pois, conforme preconiza Almeida (2006), essa tipologia de festa é também propiciadora de maiores laços de sociabilidades sociais.

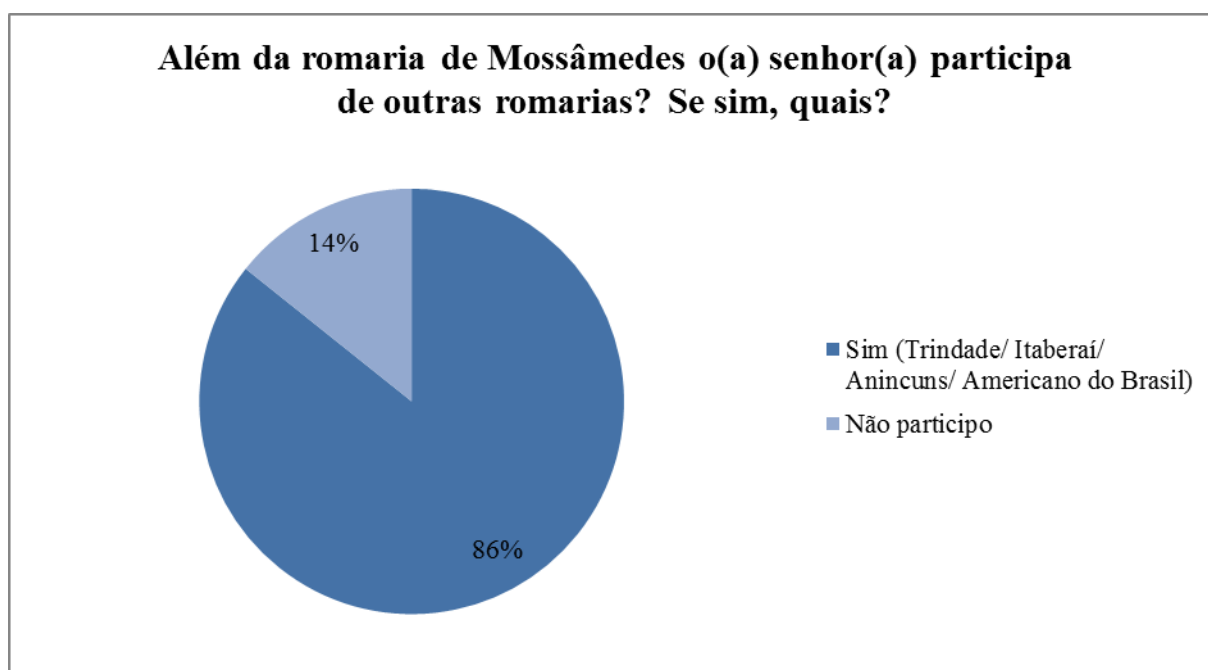
Expressar os significados de algo através de palavras é uma função um tanto densa e complexa, afinal, ao tratar dos sentidos do que cada coisa representa, estamos falando de aspectos ligados ao campo teórico, subjetivo, às particularidades e emoções que cada um traz em seu interior (BARBOSA, 2017). Portanto, os carreiros, ao serem questionados sobre o sentido e significado que a romaria possui para eles, as suas respostas se estruturam em dois pilares centrais: fé e companheirismo.

Assim, 55% dos carreiros entrevistados alegou que a romaria é sinônimo de fé, um momento de demonstrar sua espiritualidade, sua devoção ao santo padroeiro (ALMEIDA; BARBOSA, 2015). Já os outros 45% dos carreiros questionados afirmaram tratar do companheirismo, das relações que se estabelecem no decorrer das celebrações, nos múltiplos momentos da festa, em suas distintas atividades. Participar da festa é fazer parte de um tempo de aproximação, de acolhimento e sensibilidade para com o outro e também consigo. Diante das manifestações dos carreiros, é importante também obter informações que trará respostas se existe, por parte dos entrevistados, a prática de participação ou não em outras romarias, tanto em Goiás, como fora dele.

Portanto, entre os carreiros, ao serem indagados sobre a sua possível participação em outras romarias, é quase unanimidade a resposta assertiva desses, conforme se pode observar na ilustração 19. Dos entrevistados, 86% afirmam que sim, que participam de outras romarias ao longo do ano. Entre as citadas, destacam-se a romaria de Trindade, Itaberaí,

Anicuns e de Americano do Brasil. Todas essas são cidades de Goiás e que possuem forte influência cultural em termos de tradição em romarias, uma atividade secular e que rompe as barreiras do tempo. Somente 14% dos carreiros alegou não participar de outras romarias no decorrer do ano.

**Ilustração 19:** Gráfico – Participação dos carreiros em romarias



**Fonte:** Informações obtidas na pesquisa de campo por meio da realização de entrevistas (2019).

**Organização dos dados:** Oliveira (2020).

Diante desses dados, o que se conclui é que o ofício de carreiro vai além de um saber fazer durante em um dado espaço temporal que demarca o ano; caminha na direção de uma função que se desempenha pela tradição, pelas heranças culturais trazidas e preservadas de seus antepassados, pelo afeto e resistência para com essa atividade presente ainda em Goiás, no Cerrado goiano. No entanto, adiantando dados que serão expressos mais adiante, há aqueles carreiros que não constroem o seu próprio carro. Alguns carreiros realizam um empréstimo de vizinhos ou amigos com que tem maior afinidade e que possuem mais de um carro ou mesmo não participam da romaria, mesmo vendo-a como parte de sua cultura regional, o que os motiva a participar mesmo que em um campo simbólico, por meio da disponibilidade de seu carro de boi para compor o momento festivo.

Ao participar de festividades similares em outras cidades, os carreiros indicam que exercitam sua afeição a esta atividade ou função em outras ocasiões durante o ano, não tendo a romaria de São José como o único momento festivo e devocional. Assim percebe-se

que muitos carreiros possuem uma afeição especial a este tipo de atividade, visto que investem tempo e também dinheiro para tal finalidade, que se revela outorgadora de sentido para a vida dessas pessoas. Outra questão direcionada aos carreiros é se eles acreditam que a romaria irá continuar ainda por muito tempo, pedindo para explicarem o motivo de sua resposta. Suas respostas foram reveladoras, sobretudo ao considerar valorização da tradição e a força do simbolismo expresso nos seus anseios.

Entre os entrevistados, 72% dos carreiros responderam que sim, que a romaria vai continuar ao longo dos próximos anos. Eles alegaram ser em função da festa se inserir como uma tradição familiar, um festejo que vai além da dimensão de uma comemoração anual no município, algo que faz parte do cotidiano, da lógica anual de diversas famílias mossamedinas. Quanto aos demais carreiros, 28% dos questionados afirmaram que não, e justificaram suas respostas a partir da falta de interesse das pessoas em relação à festa, o que pode culminar, na pior das hipóteses, no fim dessa tradição.

Se a maioria dos entrevistados aponta pela continuidade da festa, talvez seja interessante saber dos mesmos quais as motivações que os levaram a fazer parte desse ritual festivo. Assim, uma vez indagados sobre suas motivações para participar da romaria, entende-se, a partir da resposta dos carreiros, que os elementos centrais que eles destacam, versam **sobre** as questões relacionadas ao que se considera sagrado e ao entendimento de profano. A título de informação, Oliveira (2012) adverte que o sagrado está intimamente ligado às causas devocionais (as missas, as novenas, as procissões etc.); e o profano seria o paradoxo no contexto da romaria: bailes, bebidas, jogos de azar etc.

Logo, 61% das respostas indicaram a fé como fator motivacional, a parte espiritual e devocional, especialmente através da figura do padroeiro da cidade (São José). Já os outros 39% justificam que a sua motivação se relaciona com a promoção do encontro com os amigos, a diversão, a festa que, diante do que já foi exposto, se dá, principalmente, através dos shows que acontecem na praça da cidade, os quais foram inclusive citados como algo que precisa ser ampliado.

Ao considerar que a maior parte dos entrevistados declarou que sua principal motivação é a de simplesmente participar da festa devido à sua representatividade, **faz-se** importante também saber se os mesmos costumam receber algum tipo de ajuda financeira para participar da romaria, haja vista que vivemos numa sociedade economicamente bastante desigual. Por conta disso, pode-se perceber que a festa é para todos, porém as vias de acesso a ela também perpassam as dualidades econômicas e sociais, sobretudo por entender que tal participação na condição de carreiro implica em gastos que lhe são inerentes, devido ao

movimento realizado para contribuir com todo o cenário festivo e com a tradição.

É possível constatar que se trata de uma unanimidade entre os carreiros que nenhum deles recebe qualquer espécie de auxílio para participar do evento. Nesse sentido, todo o gasto que eles têm, desde a vestimenta até a organização e ornamentação do carro de boi, é arcado a partir de recursos próprios. Esses gastos, embora alguns atinjam valores significativos, na maioria das vezes, nem são percebidos. Afinal, o que eles levam em consideração diante do contexto é a devoção que eles trazem consigo no coração, o gosto pela preservação dessa tradição local e a alegria pela sociabilidade estabelecida ao longo de todo o transcorrer do festejo de São José.

Ao tomar como base a relevância da festa para os carreiros que dela participam, torna-se viável analisar o grau de importância que esse mesmo ofício expressa para os jovens, na medida em que esses é que são os responsáveis pela continuidade da tradição. Vale ressaltar que essa pergunta foi feita aos carreiros que já atravessam um longo período, cumprindo sua missão enquanto carreiros e participantes da romaria, e que dela ainda participam.

Ao serem convidados a fazer uma análise sobre a atual situação da atividade de carreiro, mais da metade dos entrevistados apontou um temor quanto à continuidade desse ofício, uma vez que para se manter vivo ele deve ser ensinado aos mais jovens, para que assim esses cultivem a tradição. No entanto, parece não haver muito interesse desse público em relação à atuação como carreiro. É possível notar que os jovens, majoritariamente, dentro do contexto festivo, estão mais preocupados com os momentos de lazer, ou momentos profanos, do que com as outras etapas, especialmente aquelas voltadas à devoção e tradição.

Todavia, outros 45% dos carreiros apontam que sim, pois, a partir do incentivo das famílias, os jovens têm se dedicado a aprender o funcionamento da atividade de carreiro, para que daqui a algum tempo esses assumam tais postos, revigorando e preservando essa cultura local. Mas, se a maioria, conforme se analisa por meio dos resultados da pesquisa, entende que as famílias vêm incentivando os jovens a se dedicarem à atividade de carreiro (mesmo às vezes não sendo de interesse deles), pode ser que haja sim perspectivas positivas para os próximos anos.

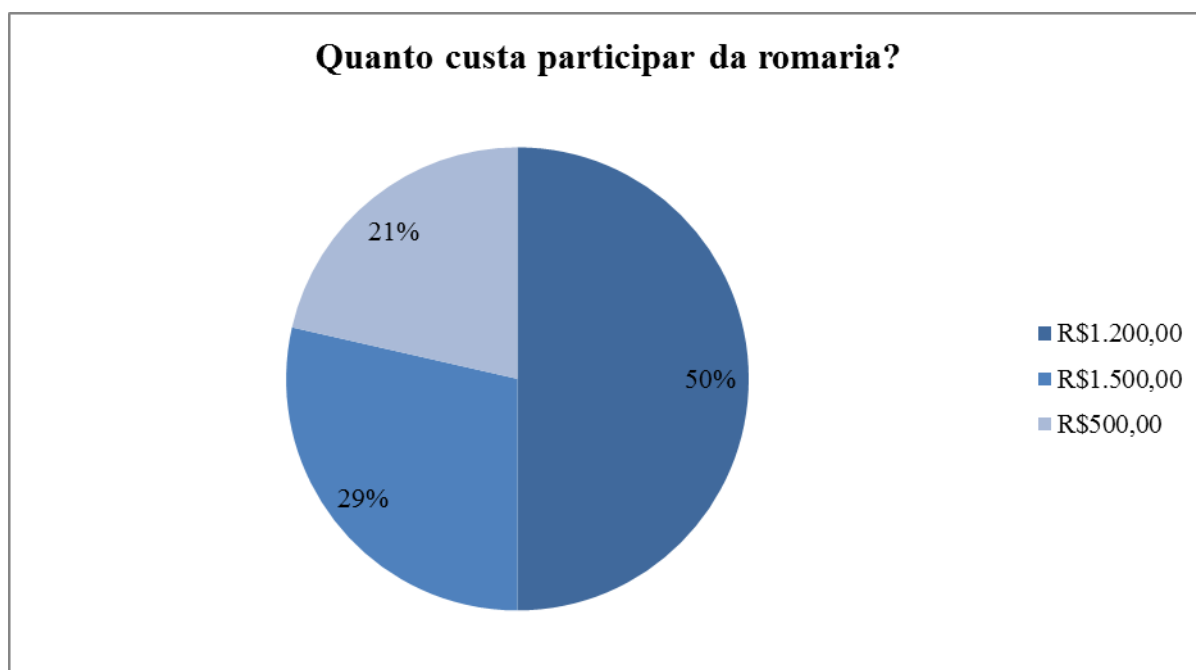
Em se tratando de uma tradição, a sua continuidade passa pela arte da construção dos próprios carros de boi, o que leva a questionar a origem desses. Portanto, de acordo com 70% dos carreiros, os carros de boi utilizados no desfile são próprios e construídos por eles. Essa questão que se faz dominante, além de demonstrar a preservação da cultura dos carros de boi como elemento constitutivo da romaria, ainda traz à tona a questão da arte de construir

tais veículos. Os carreiros então são os responsáveis pela construção, manutenção, ornamentação do carro de boi, e preservação de um rito cultural de extrema relevância, atividades que eles nitidamente desempenham com prazer, considerando as suas narrativas.

Dos entrevistados, apenas 30% afirma que faz o uso de um carro de boi emprestado para que possa participar do desfile. Contudo, mesmo assim, percebe-se o quão relevante é a festa de São José para essas pessoas, pois mesmo não tendo carro de boi, fazem questão de providenciar um para que continuem participando do tradicional desfile em Mossâmedes.

Como já ressaltado anteriormente, tudo aquilo que tem um valor simbólico também vem acompanhado de recursos econômicos para que se possa compor esse momento festivo. Portanto, ao serem indagados a respeito dos gastos prováveis para a participação na romaria, os carreiros elencam, basicamente, três valores centrais dos seus gastos, o que pode ser constatado na ilustração 20.

**Ilustração 20:** Gráfico – Gastos com a participação na romaria



**Fonte:** Informações obtidas na pesquisa de campo por meio da realização de entrevistas (2019).

**Organização dos dados:** Oliveira (2020).

Assim, com base no gráfico (ilustração 20), 50% dos entrevistados afirma que seus gastos giram em torno de mil e duzentos reais; outros 29% alega ser aproximadamente mil e quinhentos reais, e 21% afirma gastar quinhentos reais. Porém, cabe destacar que esses valores indicados são aproximados, não representando necessariamente o que de fato foi

gasto, afinal percebe-se que em alguns casos os carreiros gastam bem mais do que o valor máximo apontado, contudo, não contabilizam a risca tudo que gastam, portanto, suas respostas indicam valores aproximados, podendo variar para mais ou menos.

Se boa parte dos entrevistados declararam gastos que ultrapassam o valor de um salário mínimo vigente no país, julga-se pertinente saber se o carro de boi é sua “ferramenta de trabalho” cotidiana, ou se o mesmo somente é utilizado para participar da romaria.

Dos entrevistados, 73% dos carreiros afirmou que também utilizam os carros de boi em outros afazeres, dentre esses, destacam-se o transporte de lenha, pedras, alimento para o gado e grãos, como o milho, por exemplo. Tais usos remontam a um passado não muito distante, em que boa parte das pessoas que moravam nas áreas rurais utilizava os carros de boi como meio de transporte, principalmente para cargas, considerando a resistência do veículo e por ser guiado por animais que dão conta de tais afazeres.

Nesse sentido, embora não muito usual nos dias de hoje, algumas das pessoas que ainda possuem esse veículo em casa, de fato utilizam-no, embora em momentos pontuais, o que apresenta a preservação de um costume, de gerações. Todavia, outros 27% dos carreiros entrevistados fazem o uso do carro de boi somente para o desfile na romaria, guardando e preservando-o ao longo de todo ano, para que no próximo possa ser utilizado novamente. Desse modo, por meio dos dados, é possível afirmar que existe uma realidade de permanência da tradição do uso dos carros de boi ainda nos dias de hoje, apesar da concorrência de outras modalidades de transporte motorizadas (BARBOSA, 2014). Esse dado pode indicar também para o fato de que os transportes pontuais com carros de boi se apresentam como uma modalidade mais econômica, se comparado aos concorrentes, o que se torna mais atraente aos pequenos proprietários rurais.

De todo modo, as narrativas nos permitem refletir que a participação de cada carreiro no desfile é mediada pela pluralidade de sentimentos, disponibilidade econômica para se fazer presente na festa, pertencimento, tradição e memória. As narrativas de cada um servem para fecundar a realização da festa, mas também, juntas, expõem as faces coletivas sobre como a veem e o que poderia ser acrescido na mesma para que continue. Na ótica de Brasil, de acordo com Silva, Pinheiro e Brillhante (2018, p. 226), não se busca somente a informação individual, mas também “[...] se procura identificar as interações grupais e ampliar a escuta, o que oferece uma apreensão não somente sobre as representações acerca da experiência, como também uma compreensão de atitudes, preferências, sentimentos ou conflitos adjacentes a tal experiência”.

Para Garcia e Souza (2014, p. 202), “na análise das narrativas, é preciso levar em

consideração o fato de que embora se possa narrar um fato, ele é contado desde a perspectiva de quem fala, do contexto específico desta pessoa nos aspectos históricos, sociais e culturais”. Assim, é passível de entendimento que na via do discurso narrativo as pessoas representam ideias e sentimentos com as próprias palavras para alguém. Nesse caso, as narrativas da próxima seção permitem dar voz a aqueles que participam, cedem o seu espaço físico para a realização da festa, mas também opinam acerca da materialização da mesma. A festa rompe uma lógica cotidiana, bastante esperada por muitos moradores locais. São eles os próximos protagonistas que darão suas contribuições acerca da romaria de sua cidade, do desfile dos carros de boi e dos turistas a partir de suas realidades.

### 3.2 AOS OLHOS DOS QUE AQUI ESTÃO, UM ROMPER NA LÓGICA COTIDIANA: A ROMARIA PARA OS MOSSAMEDINOS

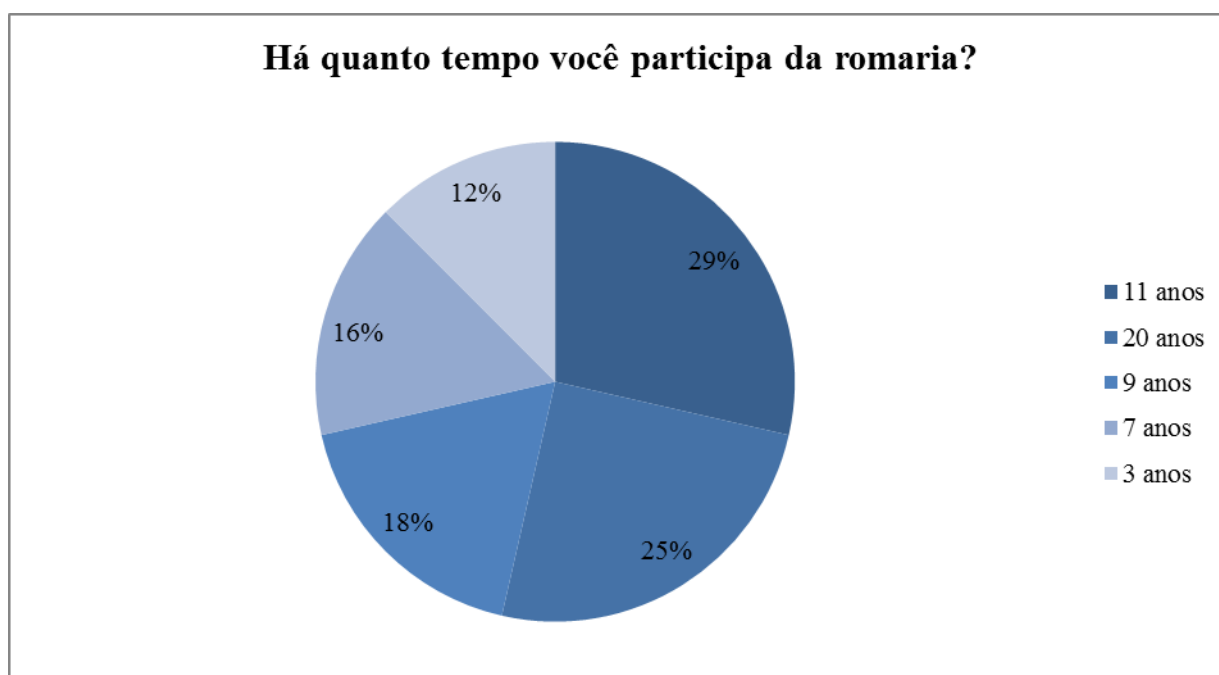
Conforme Almeida (2006), a metodologia estabelecida por meio das entrevistas com os moradores locais deve ser primada pela maneira informal com algumas pessoas, pois essas são as peças chave da comunidade, tais como lideranças, moradores antigos, líderes jovens e mulheres que se destacam na vida comunitária ou grupal. Foram realizados alguns contatos informais, dos quais surgiram nomes importantes e informações de interesse para o melhor conhecimento da localidade e do trabalho realizado. Para Fraser e Gondim (2004), toda técnica de pesquisa tem alcances e limites demarcados e, para que seus resultados sejam confiáveis, são necessários, além da coerência com o paradigma escolhido e com o objeto de estudo, o conhecimento e o domínio da técnica pelo pesquisador, o que é perfeitamente aplicável no caso da entrevista.

Ainda segundo Fraser e Gondim (2004), nem sempre é importante nomear os sujeitos sociais em uma pesquisa e, sim, destacar, por meio dos diálogos com os mesmos, suas observações acerca do objeto analisado. Em função disso, e por uma questão ética, não há menção aos nomes dos entrevistados, e sim sua posição em relação à romaria ou presenciada por eles, na cidade de Mossamedes. Desse modo, seus depoimentos e apontamentos acerca da romaria são de suma importância para a compreensão dos circuitos da romaria, a partir da análise de alguns desses personagens.

A partir do primeiro questionamento feito aos moradores, o qual procurava saber o tempo que esses participam da romaria, percebe-se a representatividade da Romaria de São José de Mossamedes, ao considerar a forma como ela atrai públicos diferenciados, fazendo com que esses devotos participem uma vez e se sintam motivados a ir aos próximos anos

(ilustração 21). Torna-se evidentes que são múltiplos os motivos que impulsionam mais da metade dos entrevistados a participarem de quase uma década ou mais desse ritual celebrativo, de trocas, mutualidades e devoção. É um festejo que perpassa gerações, o que faz com que as pessoas mantenham sua fé e interesse e passem isso adiante.

**Ilustração 21:** Gráfico – Tempo que os moradores locais participam da romaria



**Fonte:** Informações obtidas na pesquisa de campo por meio da realização de entrevistas (2019).

**Organização dos dados:** Oliveira (2020).

Observa-se que mesmo aqueles que participam deste ritual festivo há menos tempo já estão incorporando essa participação das celebrações a São José como um elemento demarcativo no calendário anual. Destarte, torna-se pertinente obter informações que demonstrem o ponto de vista dos entrevistados sobre a sua relação com a romaria. A partir dos resultados das entrevistas, verifica-se que é unanimidade entre os entrevistados a aprovação dessa enquanto atividade festiva e que demarca anualmente uma alteração sazonal da rotina do povo mossamedino.

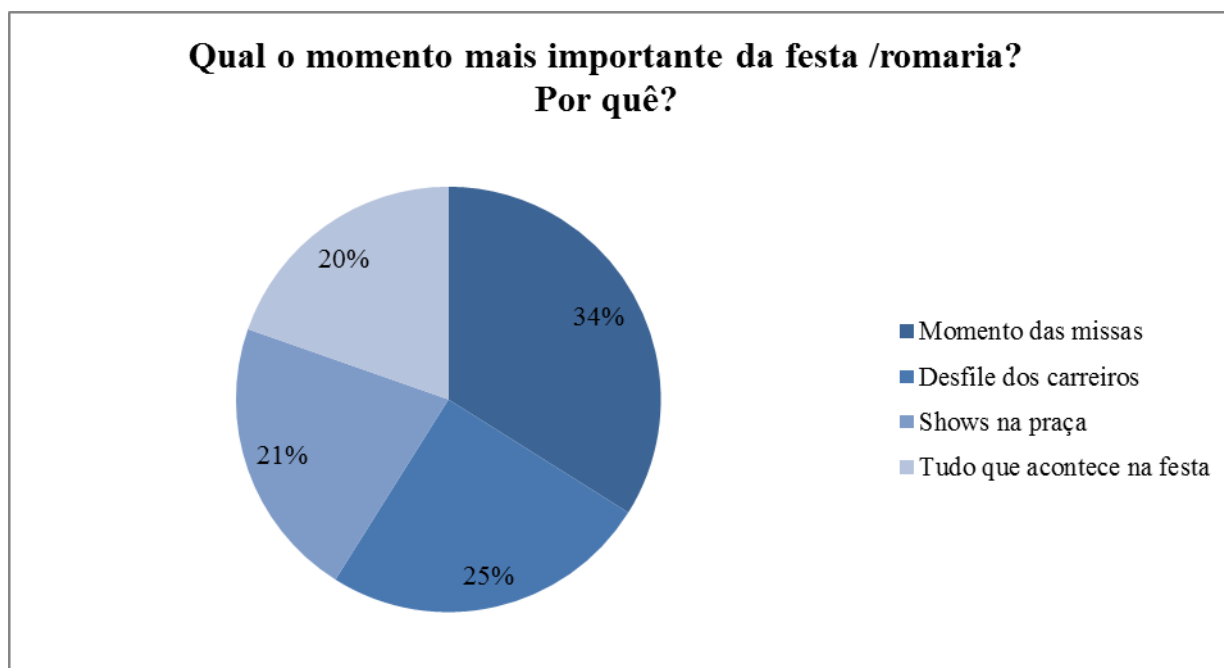
De acordo com as informações, 39% dos entrevistados entende que a romaria é um momento de sociabilidade com os amigos; já para 34% representa uma atração turística para o município, o que incentiva a atividade do turismo; os outros 27% afirmam que esse é um momento de devoção, espiritualidade e que a romaria é uma expressão da fé local. A partir dessas informações, o que não se pode negar é que a romaria estabelece um espaço temporal único no município de Mossâmedes, que, embora plural na sua importância, a partir

da leitura dos partícipes, é singular no que tange à integração das pessoas, aos elos estabelecidos e à relevância para o município.

Ao serem perguntados sobre qual o momento mais importante da festa em louvor a São José de Mossâmedes, há opiniões distintas por parte dos entrevistados. De acordo com os moradores, mesmo havendo outros momentos importantes, a parte religiosa ainda se sobressai em relação às demais atividades, conforme se verifica na ilustração 22. Em segundo lugar, é realizado um destaque para o desfile dos carros de boi, uma parte indispensável do festejo, segundo a população. Trata-se do momento em que os carreiros saem pelas ruas com os carros de boi ornamentados, acompanhados de amigos e familiares, e sendo prestigiados por um público significativo, numa mistura de arte, cultura, devoção e afeto.

Outro ponto de destaque no âmbito da sociabilidade presente na festa são os shows que ocorrem na praça e que atraem um grande número de pessoas em busca de diversão. Outros 20% dos entrevistados preferem não distinguir um único momento importante, mas afirmam que a festa, como um todo, se faz especial, representativa.

**Ilustração 22:** Gráfico – Momento mais importante da festa/romaria



**Fonte:** Informações obtidas na pesquisa de campo por meio da realização de entrevistas (2019).

**Organização dos dados:** Oliveira (2020).

Como se pode verificar por meio das entrevistas, o desfile dos carros de boi, por se tratar de um momento esperado na romaria (o desfecho da festa), é um dos momentos mais aguardados para aqueles que frequentam a festa e, mais ainda para os carreiros e carreiras.

Entretanto, há outras formas de diversão que também atraem a atenção dos participantes quando o assunto passa a ser direcionado para a devoção e diversão no tempo em que a festa ocorre.

Em busca de uma reflexão em relação aos carros de boi e a sua presença na romaria, foi questionado aos mossamedinos o que eles acham desses como elemento constituinte da festa. A partir das respostas, percebe-se que os partícipes do festejo possuem opiniões diversas em relação ao tema. Embora, por meio das entrevistas, tenha-se observado quatro eixos centrais de respostas, o que ainda prevalecem é o entendimento que os carros de bois constituem elementos centrais na romaria, que são símbolos da cultura, parte fundamental da festa, sendo que um total de 66% dos entrevistados partilha dessa concepção, sendo, portanto, essa a percepção que prevalece.

Contudo, nota-se outra forma de pensamento a respeito do uso dos carros de boi, sobretudo no que tange à saúde e bem-estar dos animais que são utilizados. Assim, 20% dos entrevistados entende que é uma atividade que se torna prejudicial aos bois. Do total de entrevistados, houve também um percentual de 14% desses que decidiram não opinar em relação ao uso dos carros de boi na ornamentação e como parte central do espetáculo festivo.

Se a maioria dos entrevistados opinou que os carros de boi são fundamentais para a romaria, é preciso refletir, diante disso, sobre a continuidade ou não da romaria e também o porquê de sua preservação. Nesse sentido, ao tocar no tema acerca da continuidade da festa com os entrevistados, foram enfatizados dois pontos centrais, que ao mesmo tempo em que convergem, também divergem. Por um lado, há a necessidade de manter esse rito cultural e que se faz presente no município há décadas, principalmente por meio do incentivo das próximas gerações em manter viva essa tradição. Todavia, por outro lado, nota-se que há um ponto de incongruência na preservação desse costume, pois não são muitos os jovens que têm real interesse pela festa, e conseqüentemente pela expressão cultural que ela ocupa e imprime, o que torna um ponto de dúvida entre alguns moradores a respeito da continuidade ou não desse festejo.

Logo, pensando a romaria e considerando que na opinião da maioria dos moradores ela é importante, é preciso refletir se é preciso que haja alguma modificação e se sim, qual(is) deve(m) ser feita(s). É consenso entre quase metade dos entrevistados que não é preciso que se faça modificações, que o festejo deve se manter da forma como está. Outros 32% apontam que poderia ser promovido um maior número de shows na praça durante a celebração, a fim de potencializar os momentos de maior descontração e deixar a festa ainda mais alegre.

20% das pessoas que deram seu posicionamento acredita que se poderia evitar o uso de animais durante o ritual da festa, motivo esse que, provavelmente vai ao encontro da informação de que 20% dos sujeitos pesquisados apontam que o uso de animais é prejudicial à saúde destes. Embora esse último seja um assunto pouco falado dentro do contexto festivo, cabe refletir sobre a posição dessas pessoas e dos possíveis danos à saúde dos animais, principalmente aos bois, que são peças centrais no desfile dos carreiros. Contudo, esse, além de ser um tema polêmico e que divide opiniões, certamente, devido a sua complexidade, torna-se uma perspectiva de análise para pesquisas futuras, visto que essa discussão não é o objetivo em curso.

Diante da lógica festiva, não se deve desconsiderar a presença de outros sujeitos sociais durante a romaria, como é o caso de turistas e visitantes no decorrer da festa. Para 52% dos entrevistados, essa vinda de pessoas externas ao município é fundamental, especialmente para a parte econômica. Afinal, os turistas que vem para a romaria promovem arrecadações em diferentes setores do comércio, desde a hospedagem até a alimentação, o que se insere como um fator positivo. Há também uma parte das pessoas que optaram não manifestar a sua opinião sobre o tema, ou mesmo por não terem uma opinião concreta sobre o assunto abordado, o que em um contexto de pesquisa deve ser considerado uma normalidade, uma vez que os moradores tiveram total liberdade de escolher se queriam ou não serem entrevistados.

Para outros 18% dos entrevistados, o público externo faz com que a cidade fique mais alegre, cheia de vida, de pessoas diferentes, de locais distintos, marcadas por suas particularidades, suas características do seu local de origem e de sua identidade pessoal.

Ao tratar da diversão que a cidade de Mossâmedes oferece ao longo do ano, fora do período da romaria em louvor ao padroeiro, não são muitos os entrevistados que conseguem indicar outras variações ou ofertas de diversão. Por ser um município que possui em sua área um dos mais belos pontos de visitação do estado de Goiás, o destaque da maioria dos participantes é para as caminhadas que podem ser realizadas na Serra Dourada, importante espaço de preservação da flora e da fauna do Cerrado. Esse ponto turístico atrai visitantes de diversas partes de Goiás e também de outras localidades do país, sendo um lugar que encanta pela sua paisagem única e marcada por uma beleza natural.

Ademais, há também as pessoas, talvez mais pessimistas (ou realistas?), que não destacam nada como atrativo e que propicie diversão na cidade fora do período do referido festejo. Já os outros 23% dos participantes enfatizam as demais festas anuais como fatores de atração e diversão na cidade, como, por exemplo, a agropecuária, a festa do Divino Espírito Santo e outras com menor expressão social e cultural na cidade. Em todo caso, chama a

atenção que as festas anuais se constituem em importante espaço de diversão e lazer e que 36% dos entrevistados entendem que a cidade oferece poucas ou nenhuma opção de lazer, o que se apresenta como um desafio para o poder público local. Portanto, se a maior parte dos entrevistados afirma que cidade disponibiliza pouca ou nenhuma opção de diversão e lazer, vale pensar esse aspecto também por parte dos turistas, assim como a festa de São José, o que será abordado na seção que se segue.

### 3.3 MEMÓRIAS DE TODOS OS CANTOS: O TURISMO RELIGIOSO E O OLHAR DO TURISTA SOBRE A ROMARIA

A importância dos indicadores de satisfação ou não dos turistas, conforme Congro (2005, p. 92), está diretamente relacionado “à qualidade das informações sobre o destino turístico escolhido”. Portanto, além do conjunto de bens e serviços disponibilizados e o próprio produto turístico (no caso em questão, a romaria de Mossâmedes e seu desdobramento com o desfile dos carros de boi), envolve o acesso do turista à informação sobre o local visitado, suas peculiaridade e características durante seu deslocamento e sua estadia numa determinada localidade.

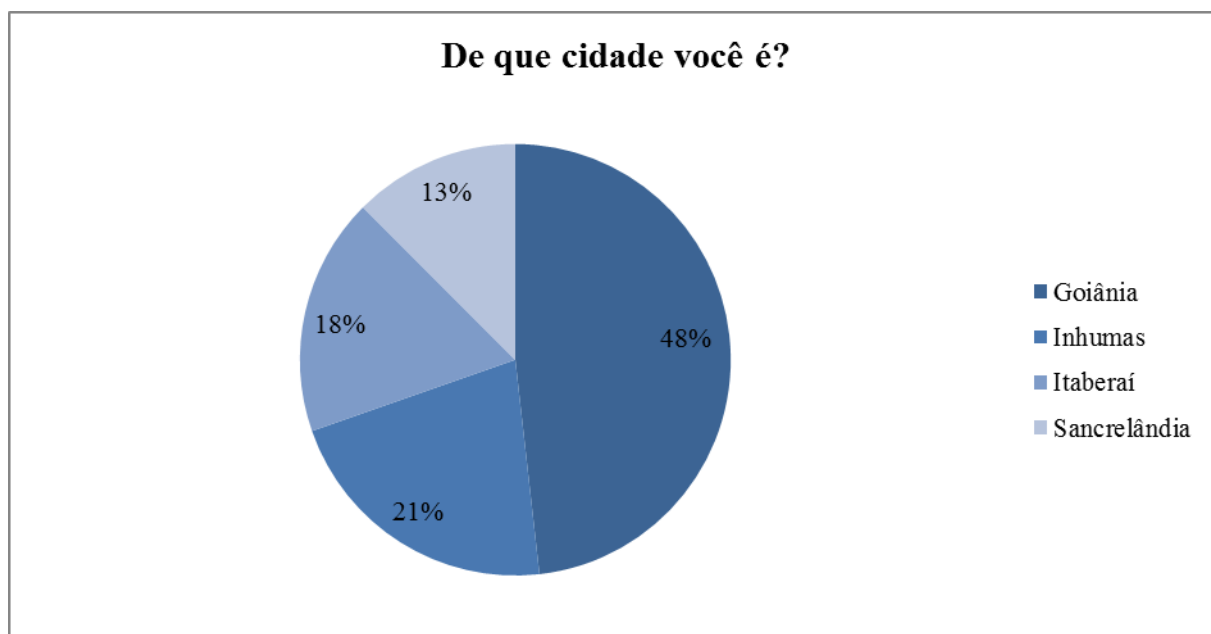
O movimento de pessoas a determinados locais, por vias do turismo, sobretudo o turismo religioso, como é o caso de Mossâmedes, não ocorre aleatoriamente. Elas podem ser motivadas por diversas modalidades de acesso a informações sobre o evento religioso/festivo. Nesse caso partilhamos do que alegam Congro (2005) e Almeida (2006) que afirmam que não há objeto turístico sem a presença dos turistas, sendo estes os potencializadores dos locais tornados objetos turísticos. Barbosa (2017) acrescenta que, sem turistas, os locais que reúnem potencialidades turísticas correm o risco de não verem seu potencial valorizado e utilizado pela economia e social empreendida pelo turismo. Para o autor, o turismo, e os locais tornados turísticos, necessitam de gentes para que possam subsistir: “imagine uma bela cachoeira, um bosque, uma festa de santo padroeiro regional, um complexo de águas termais, uma praia oceânica paradisíaca, etc. sem a presença de pessoas, regulação, divulgação”? (BARBOSA, 2017, p. 56).

Não importa de onde vêm os turistas, mas esses são vitais para que o turismo continue e se fortaleça em determinado local, permitindo que os próprios turistas deem sua contribuição em forma de entrevistas, acerca das suas percepções daquilo que lhes movem e dão sentido às suas mobilidades geográficas. Portanto, vamos investigar suas origens geográficas, o tempo em que eles participam da romaria, se o que mais importa para eles é a

feira de romaria ou o desfile dos carros de boi, os mecanismos de divulgação, entre outras coisas mais.

Em entrevista aos turistas, a primeira pergunta feita foi acerca do seu local de origem. A partir das respostas, expressas no gráfico (ilustração 23), percebe-se que esses são advindos de cidades do entorno de Mossâmedes e também da capital do estado, Goiânia. De acordo com os dados apresentados, 48% dos entrevistados afirmam ser de Goiânia, 21% de Inhumas, 18% de Itaberaí e 13% de Sanclerlândia. Esses dados demonstram como a Romaria de São José de Mossâmedes vem se popularizando na região e, cada vez mais, atingindo pessoas de diferentes cidades de Goiás, não só de cidades vizinhas, mas também distantes, como é o caso de Goiânia.

**Ilustração 23:** Gráfico – Lugar de origem dos turistas



**Fonte:** Informações obtidas na pesquisa de campo por meio da realização de entrevistas (2019).

**Organização dos dados:** Oliveira (2020).

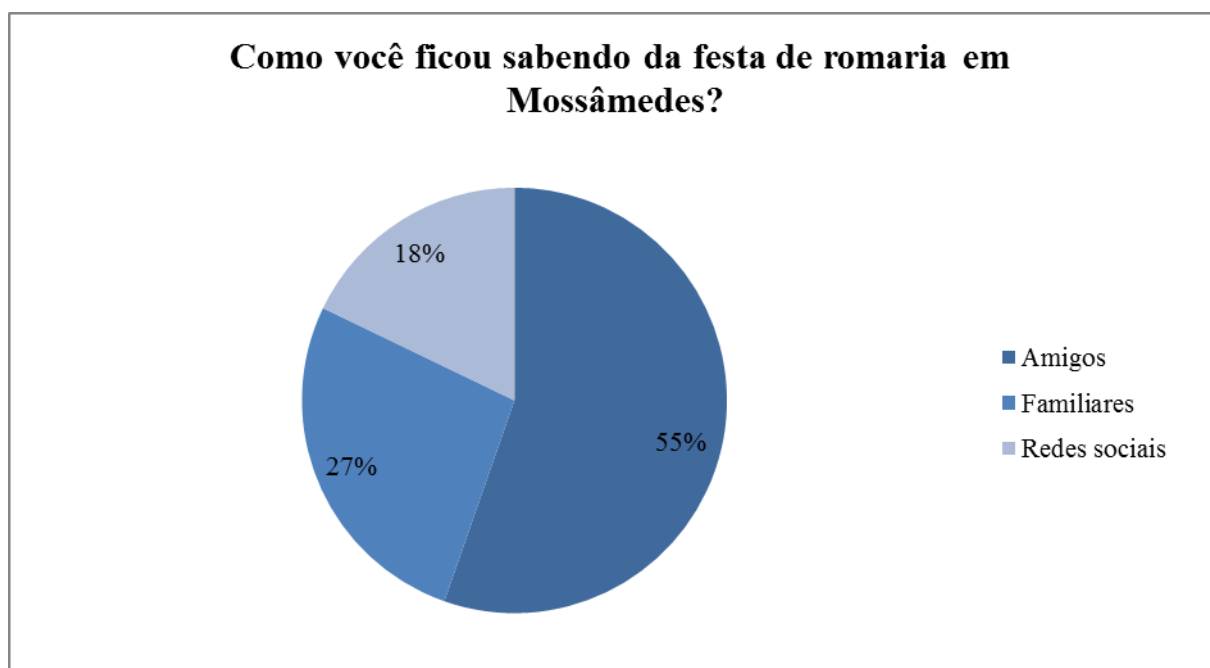
Esse contexto demonstra também a representatividade da festa, a forma como ela é abrangente e a pluralidade dos participantes, uma festa de uma cidade do interior, mas que aos poucos vem ganhando projeção regional, por conta da variabilidade de pessoas e locais de origem dos participantes da romaria. Contudo, mais que números, há uma percepção de que a romaria seja de fundamental importância no resgate e na manifestação da cultura no local. É preciso levar em conta também a temporalidade em que se dá a participação cada vez maior no evento festivo, principalmente se considerar que a tradição da romaria acontece há mais de

trinta anos, e, a cada ano ganha novos participantes sejam eles turistas, carreiros, moradores da cidade ou outros.

Nesse sentido, foi questionado aos turistas sobre ser ou não a primeira vez que participam da festa, os quais apresentaram informações significativas e que suscitam uma análise. 70% dos entrevistados afirma que não é a primeira vez que participa da festa, ou seja, um dado que demonstra que as pessoas vão uma vez e sentem-se atraídas a regressar no ano seguinte, além de acabarem atuando na divulgação do festejo, fazendo com que outros também participem. Somente 30% alega ser a primeira vez que vivenciam a experiência de participar da romaria de Mossâmedes. O cenário descrito evidencia o caráter afetivo que a festa de São José possui, que, além de fazer com que seus frequentadores venham mais vezes, atrai novos e assim vai se afirmando como um importante festejo anual do município.

Ainda assim, é importante que os entrevistados indiquem como eles tomaram conhecimento da festa. Dos entrevistados, 55% dos turistas afirmam que a sua vinda se deu a partir da influência e/ou convite de amigos, o que reforça a ideia da festa como um *locus* de afeto e acolhimento. Outros 27% disse ter tomado ciência da festa e tido o interesse em conhecer por parte de familiares. Os demais 18% disseram ser por meio de redes sociais.

**Ilustração 24:** Gráfico – Meios de informação que tornaram a festa conhecida aos turistas



**Fonte:** Informações obtidas na pesquisa de campo por meio da realização de entrevistas (2019).

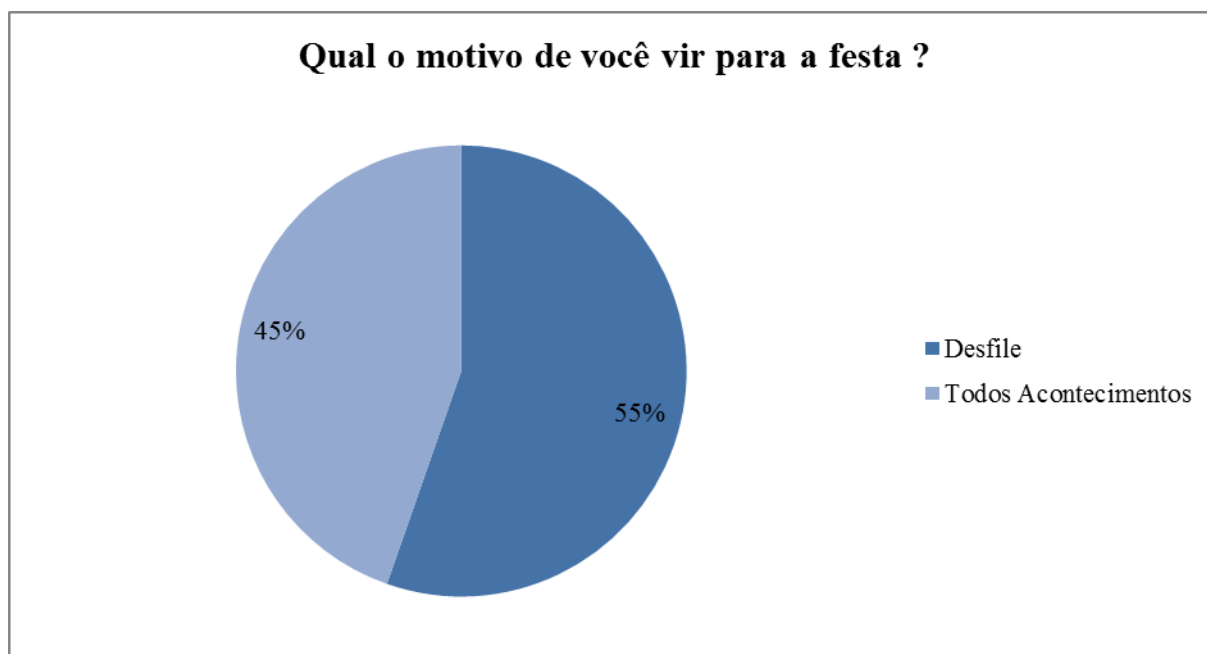
**Organização dos dados:** Oliveira (2020).

Desse modo, conforme expressa a ilustração 24, percebe-se que a festa de São

José vem sendo disseminada por diferentes meios de comunicação, desde o mais tradicional, o famoso “boca a boca”, até por meio de mídias sociais, que são veículos importantíssimos nos últimos anos para a promoção de eventos e divulgação de informações de modo quase ou mesmo instantâneo. Na medida em que maioria dos entrevistados informou que tomou conhecimento da festa por meio de convites de amigos (55%), há de se considerar três fatores que podem potencializar o incremento do turismo: o primeiro deles é que no turismo uma das grandes fontes de propagação do lugar tornado turístico ainda é a comunicação boca a boca (ALMEIDA, 2006). O segundo fator está relacionado com a pouca presença da mídia na divulgação do movimento festivo e, por último, reside no fato das informações repassadas para amigos de outras regiões ou cidades a respeito da festa.

Em virtude desse movimento, torna-se necessário estabelecer um diálogo acerca da motivação dos entrevistados ao virem para a festa. Os turistas apontaram como fator central o desfile dos carros de boi. O fato de boa parte dos turistas se sentir atraída pelo desfile não é de se estranhar, visto que esse se insere como um espetáculo a parte e que encanta aqueles que têm a oportunidade de vivenciar tal momento.

**Ilustração 25:** Gráfico – Motivos que levaram os turistas a participarem da festa



**Fonte:** Informações obtidas na pesquisa de campo por meio da realização de entrevistas (2019).

**Organização dos dados:** Oliveira (2020).

Cerca de 36% dos entrevistados, conforme expõe a ilustração 25, ressalta que os acontecimentos da festa como um todo se apresentam como fator de atração do público, desde

os aspectos relacionados à parte religiosa até a parte social ou profana. Aqui é possível descortinar os seguintes entendimentos, uma vez que a maioria alega que o desfile é o fator central de atração pela festa. O festejo se iniciou por conta do caráter religioso, entretanto, com o passar do tempo, a festa vem recebendo uma quantidade maior de turistas, principalmente pelo desfile dos carros de boi. Nesse caso, observa-se que a parte profana da tradição está superando o número de devotos, ainda que com um percentual não tão relevante, conforme pode ser observado no gráfico ilustrativo.

Miguel (2010) destaca que as pesquisas em ciências humanas expõem subjetividades individuais e coletivas, uma vez que tratam de um desafio curioso, dada a complexidade e subjetividade do seu principal objeto de estudo que são os aspectos culturais. Nesse caso, a importância da festa para os turistas deve ser questionada, pois devido ao caráter da subjetividade, como induz Miguel (2010), deve ser levado em conta um diálogo com os mesmos acerca da importância da festa da romaria.

Questionados sobre a relevância da romaria para a festa, os turistas destacaram três fatores como aspectos importantes. O primeiro ponto, designado por 57% dos entrevistados, diz respeito à romaria como elemento que remete a uma tradição, a um costume presente há décadas e que deve ser mantido, um símbolo cultural. Outros 25% não souberam ou optaram por não responder. Por fim, os demais 18% afirmaram que a importância se dá pela romaria como fator de conhecimento, um saber tradicional, que se mantém, mesmo diante das possíveis mudanças ocorridas na festa no decorrer dos anos, e que se destaca dentro de todo o ciclo festivo.

Por meio do diagnóstico compreende-se que a maioria entrevistada ainda vê a festa como uma encenação de destaque no contexto da tradição. Mas isso leva a uma dúvida, que saber se sua participação é motivada por conta da tradição religiosa ou ao também tradicional desfile dos carros de boi. Após a pergunta acerca desse ponto mais atrativo da festa de São José de Mossâmedes, 54% dos turistas destacou o desfile dos carros de boi como fator central. Por conseguinte, percebe-se a necessidade da preservação do desfile como parte constituinte da festa, um momento que encanta e atrai um representativo número de expectadores. Os outros 46% afirmaram que o centro de suas atenções ao longo da festa se volta para a devoção ao santo padroeiro, à parte religiosa.

Há de se notar que mais da metade dos participantes da romaria destaca o desfile dos carros de boi como seu momento especial, sendo a razão maior para se fazer presente na festa. Portanto, entende-se que esses momentos descritos constituem a festa em si e que um está associado ao outro, apesar das especificidades, dos atrativos e sentidos de cada um.

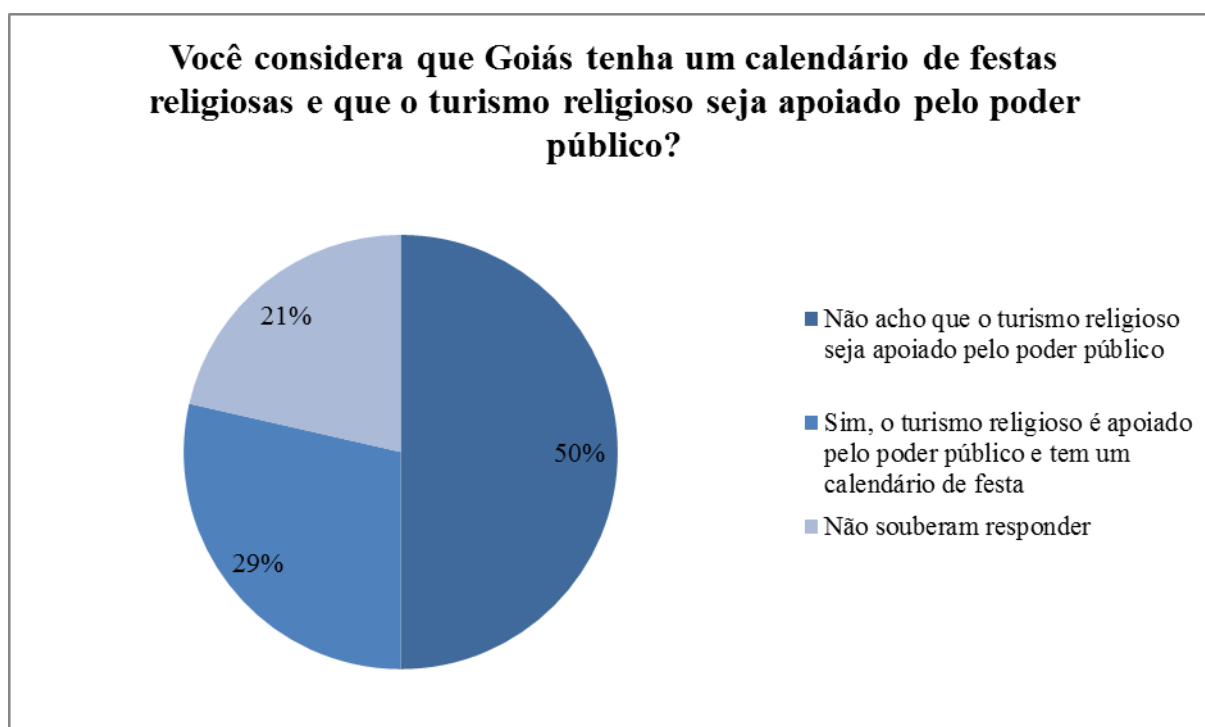
Assim, pensando na realização dos dias festivos na cidade, é importante buscar a informação de onde os turistas se hospedam no decorrer dos dias.

Os turistas destacaram dois pontos que marcam essa questão, portanto, 77% dos entrevistados disseram que ficam hospedados na casa de familiares. Outros 23% falaram que se deslocam de suas cidades de origem diariamente em destino a Mossâmedes, a fim de participar dos momentos que compõem a festa de São José. Dessa forma, quanto à questão de hospedagem, segundo os dados levantados, não haveria maior incremento econômico na cidade, não havendo lucros para o município, visto que as pessoas se alojam na casa de seus entes ou se deslocam diariamente.

Desse modo, constata-se que em Mossâmedes os serviços de hospedagem são limitados, ou seja, apenas um hotel. Faltam mais hotéis e pousadas para abrigar os turistas, serviços de borracharia, oficina mecânica, além de outros. Todos esses *déficits* ou insuficiências são prejudiciais ao município, especialmente para o desenvolvimento local e para a atração de visitantes. Desse modo, diante da vinda de turistas, quando esses não têm onde se hospedar, eles simplesmente são obrigados a terem que ir à cidade e voltar no mesmo dia, uma vez que não há locais em que possam se hospedar. São essas algumas das fragilidades de Mossâmedes e que precisam ser repensadas, sobretudo no que tange o desenvolvimento econômico.

Outro questionamento tratado com os turistas diz respeito à sua opinião sobre o calendário festivo religioso em Goiás, bem como o desencadeamento do turismo naquela tipologia festiva, com apoio ou não dos órgãos públicos. Em resposta, os turistas destacaram três pontos por meio de suas respostas, conforme verifica-se por meio da ilustração 26. Em torno de 50% dos entrevistados adverte que não concordam que o turismo religioso seja apoiado pelo poder público estadual. Outros 29% afirmaram que há um apoio do poder público goiano e que existe sim um calendário de festas. Os demais 21% que responderam disseram não saber se posicionar frente ao questionamento proposto. Ou seja, um cenário que evidencia certo descaso com os aspectos culturais de cunho religioso. Mesmo frequentando e gostando dos festejos, os turistas negam a necessidade de uma participação mais efetiva do Estado e do poder público local frente a essa promoção cultural.

**Ilustração 26:** Gráfico – Opinião dos turistas acerca do calendário de festas religiosas em Goiás e do apoio do poder público a esse tipo de atividade



**Fonte:** Informações obtidas na pesquisa de campo por meio da realização de entrevistas (2019).

**Organização dos dados:** Oliveira (2020).

Para finalizar as análises dos dados resultantes das entrevistas com os turistas, é válido lembrar que tanto na celebração da romaria do padroeiro do município de Mossâmedes quanto no seu desfecho final com a realização do desfile dos carros de boi, não se trata de uma competição de quem se sobressai em relação ao outro. Não há, portanto, premiação em categoria alguma. O que é levado em conta é o desejo de todos os sujeitos sociais (carreiros, moradores de Mossâmedes, turistas e comerciantes) envolvidos na manifestação com o seu caráter único de fazer parte da festa e dar continuidade para que essa tradição seja (re)passada para outras gerações, num prospecto de continuidade, preservação de um ritual de fé, devoção e sociabilidade.

A cultura e suas mais variadas formas de manifestação celebra a vontade de um povo, de um determinado lugar, como uma forma de encenação de um espetáculo da vida. Porque, como sintetiza Chaveiro (2005, p. 13), “[...] o enredo da vida é um conto, a sua memória é arte de vida”, ou, como diz o autor em outro momento: “[...] a vida é um engenho de passagens” (CHAVEIRO, 2005, p. 112). Se para o autor a vida é esse engenho de passagens, nessas tantas passagens, muitos são os sujeitos que se manifestam, que tecem suas

trajetórias, concretas ou simbólicas. Portanto, nesse ínterim, dada a participação dos carreiros, moradores locais e turistas durante a conjuntura festiva em louvor a São José, julga-se necessário agora uma interlocução com os comerciantes locais que também presenciam a festa e tem seu rito de passagem ligado à tradição, isso em virtude da comercialização de seus produtos. Assim, são esses os protagonistas da próxima seção.

#### 3.4 DA DEVOÇÃO AO LUCRO: COMÉRCIO NA ROMARIA DE MOSSÂMEDES

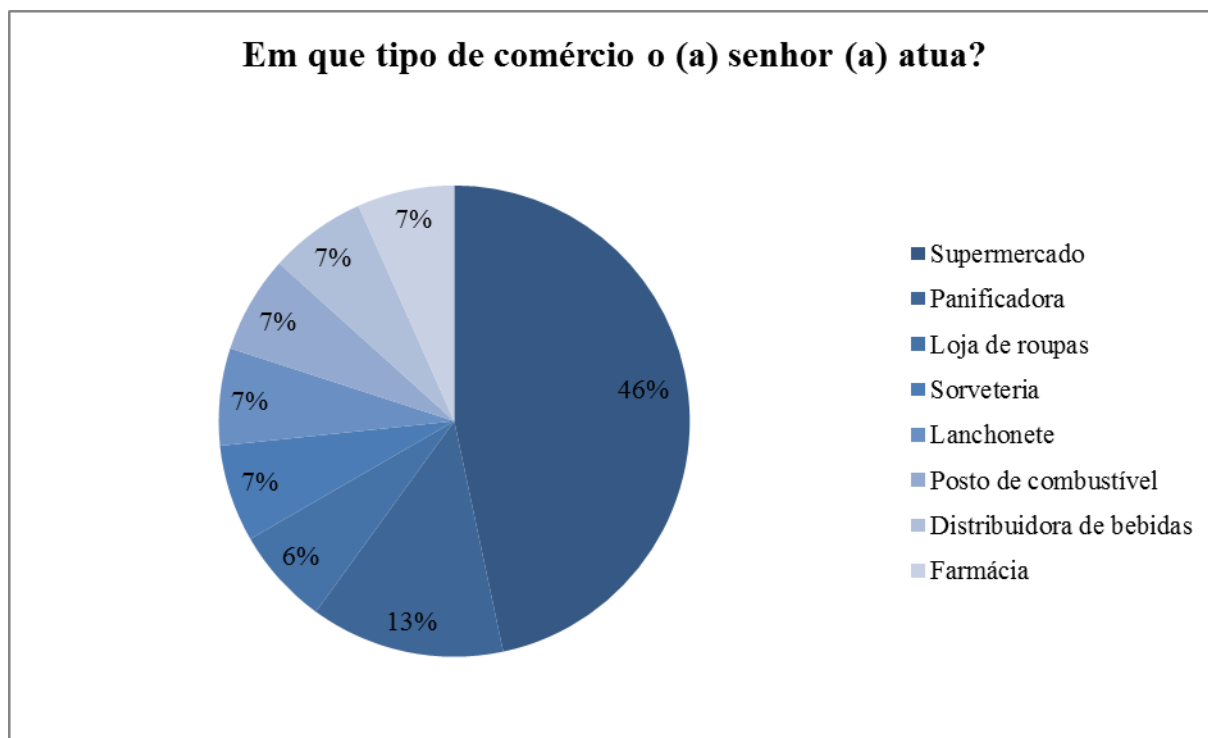
Geralmente os comerciantes locais alegam que qualquer coisa que seja feita para seus clientes irá demandar custos, todavia, é de conhecimento geral que não é possível que haja lucros sem que antes sejam feitos investimentos (CONGRO, 2005). Além disso, é possível reconhecer que um comerciante/vendedor bem treinado é capaz de gerar uma receita maior para o seu estabelecimento, o que certamente cobrirá os custos que o comerciante realizou outrora.

Nessa lógica, no decorrer da pesquisa, sobretudo almejando compreender melhor a questão de uma possível contribuição econômica advinda da festa, buscou-se investigar e apontar as opiniões dos comerciantes locais em relação a como essa atividade cultural impacta em seus estabelecimentos comerciais durante esse período. Foi discutido em outro momento que, em Mossâmedes, a emigração de mão de obra para centros urbanos maiores (a exemplo de Goiânia e Brasília) é motivada pela falta de oportunidades de trabalho no município. Logo, o potencial produtivo local não atende a demanda de trabalhadores. Portanto, o intuito é de verificar se tal situação se mantém durante o festejo ou se ocorrem alterações. Nessa direção, partimos de alguns questionamentos, os quais são descritos e ilustrados nos próximos parágrafos.

Ao tratar dos comerciantes entrevistados na pesquisa, é possível identificar uma pluralidade em relação aos estabelecimentos em que atuam e, conseqüente, prestam algum tipo serviço aos presentes no município e, por conseguinte, na realização da festa, ainda que sem conseguirmos, até o momento da realização da pesquisa, quantificar os valores despendidos e também o lucro obtido durante a realização da festa de romaria. Entre os tipos de comércio de maior destaque de atuação temos o supermercado em primeiro lugar e a panificadora em segundo, ambos ligados ao ramo de alimentação, serviços básicos e essenciais para as pessoas (ver ilustração 27). Na seqüência temos loja de roupas, sorveteria, lanchonete, posto de combustível, distribuidora de bebidas e farmácia, segmentos da economia que aparecem na mesma quantidade de vezes de acordo com as respostas dos

comerciantes.

**Ilustração 27:** Gráfico – Tipos de comércio em que os entrevistados atuam em Mossâmedes – GO

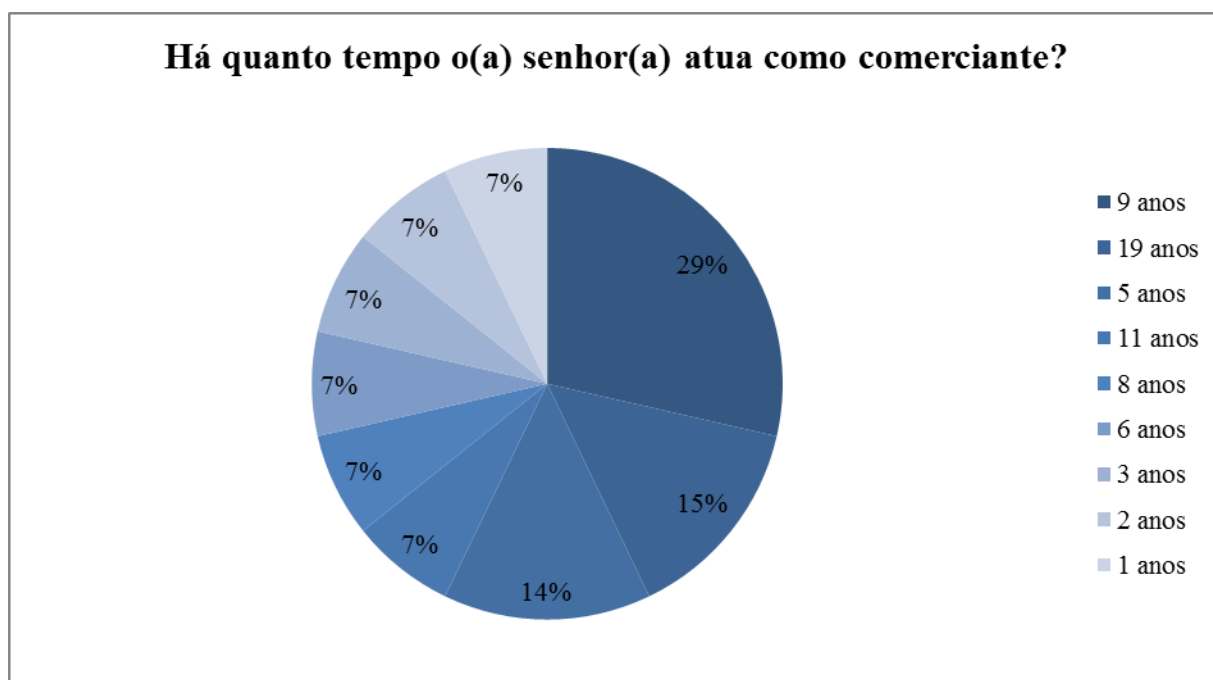


**Fonte:** Informações obtidas na pesquisa de campo por meio da realização de entrevistas (2019).

**Organização dos dados:** Oliveira (2020).

No que diz respeito ao tempo de atuação profissional dos comerciantes, mais de 29% dos entrevistados indica ter nove anos ou mais de atuação, o que demonstra ser um grupo de pessoas que já vivenciaram a Romaria de São José de Mossâmedes por diversas vezes e que, normalmente, são pessoas conhecidas e populares na cidade. Quanto aos demais entrevistados, esses possuem um tempo de atuação frente ao comércio mossamedino que varia de um a oito anos.

Esse cenário evidenciado no gráfico em destaque (ver ilustração 28), demonstra um contexto de serviços primários, alguns de caráter essencial e outros nem tanto, mas que todos evidenciam atividades comerciais que são inerentes para a sociedade. Por outro lado, cabe destacar que a participação dos comerciantes locais é recente e, por conseguinte, ainda tímida.

**Ilustração 28:** Gráfico – Tempo em que os entrevistados atuam como comerciantes

**Fonte:** Informações obtidas na pesquisa de campo por meio da realização de entrevistas (2019).

**Organização dos dados:** Oliveira (2020).

Questionados sobre a oferta de algum tipo de patrocínio seja para a festa seja para os romeiros, 40% dos comerciantes entrevistados afirma que não contribuem com nenhum tipo de oferta para tal finalidade. Outros 33% afirmam que também não dão auxílio financeiro material para a festa, mas que ofertam outros tipos de apoio. Quanto aos outros 27% dos comerciantes, esses afirmam que contribuem por meio da doação de itens para os leilões para a igreja, o que direta ou indiretamente se torna um auxílio prestado para a organização e realização da festa.

Nesse contexto, ficam as dúvidas acerca dos motivos que levam tais comerciantes, figuras públicas e conhecidas da cidade, a não ajudarem nesse processo de arrecadação e que é revertido para a festa e conseqüente para a manutenção da igreja da cidade ao longo dos anos. Por outro lado, o que foi possível constatar, a partir de diálogos com alguns comerciantes, é que a prefeitura do município contribui financeiramente para a realização da festa. Entretanto, ao tentar estabelecer contato com o referido órgão municipal, não se obteve respostas acerca dos valores destinados para o festejo.

Outro ponto destacado nas entrevistas foi sobre a rotina de funcionamento do comércio ao longo da semana e, sobretudo durante o período da romaria; 73% dos comerciantes entrevistados afirma que funcionam todos os dias da semana, inclusive no período festivo, que é quando o movimento aumenta com a chegada de turistas e visitantes à

cidade. Já 27% dos apontaram que funcionam de segunda a sábado somente, estando fechado aos domingos, mesmo que no período da festa. Desse modo, é possível perceber que a arrecadação semanal, mais ainda durante a festa, apresenta-se como fator essencial para a maior parte dos comerciantes; já os demais comerciantes optam por ter, ao longo da semana, um dia (domingo) para que possam descansar e se reestabelecer para a semana seguinte de trabalho.

Mesmo sendo a festa da cidade uma realização única no ano, cabe aos pesquisadores obter informações acerca de quais produtos são disponibilizados para atender as necessidades dos participantes naqueles dias, considerando se há ou não algum tipo de alteração nesse sentido. Na parte de produtos mais vendidos e, conseqüentemente, consumidos durante o período festivo, conforme foi apontado pelos comerciantes, 60% dos produtos são bebidas, gêneros alimentícios e carnes, produtos de consumo essencial às pessoas.

Em um segundo momento destacam-se tanto a venda de bolos, salgados e refrigerantes, quanto a de combustível, ambas apresentando um percentual de 13% das vendas no período da romaria. Por fim, temos a parte dos sorvetes e água, e também dos remédios, produtos não considerados de ordem primária, mas que proporcionam momentos de prazer e frescor, além de alívio de comodidades. Convém, portanto, pensar nas possibilidades de lucro, ou não, com a comercialização desses produtos citados, uma vez que as vendas, pelo que vimos, aumentam durante a festa, gerando compensações econômicas aos comerciantes locais.

Considerada uma atividade que rompe com a lógica cotidiana da cidade, a festa do padroeiro de São José atrai pessoas de outras cidades do entorno de Mossâmedes e de Goiás, além de turistas de outros estados, como é o caso do Distrito Federal. Esse movimento de pessoas tende a impactar as arrecadações da cidade durante esse período. Nesse sentido, questionados sobre os lucros serem ou não satisfatórios enquanto ocorre a romaria, 80% dos comerciantes afirmam que há sim um lucro satisfatório na festa e que esse vêm aumentando nos últimos anos, na medida em que o público também cresce.

Já os demais 20% não souberam responder se houve ou não um acréscimo em seus ganhos; é provável que esse ocorra, contudo, uma vez que o comerciante não estabelece um balanço dos gastos e lucros de sua atividade de trabalho, ele acaba não tendo a dimensão necessária para afirmar se está tendo ou não ganhos por conta da festa.

Por outro lado, se os lucros estão sendo satisfatórios ou não, é necessário se ter uma resposta dos comerciantes, se eles possuem ajudantes ou funcionários e como a

dinâmica da festa impacta em tudo isto.

Assim, ao se tratar de um possível aumento do número de vendas no período da festa de São José, os comerciantes foram questionados se eles precisam ou não contar com o apoio de outras pessoas no desenvolvimento de suas atividades mercantis. Nesse sentido, 73% dos comerciantes afirma que não contratam, mas que contam com o auxílio de familiares para conseguirem dar conta da quantidade de trabalho, o que com a chegada de mais pessoas na cidade para a festa tende a crescer. Enquanto isso os outros 27% dos comerciantes entrevistados afirma que contratam ajudantes, a fim de otimizar o trabalho, não gerando, ocasionalmente, perdas ou transtornos aos clientes em relação ao atendimento.

Essa situação evidencia que boa parte dos comerciantes não vê a necessidade de contratação de mão obra, mesmo que temporariamente. Isso pode ser explicado a partir de dois fatores, pelo fato de que o lucro é pequeno ou pela disponibilidade da mão de obra ser adquirida com a ajuda dos próprios familiares, potencializando os ganhos obtidos com os poucos dias em que a festa acontece. Ou pode-se levantar uma terceira hipótese, que, embora o lucro possa ser superior aos ganhos em período normal (fora da festa), a durabilidade desse evento é de poucos dias, o que não justifica contratações.

Em vias de finalização da pesquisa, observa-se o que Pessoa (2017, p. 499), aponta ao dizer que “a pesquisa de campo contempla a observação de fatos e fenômenos em sua ocorrência e, ainda, o levantamento de dados e informações sobre estes, fazendo com que o registro das informações contribua para o registro das informações”. Assim, compreende-se que o trabalho de campo, ancorado nos resultados das entrevistas, constitui uma etapa primordial em uma pesquisa.

Fraser e Gondim (2004, p. 172) afirmam que a entrevista é considerada uma modalidade de interação entre duas ou mais pessoas, pois

trata-se de uma conversação dirigida a um propósito definido que não é a satisfação da conversação em si, pois esta última é mantida pelo próprio prazer de estabelecer contato sem ter o objetivo final de trocar informações, ou seja, diminuir as incertezas acerca do que o interlocutor diz. Dito de outro modo, a entrevista é uma forma de interação social que valoriza o uso da palavra, símbolo e signo privilegiados das relações humanas, por meio do qual os atores sociais constroem e procuram dar sentido à realidade que os cerca.

É possível afirmar que a entrevista na pesquisa qualitativa, ao privilegiar a fala dos atores sociais, permite atingir um maior nível de compreensão da realidade humana que se torna acessível por meio dos diálogos e das interações. Ao se apropriar das investigações e demonstrar seus resultados, passa-se a conhecer como as pessoas percebem o mundo, suas

relações humanas e suas maneiras, individuais e/ou coletivas, de se expressarem, de evidenciarem a sua cultura e suas singularidades inerentes. Em outras palavras, conforme Minayo (2018), as pessoas que vivem no mesmo ambiente social tendem a desenvolver e reproduzir disposições semelhantes e, sendo assim, os significados individuais podem estar representando significados grupais. Por isso, “[...] a fala de alguns indivíduos de um grupo é representativa de grande parte dos membros deste mesmo grupo inserido em um contexto específico” (MINAYO, 2018, p. 148).

Nesse entendimento, os sujeitos participantes da pesquisa (carreiros, moradores locais, turistas e comerciantes) expressaram as suas perspectivas balizadas pelas questões centrais das entrevistas. Assim, entende-se que em pesquisa qualitativa, o que vale muito é a participação dos sujeitos envolvidos no processo como um todo, mesmo que seus depoimentos sejam carregados de dúvidas ou não se apresentam como questões totalmente verídicas.

Portanto, um questionamento deve ser feito: até que ponto se pode (ou não) dar credibilidade a uma dezena de respostas que foram atribuídas por meio dos entrevistados? Dessa inquietação surgem outras: o que está em jogo é o que se pensa ser ou o que os entrevistados afirmaram ser? Em pesquisas culturais o que deve prevalecer não são os aspectos da subjetividade, das vivências da coletividade, dos aprendizados repassados de geração em geração? O fato é que, diante de qualquer tentativa em responder aos questionamentos, é possível que se caia em um caminho escorregadio e de mais incertezas. Primeiro, por que então entrevistar esses atores sociais se há dúvidas acerca de suas informações? Isso se explica porque se acredita que os elementos que constituem os aspectos culturais devem sim representar aquilo que, em tese, deve ser o sentimento subjetivado da vivência de cada um dos participantes, mesmo que esse possa ser questionável.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao por um ponto final na pesquisa, uma vez que essa não se conclui devido à sua complexidade, faz-se necessário dizer que foram muitas as dificuldades para a sua materialização; chegar até aqui não foi fácil! Houve dificuldades porque o que se apresenta como óbvio inicialmente não é tão simples como parece, sobretudo a partir do momento em que se começa a colocar em prática. Primeiro porque no estudo de pequenos municípios um dos maiores problemas é a pouca e escassa quantidade de material que realmente dê um enfoque a esse menor fragmento do território, que, em contrapartida, é o que se constitui no espaço apropriado e vivenciado de fato por pessoas (OLANDA, 2001).

Segundo, porque ao realizar uma abordagem sobre um objeto de pesquisa que ainda não havia sido estudado criam-se expectativas desafiadoras para torná-lo “visível” e acessível às diferentes categorias de sujeitos sociais e ao universo acadêmico. E a terceira das dificuldades (mas não impeditiva) reside no fato de que boa parte dos entrevistados não vivencia a lógica cotidiana do município. Assim, os contatos se deram somente no momento da realização da romaria (2019), sendo esse o caso dos turistas e de alguns carreiros. Dessa forma, foi preciso empreender uma captura incessante daquelas categoriais sociais citadas acima por entender que os mesmos são partes importantes na construção do espaço festivo. Portanto, a partir de informações orientadas por parentes, amigos e vizinhos que referendaram suas presenças frequentes nos dias da festa de romaria e, sobretudo, no encerramento, com a presença dos desfiles dos carros de boi, fomos ao encontro de inúmeros deles com o intuito de obter seu depoimento a respeito do evento.

Com relação aos diálogos arquitetados para com os carreiros, foi preciso construir um roteiro de viagem no sentido de identificar seus locais de moradia, principalmente nas áreas rurais de Mossâmedes. Muitos deles já eram conhecidos, uma vez que houve o contato com os mesmo em romarias anteriores, além de alguns deles se fazerem presentes em minha vida desde criança, especialmente por ser natural do município.

Contudo, as possibilidades de superação, o desejo incansável de levar adiante uma pesquisa da qual também me via inserida nela, não só por ser a proponente, mas por ter nascido, crescido e vivenciado boa parte dessas romarias em Mossâmedes. Toda essa transposição dos obstáculos agiu como combustível que, ao mesmo se constituía numa barreira, mas também impulsionava na busca de meios que fossem apropriados de procurar satisfazer e responder as inquietações que entremearam pelo caminho dessa pesquisa científica, tentando o tempo todo trilhar os objetivos que foram inicialmente demarcados.

De desafiadora, essa empreitada investigativa tornou-se, com o andamento da pesquisa até essa parte que por ora se finda, instigante. Mas, a partir dos desafios na pesquisa, entende-se também que a vocação sublime de quem caminha é chegar (BARBOSA, 2007). Claro que há os mistérios das trajetórias e os desacertos dos passos, porém, tudo vale a pena quando se sonha, e, mais ainda, quando esses sonhos são movidos por uma imersão na pesquisa e no “eu” enquanto sujeito, pesquisadora, mulher e mossamedina.

Conforme Chaveiro (2008), a disputa pelo cerrado tem duas grandes perspectivas: uma que o representa com base numa visão economicista e outra que, opondo-se a esta, valoriza-o como um patrimônio vital. A visão economicista possui um lastreamento histórico que pode ser dividida em duas etapas. A primeira etapa cunhou-se a partir da exploração aurífera implementada pelas caravanas dos bandeirantes, afinal

Não à toa que, de início, coube aos primeiros colonizadores, usar estratégias de aliciamento, de força e de combate a tudo que representava o modo de vida do nativo. A maneira que os índios da terra relacionavam com os rios, com as florestas, com os animais e desenvolviam o seu tempo de vida em meio à natureza, era tripudiada pela empresa bandeirante [...]. A empresa aurífera exploratória foi quem implantou as primeiras atividades econômicas contra a cultura original do cerrado e de sua gente. Ainda que de maneira pontual, o exercício da bateia para extrair ouro de aluvião nos rios, participava do enredo comercial além-mar. E era compatível com os propósitos do sistema colonial brasileiro que, por sua vez, era comandado pela afirmação do capitalismo concorrencial na Europa (CHAVEIRO, 2008, p. 86-87).

Percebe-se que a marca territorial e cultural do Cerrado goiano, ocasionada pela busca primária do ouro, além de adicionar uma visão econômica do bioma à concepção de território de vida, colocava-o no centro da divisão internacional do trabalho. A hegemonia dessa noção se estendeu após a chamada “febre aurífera”, nos dizeres de Palacin (1995), e o declínio das suas formas de extração, e se solidificou do final do século XIX até o começo do século XX. Nessa transição histórica e econômica entre mineração, e agora uma agricultura de subsistência, além de implementar as raízes institucionais, por exemplo, com a separação entre Goiás e São Paulo (devido à subordinação), até 1749. Daí advém a afirmação histórica de Goiás como “capitania de São Paulo”, que lograva ser um espaço inspecionado pelo olhar estrangeiro, constituído por viajantes naturalistas.

A sede de expansionismo e a contínua necessidade de alargar a colonização no território nacional no intuito de uma “costura do Brasil por dentro”, nos dizeres de Barbosa (2014), numa perspectiva economicista, ia levar a uma construção pejorativa do Cerrado. A partir de então, a fazenda goiana, que embora produzisse gado e couro para São Paulo e um pequeno excedente de cereais, era o signo dessa ação mental pejorativa do viajante europeu,

que via o mundo a partir de sua percepção racional econômica e burguesa europeia (CHAVEIRO, 2008).

A fazenda goiana que, embora produzisse gado para o estado de São Paulo, enfrentava alguns obstáculos, conforme aponta a historiografia goiana. Seu solo era pobre, sua vegetação exótica e rastejante, um povo rude, com uma economia atrasada, um ritmo lento, a falta de ambição, os costumes gentios, pouca circulação de informação, distância das instituições liberais, ínfima presença do dinheiro, vida simples e parca; tudo isso marca o enredo desse olhar que timbrava o Cerrado como estranho território selvático (CHAVEIRO, 2008). Noutro momento, o autor citado critica a maneira pela qual o território goiano e sua característica cerradeira foi apropriado por forças produtivas que muito mais primava pela economia, desconsiderando a cultura e os valores do lugar, tornando assim um processo econômico reducionista.

Semelhante interpretação parte da abordagem de Claval (2008, p. 26), de que as sociedades se definem pela estrutura de suas redes de ligações por sua arquitetura social, pois, conforme ele, “[...] é igualmente claro que a arquitetura social resulta de uma história e de uma hierarquização dos elos que refletem o jogo de valores: a abordagem social implica considerar os elementos da cultura”. Afinal, os elementos culturais, por muito tempo negados, desconsiderados ou mesmo negligenciados pelos primeiros viajantes e, um tempo depois, a partir dos marcos iniciais da produção e inserção de Goiás no cenário agrícola, passam a ter uma nova dimensão.

Por conta disso, a presente pesquisa foi direcionada com base em bibliografias, entrevistas, conversas informais, apresentação e análise de gráficos que revelaram a que ponto a valorização dos aspectos culturais ainda persiste e resiste, apesar da avassaladora produção que privilegia a manutenção do modo de produção capitalista nessa era moderna. Assim, foi realizada uma pesquisa que busca o resgate dos valores, enfrentando os processos metodológicos para conseguir alcançar os objetivos. Nesse enfrentamento, o estudo parte de uma discussão sobre a formação da cidade de Mossâmedes, a romaria do santo padroeiro dessa cidade (São José), o desfile dos carros de boi, e os sentidos dos mesmos para diversas representações sociais, tais como carreiros, moradores do município em questão, turistas e comerciantes locais.

Em um primeiro momento, buscaram-se os fatores históricos que foram decisivos para a formação territorial da antiga Aldeia, na segunda metade do século XVIII. Depois, a partir de um recorte espaço-temporal (1991-2020), procuramos investigar acerca dos pressupostos religiosos, por meio da idealização da homenagem ao santo padroeiro que deu

início à romaria do mesmo nome. Entretanto, o foco maior na pesquisa foi para a realização dos desfiles dos carros de boi, enquanto protagonistas do “espetáculo” mais aguardado pelos moradores da cidade e turistas, além desse demarcar o encerramento dos festejos da romaria de São José, tornando-se um dos mais expressivos e célebres momentos da representação da cultura popular em Mossâmedes.

Conforme observam Rodrigues e Bicalho (2017), ao analisarem a forma de representação da identidade de um povo, nota-se que a cultura popular é expressa de diversas formas por comunidades populares, cujos saberes são constituídos a partir da observação, da herança familiar, da vivência coletiva, de forma oral, visual e gestual para gerações do presente e do futuro. A cultura popular também atua como forma de uma bandeira do simbolismo, mas também de (re)existência.

Para Barbosa (2017), a maioria dos festejos goianos teve origem no meio rural do estado, além de que grande parte dessas festas foram trazidas ao Brasil e, por extensão ao estado de Goiás, por religiosos da igreja católica, bem no início do processo de colonização. Nesse sentido, quase todas essas manifestações populares têm uma essência religiosa, surgida com a ideia de propagação da fé, estando inicialmente comandadas pelas missões jesuítas que desbravaram o território brasileiro.

Situado no coração do Brasil, Goiás acumulou ao longo dos séculos (durante e após a colonização do seu território) uma infinidade de elementos e tradições responsáveis e de fundamental importância na criação e na perpetuação de sua própria identidade cultural e festiva. As festas de romarias de santos padroeiros entram neste circuito. Conforme Almeida e Barbosa (2015), embasados em Palacin e Moraes (1994), o estado de Goiás foi conhecido e percorrido pelas bandeiras quase que desde os primeiros dias da colonização, mas seu povoamento só se deu em decorrência do descobrimento das minas de ouro no século XVIII. A partir de então, vários arraiais, julgados e vilas foram surgindo em diferentes regiões do estado em função da economia aurífera.

Essa mobilidade social rumo ao interior do Brasil serviu ao território goiano sob vários aspectos da cultura popular. Por exemplo, a influência europeia da religião (as procissões, cavalhadas, novenas, festas de santos padroeiros e romarias, a procissão do fogaréu, as catiras, festas de folias, festas juninas, festas natalinas e festas rurais); a influência indígena nas danças, no xaxado, o kuarup, no toré e no uso de plantas medicinais; a contribuição africana traduzida nas homenagens aos santos pretos (as congadas, o jongo, a capoeira, o afoxé, o maracatu, o samba, o samba de roda, para citar algumas delas).

Há de concordar com Ribeiro (1995, p. 270) de que, no Brasil, “operaram núcleos

aglutinadores e aculturadores dos novos contingentes apresados na terra, trazidos da África ou vindos de Portugal e de outras partes, dando uniformidade e continuidade ao processo de gestação étnica, cujo fruto é a unidade sociocultural básica de todos os brasileiros”. E isto é propiciador também para a existência de diversas categorias de festas. Conforme tem nos advertido Olanda (2001), o espaço goiano tem sido estudado de forma sistemática pela Geografia, mas o enfoque nos municípios goianos, enquanto parte de um território integrado de forma violenta aos espaços nacionais e internacionais, necessita de um olhar geográfico que procure inicialmente aquilo que é visível num primeiro momento e alcance o que deve ser buscado além das aparências.

O estado de Goiás fez uma travessia grandiosa: de estado geograficamente “longínquo” dos grandes centros populacionais urbanos e com muitas dificuldades de transporte e comunicação para um estado portador de uma economia moderna e exportadora, mas também com um sem número de festas populares, herdadas da mistura da cultura de vários povos, como índios, portugueses e africanos. Cada um, ao seu modo, contribuiu de modo bastante significativo na construção de sua história e cultura.

Em solo goiano pulsa um pouco da história dos vários povos que ajudaram a arquitetar, cultivar valorizar e preservar uma cultura tão rica e igualmente diversificada. As festas populares em Goiás oportunizam a integração entre a tradição rural e agrícola da formação do estado, com a influência religiosa, que aproxima a cultura agrária exportadora com as modernidades porque atravessa o estado em constante desenvolvimento econômico e tecnológico, sem perder os nexos com suas raízes culturais, sobretudo festivas. Pois, as festas, como diz Claval (2013 apud BARBOSA 2017), são uma liberação da catarse coletiva.

No que tange ao lugar e ao evento cultural festivo pesquisado, pode-se dizer que a cultura, segundo nos orienta Andrade (2008), reside naquilo que é apreendido, transmitido, transformado e reinventado pelas pessoas ao longo do tempo. Por isso, os conteúdos agrupam um conjunto de valores, ritos, códigos e regras que permeiam os modos de vida. E ainda; analisar os aspectos culturais no Cerrado goiano, por meio da romaria de São José, em Mossâmedes, e seu tradicional desfile dos carros de boi é, como bem define Teles (2005), reconhecer que o goiano vive na cidade com um carro de boi cantando na memória.

## REFERÊNCIAS

AFIPE – Associação Filhos do Pai Eterno. **Romaria**. S./d. Disponível em: <https://www.paieterno.com.br/historia/>. Acesso em: 15 jan. 2021.

ALMEIDA, Maria Geralda de. **A produção do ser e do lugar turístico**. Goiânia: IESA/UFG. 2006.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Cultura, invenção e construção do objeto turístico. **Espaço aberto: turismo e formação profissional**, Fortaleza, v.3, p. 17-31, 2011.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Fronteiras, territórios e territorialidades. **Revista da ANPEGE**, Dourados, v. 2, n. 2, p. 103-114, jan./dez., 2005. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6617/3616>. Acesso em: 20 ago. 2018.

ALMEIDA, Maria Geralda de. **Manifestações culturais: uma abordagem geográfica para a valorização e gestão patrimonial das paisagens culturais**. Goiânia: Projeto de Pesquisa, IESA/UFG, 2010.

ALMEIDA, Maria Geralda de; BARBOSA, Romero Ribeiro. **Festas populares em Goiás: patrimônios imateriais e materiais da goianidade**. Goiânia: Editora da UFG, 2015.

ANDRADE, Rodrigo Borges de. Práticas sócio-culturais e religiosas como elementos constituintes do lugar. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; CHAVEIRO, Eguimar Felício; BRAGA, Helaine da Costa (orgs.). **Geografia e Cultura: a vida dos lugares e os lugares da vida**. Goiânia: E.V, 2008, p. 75-97.

ARRAIS, Tadeu Pereira Alencar. Goiás: novas regiões, ou novas formas de olhar velhas regiões. In: ALMEIDA, Maria Geralda de (org.). **Abordagem geográfica de Goiás: o natural e o social na contemporaneidade**. Goiânia: IESA, 2004, P. 147-175.

BARBOSA, Romero Ribeiro. **Festa do doce de Lagolândia – GO: a devoção religiosa e outros sentidos da festa**. **Revista Viu?**, Pirenópolis, 30. ed, p. 42, 2017a.

BARBOSA, Romero Ribeiro. Festas populares em Goiás e Pirenópolis: muita gente, vários significados. **Revista Viu?**, Pirenópolis, 28. ed, p. 44, 2017.

BARBOSA, Romero Ribeiro. **Rali de jegues de Turvânia-GO: a refuncionalização da paisagem para o lazer e turismo no Mato-Grosso Goiano**. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007. Disponível em: <https://posgeo.iesa.ufg.br/ppgeo/index.php/publicacoes/dissertacoes/send/27-2007/133-romero-ribeiro-barbosa>. Acesso em: 20 ago. 2018.

BARBOSA, Romero Ribeiro. Tempos e movimentos: uma breve digressão cultural dos carros de bois no território goiano. **Revista Mirante**, Anápolis, v. 7, n. 2, p. 168-183, jun./dez., 2014. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/mirante/article/view/3178>. Acesso em: 20 mar. 2020.

BARBOSA, Romero Ribeiro; OLIVEIRA, Rozângela Aparecida. Os trailers dos velhos tempos e a (re) significação da cultura via desfiles dos carros de bois no Estado de Goiás. **Revista Viu?**, Pirenópolis, 34. ed, p. 48, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BONETI, Maria Cristina de Freitas. A contradança festeja o rito nas encantarias do imaginário goiano. In: OLIVEIRA, Maria de Fátima; PEREIRA, Robson Mendonça; D'ABADIA, Maria Idelma Vieira; CURADO, João Guilherme da Trindade (org.). **Festas, religiosidades e saberes do cerrado**. Anápolis: Editora UEG, 2015, p. 115-150.

BORGES, Barsanufio Gomides. **Goiás nos quadros da economia nacional: 1930-1960**. Goiânia: Editora UFG, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. De um lado e do outro do mar: festas populares que uma origem comum aproxima e que um oceano e um cerrado separam. In: OLIVEIRA, Maria de Fátima; PEREIRA, Robson Mendonça; D'ABADIA, Maria Idelma Vieira; CURADO, João Guilherme da Trindade (org.). **Festas, religiosidades e saberes do cerrado**. Anápolis: Editora UEG, 2015, p. 25-72.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. O cerrado em disputa: sentidos culturais e práticas sociais contemporâneas. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; CHAVEIRO, Eguimar Felício; BRAGA, Helaine da Costa (orgs.). **Geografia e Cultura: a vida dos lugares e os lugares da vida**. Goiânia: E.V, 2008, p. 75-97.

CLAVAL, Paul. A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (org.). **Introdução à Geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

CLAVAL, Paul. Geografia e dimensão espacial: a importância dos processos na superfície da terra. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; CHAVEIRO, Eguimar Felício; BRAGA, Helaine da Costa (orgs.). **Geografia e Cultura: a vida dos lugares e os lugares da vida**. Goiânia: E.V, 2008, p. 17-46.

COELHO, Jorge Leonardo Seabra Coelho. **Marcha para o oeste: entre a teoria e a prática**. 2010. Dissertação (Mestrado História) - Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/2299>. Acesso em: 10 nov. 2020.

CONGRO, Christiane Rodrigues. **Análise do perfil e da satisfação dos turistas da cidade**

de Corumbá (MS) visando à adequação dos empreendimentos turísticos da região. 2005. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) – Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria, Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2005. Disponível em: <https://siaiap39.univali.br/repositorio/handle/repositorio/1316>. Acesso em: 14 set. 2020.

CURADO, João Guilherme da Trindade. **Lagolândia – paisagens de festas e de fé: uma comunidade percebida pelas festividades**. 2011. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3435>. Acesso em: 10 mar. 2020.

D’ABADIA, Maria Idelma Vieira. **Diversidade e identidade religiosa: uma leitura espacial dos padroeiros e seus festejos em Muquém, Abadiânia e Trindade – GO**. 2010. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

DEUS, Maria do Socorro de; SILVA, Mônica Martins da. **História das festas e religiosidades em Goiás**. Goiânia: Editora Alternativa, 2003.

DEUS, Maria Socorro de. **Romeiros de Goiás: a romaria de Trindade no século XX**. 2000. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2000.

ESTEVAM, Luis. **O tempo da transformação: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás**. Goiânia: Ed. do Autor, 1998.

FLORA, Divina Lúcia dos Santos. **O subdesenvolvimento econômico de Mossâmedes: uma análise geográfica sobre as possíveis causas**. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia), Universidade Estadual de Goiás, Cidade de Goiás, 2003.

FRANÇA, Maria de Souza. **Terra, trabalho e história: a expansão agrícola no “Mato Grosso” de Goiás – 1930-1955**. 1985. Tese (Doutorado em Geografia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

FRANÇA, Rames Divino. **As trajetórias socioespaciais dos carreiros da fé da Romaria do Divino Pai Eterno, em Trindade - Goiás**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p.139-152, 2014. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2004000200004](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2004000200004). Acesso em: 17 set. 2020.

GARCIA, Lenice Paiva; SOUZA Antenor Augusto de. A outra face do pensar humano: o objeto turístico e os olhares dos turistas. **Revista Ciência Geográfica**, Bauru, v. 23, p. 75-90, 2014.

GOMES, Kássia Anniély Silva Gomes; LUNAS, Divina Aparecida Leonel; CARDOSO JÚNIOR, Hamilton Matos. Empoderamento da mulher rural no território do sudoeste de Goiás. CONGRESSO DE ENSINO E EXTENSÃO DA UEG, 3, 2016, Pirenópolis. **Anais [...]**. Universidade Estadual de Goiás, Pirenópolis, 2016, p. 1-10. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/cepe/article/view/8008>. Acesso em: 10 nov. 2020.

HAESBAERT, Rogério (org.) **Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro, 2008.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades – População**. 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/mossamedes/panorama>. Acesso em: 6 jul. 2020

LEMES, Cláudia Graziela Ferreira. **O olhar sobre a mulher goiana na bagagem dos viajantes**. Goiânia: UFG, 2013.

MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média – Repensando a história**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

MAIA, Débora de Faria; COELHO, Artur. Pesquisar a AFLAG: redescobrimo as mulheres da literatura goiana. ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA ANPUH-GO, 3, 2016, Goiás. **Anais [...]** Goiás, 2016, p. 131-150. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/anpuhgo/article/view/3958>. Acesso em: 5 jan. 2021.

MARTINS, André Roberto. **Fronteiras e nações**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. *In*: WITTER, José Sebastião (org.). **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo: Publicação do Instituto de Estudo Brasileiro na Universidade de São Paulo, nº 34, p. 234, 1992.

MIGUEL, Paulo Augusto Cauchick. **Metodologia de pesquisa em engenharia de produção e gestão de operações**. São Paulo: USP, 2010.

MINAYO, Maria Tereza. **Pesquisa quantitativa e qualitativa: perspectivas para o campo da educação**. Sobral, 2018.

MORIM, Edgar. **Ciência como consciência**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

NABUT, Jorge Alberto. **Corredor dos boiadeiros**. Uberaba: Ed. do autor, 2014.

NOGUEIRA, Willson Cavalcanti. **Mestre carreiro**. 2. ed. Goiânia: Autor, 2003.

OLANDA, Elson Rodrigues. **A formação territorial de Mossâmedes – GO: da Aldeia de**

São José aos novos Limites municipais. 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2001.

OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de. Espaço e religião, sagrado e profano: uma contribuição para a geografia da religião do movimento pentecostal. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 34, v. 2, p.135-161, ago./dez. 2012. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/2036/2291>. Acesso em: 18 jan. 2020.

PALACIN, Luis. **O século do ouro em Goiás**. 3 ed. Goiânia: Oriente, 1979.

PALACÍN, Luis; MORAES, Maria Augusta de Sant'ana. **História de Goiás (1722-1972)**. Goiânia: Ed. UCG, 1994.

PEREIRA, Maria dos Reis Borges. **As memórias da festa de São José de Mossâmedes no ano de 1995 a 2008**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia), Universidade Estadual de Goiás, Cidade de Goiás, 2009.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular**. Goiânia: Editora da UCG, 2005.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular**. Goiânia: Editora da UCG; Kelps, 2017.

PRADO, Paulo Brito do; FREITAS, Eliane Martins de. **Uma poética da emancipação feminina nos sertões goianos (século XIX)**. Niterói: UFF; Catalão: UFG, 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSÂMEDES. **Acervo digital e impresso**. Mossâmedes, 2020.

PRIORE, Mary Del. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

RAFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Gilmar José. A festa e suas manifestações: as manifestações do sagrado e o profano na festa da Fazenda Cocal. **Caminhos da Geografia**, Uberlândia, v. 7, n. 18, p. 96-109, jun./set., 2006. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15421>. Acesso em: 16 jan. 2020.

RODRIGUES, Darlen Priscila Santana; BICALHO, Poliene Soares dos Santos. Um olhar para as expressões culturais de Goiás-Brasil: relato de uma exposição em recorte. **Biblionline**, João Pessoa, v. 13, n. 4, p. 110-120, set./dez., 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/38250>. Acesso em: 12 dez. 2020.

RODRIGUES, Luiz Alberto Vieira. **Carreiros: fé e devoção ao Divino Pai Eterno e práticas**

educativas junto aos carreiros de Mossâmedes. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2012.

ROSA, Maria Helena. **Prefeitura municipal de Mossâmedes: 200 anos**. Mossâmedes: Caderno do município, 1974.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à província de Goiás**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço** - técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTOS, Milton. Região: horizontalidades e verticalidades. In: ENCONTRO INTERNACIONAL ESPÉCIE, ESPAÇO, ESTADO – O DESAFIO DO ORDENAMENTO TERRITORIAL, 1, 1994, s./l. **Anais [...]**. São Paulo, 1994, s./p.

SAQUET, Marcos Aurelio. **Abordagens e concepções sobre território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SEPLAN - SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DO ESTADO DE GOIÁS. **Economia**. 2001. Disponível em: <https://www.administracao.go.gov.br/>. Acesso em: 8 jul. 2020.

SILVA, Antônio Moreira da. **Dossiê de Goiás: um perfil do Estado e seus municípios**. Goiânia: Master publicidade, 1995.

SILVA, Luciana Ramos de; PINHEIRO, Paulo Sérgio; BRILHANTE, Antônio de Moura. A entrevista é a ferramenta e o resultado da pesquisa em ciências humanas. **Revista da UFBA**, Salvador, v. 10, n. 77, p. 126, 2018.

SOUZA, Bernardino José de. **Ciclo do carro de bois no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 2003.

TELES, José Mendonça. **Crônicas de Goiânia**. Goiânia: Kelps, 2005.

YIN, Robert. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução de Daniela Bueno. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto alegre: Penso, 2016.

ZALUAR, Alba Maria. **Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

## APÊNDICES

### Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
CÂMPUS CIÊNCIAS SOCIOECONÔMICAS E HUMANAS

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

O Senhor(a) está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “As Rodas do Tempo e a Expressão da Cultura no Cerrado: A romaria dos Carros de Bois de Mossâmedes-GO”. Meu nome é Rozângela Aparecida de Oliveira sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é estudante de Ciências Sociais e Humanidades. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se o senhor ou a senhora aceitar fazer parte do estudo, rubrique todas as páginas e assine no final deste documento, que está impresso em duas páginas, sendo que uma delas é sua e a outra pertence a mim. Esclareço que se o senhor(a) não quiser participar, não tem problema. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas por mim, através do e-mail rozi.geo@hotmail.com e, inclusive, pode me ligar a cobrar, acrescentando o número 904162 antes do meu contato telefônico (62)9 82525214. Se as dúvidas sobre a pesquisa e sobre seus direitos ainda continuarem, como participante desta pesquisa, o senhor ou a senhora também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Estadual de Goiás (CEP-UEG), localizado no Prédio da Administração Central, BR 153, Km 99, Anápolis/GO, CEP: 75132-903, telefones: (62) 3328-1439 e (62) 98325-0342, funcionamento: 8h às 12h e 13h às 17h, de segunda a sexta-feira. O Comitê de Ética em Pesquisa é vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que por sua vez é subordinado ao Ministério da Saúde (MS). O CEP é responsável por realizar a análise ética de projetos de pesquisa com seres humanos, sendo aprovado aquele que segue os princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e complementares.

A leitura desse TCLE deve levar aproximadamente 5 minutos e a participação na pesquisa/entrevista entre 15 e 60 minutos.

1.1 O título do meu trabalho é “As Rodas do Tempo e a Expressão da Cultura no Cerrado: A romaria dos Carros de Bois de Mossâmedes-GO.

Eu nasci e fui criada na cidade de Mossâmedes, e cresci vendo e tentando entender as festas que aconteciam na cidade, e a que mais me chamou a atenção foi a festa do padroeiro da cidade e também fiquei encantada com a participações de vocês carreiros, assim que entrei na universidade resolvi pesquisar mais sobre essa manifestação da cultura dos carreiros na romaria, por achar importante a participação dos senhores e senhoras estou aqui desenvolvendo mais uma pesquisa, eu acredito que essa pesquisa será importante para a memória, pois deixarei escrito. Assim os futuros pesquisadores poderão entender o que aconteceu nesses anos de romaria, posso deixar uma cópia para os senhores e senhoras guardarem e divulgar também para a família, como incentivo para seus filhos e netos.

Os meus objetivos são: Compreender a romaria dos carros de bois de Mossâmedes como uma expressão cultural no cerrado goiano. Identificar a importância da cultura e seus significados para as pessoas envolvidas como: os moradores, osromeiros, turistas, comerciantes e também os políticos. Refletir sobre a importância dos carros de bois nos dias de hoje, pois essa manifestação é uma expressão cultural muito importante para os goianos.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
CÂMPUS CIÊNCIAS SOCIOECONÔMICAS E HUMANAS

1.2 Vou utilizar a entrevista, fotografias e gravador, se os senhores(as) permitirem que eu use essas imagens coloque um X ou assinie dentro do parêntese por favor.

- (                    ) Permito a divulgação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa;  
(                    ) Não permito a publicação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Agora vou explicar alguns direitos que o senhor tem durante minha pesquisa:

1.3 Se sentir desconforto, fortes emoções com as lembranças, tiver insatisfeito ou mal estar, tem direito de não participar da pesquisa. Mas a sua participação será muito importante

1.4 Eu posso pagar o transporte e a alimentação do senhor(a), caso tenha que vir até a cidade pra uma entrevista, e pode me ligar a cobrar antes, nos telefones que já coloquei no início da primeira página.

1.5 Na pesquisa, seu nome será substituído por letras ou números para garantir o sigilo da sua identidade. Mas se o senhor(a) quiser eu posso colocar, se aceitar pode marcar um X ou assinar dentro do parêntese me autorizando.

- (                    ) Permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa;  
(                    ) Não permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa.

1.6 Uma coisa muito importante do senhor(a) saber, é que durante minha pesquisa o senhor(a) tem direito de desistir de participar a qualquer momento.

1.7 O senhor(a) tem direito de não responder alguma pergunta que não te agrada.

1.8 Essa pesquisa será publicada em alguma revista, na internet, independente se o resultado for bom ou não. E que o senhor tem o direito de ter conhecimento de todos os resultados.

1.9 Vai ficar também nos arquivos da universidade que estudo, para que outros estudantes possam usar como fonte de pesquisa no futuro.

1.10 Se durante minha pesquisa o senhor(a) passar mal, em decorrência da pesquisa, tem o direito a assistência médica integral, por tempo indeterminado.

1.11 Quero esclarecer novamente que essa pesquisa vai se tornar pública e essas informações ficarão guardadas na instituição e que precisa ser aprovada no comitê de ética em pesquisa para que possa ser investigadas no futuro, o senhor(a) aceita, coloque um X ou assinie dentro do parêntese por favor.

- (                    ) Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras e, portanto, autorizo a guarda do material em banco de dados;  
(                    ) Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras, mas não autorizo a guarda do material em banco de dados;

1.12 Quando eu terminar essa pesquisa, essas informações ficarão guardadas em pen drive, em e-mail, em sites, em Cd, só depois de 5 anos a universidade descarta esse material.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
CÂMPUS CIÊNCIAS SOCIOECONÔMICAS E HUMANAS

**1.2 Declaração do pesquisador responsável:**

Eu Rozângela Aparecida de Oliveira pesquisadora responsável por este estudo, esclareço que cumprirei as informações acima e que o senhor(a) terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios devido a sua participação nesse estudo; e que suas informações serão tratadas com confidencialidade e sigilo. O senhor(a) pode sair do estudo quando quiser, sem qualquer penalização. Se tiver algum custo por participar da pesquisa, será ressarcido; e em caso de dano decorrente do estudo, terá direito a indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder.

**1.3 Consentimento do Participante de Pesquisa/Responsável legal:**

Eu, ....., abaixo assinado, discuti com o pesquisadora ROZÂNGELA APARECIDA DE OLIVEIRA sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de assistência, confidencialidade e esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é voluntária e isenta de despesas e que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício.

Anápolis, ..... de ..... de .....

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) participante de pesquisa/Responsável legal

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Testemunhas em caso de uso da assinatura datiloscópica



\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Apêndice B – Roteiro de entrevista

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS**  
**UNIDADE UNIVERSITÁRIA ANÁPOLIS DE CIÊNCIAS SOCIOECONÔMICAS E**  
**HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM TERRITÓRIOS E**  
**EXPRESSÕES CULTURAIS NO CERRADO**

**Pesquisadora:** Rozângela Aparecida de Oliveira

**Orientador:** Prof. Dr. Haroldo Reimer

**Coorientadora:** Profa. Dra. Maria Idelma Vieira D'Abadia

**Pesquisa:** “AS RODAS DO TEMPO E A EXPRESSÃO DA CULTURA NO CERRADO: A ROMARIA DOS CARROS DE BOIS DE MOSSÂMEDES – GO”

**ROTEIRO DA ENTREVISTA COM CADA GRUPO ENTREVISTADO**

**Carreiros**

1. Há quanto tempo o(a) senhor(a) participa da romaria?
2. Quem além do(a) senhor(a) participa da romaria?
3. Qual significado que essa romaria tem para o(a) senhor(a) enquanto carreiro(a)?
4. Além da romaria de Mossâmedes o(a) senhor(a) participa de outras romarias? Se sim, quais?
5. O(a) senhor(a) acredita que essa romaria vai continuar por muito tempo? (sim) (não)  
Por quê?
6. O que motivou o(a) senhor(a) a participar da romaria?
7. O senhor(a) recebe alguma ajuda financeira para participar da romaria?
8. O(a) senhor(a) acha que os jovens estão interessados na profissão de carreiro?
9. Como o(a) senhor(a) conseguiu o carro de boi? Ele foi construído ou foi emprestado?
10. Quanto custa participar da romaria?
11. O(a) senhor(a) utiliza o carro de boi somente para participar da romaria?

**Moradores locais**

1. Há quanto tempo você participa da romaria?
2. O que você acha da romaria?
3. Qual o momento mais importante da festa/romaria? Por quê?
4. O que você acha da romaria utilizando os carros de boi como “atores do espetáculo”?
5. Você acha que a romaria deve continuar? Por quê?
6. Você faria alguma modificação na romaria (sim) (não) quais?
7. O que você acha da presença de pessoas (turistas/visitantes) durante a romaria?
8. Que outras formas de diversão há na cidade fora da romaria?

**Turistas**

1. Origem dos turistas.
2. Regularidade de participação na festa.
3. Como você ficou sabendo da festa de romaria em Mossâmedes?
4. Qual o motivo de você vir para a festa?
5. Qual a importância que tem para você a romaria nessa festa?
6. Você participa da festa por ser a festa do padroeiro da cidade ou pelo desfile dos carros de bois?
7. Onde vocês se hospedam durante a festa?
8. Você considera que Goiás tenha um calendário de festas religiosas e que o turismo religioso seja apoiado pelo poder público?

**Comerciantes**

1. Em que tipo de comércio o(a) senhor(a) atua
2. Há quanto tempo o(a) senhor(a) atua como comerciante?
3. O(a) senhor(a) oferece algum tipo de patrocínio para a realização da festa ou para os romeiros?
4. Seu comércio fica aberto todos os dias? E durante a romaria abre todos os dias?
5. Quais os produtos mais vendidos durante a festa?
6. O lucro com as vendas durante a festa é satisfatório ou insatisfatório? Tem aumentado?
7. O(a) senhor(a) contrata ajudantes no período da festa, ou recebe ajuda dos familiares?

## ANEXOS

### Anexo A – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

UEG - UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE GOIÁS



#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** As rodas do tempo e a expressão da cultura no cerrado: a romaria dos carros de bois de mossamedes-GO

**Pesquisador:** ROZANGELA APARECIDA DE OLIVEIRA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 15545719.0.0000.8113

**Instituição Proponente:** Universidade Estadual de Goiás

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.530.284

##### Apresentação do Projeto:

**Título da Pesquisa:** As rodas do tempo e a expressão da cultura no cerrado: a romaria dos carros de bois de Mossamedes-GO

**Pesquisador Responsável:** Rozangela Aparecida de Oliveira

**CAAE:** 15545719.0.0000.8113

**Resumo:**

“A cidade de Mossâmedes está situada na mesorregião centro goiano, uma cidade cujas tradições religiosas são manifestadas no decorrer do ano. E dentre essas manifestações está a festa do padroeiro São José, que acontece todo último final de semana do mês de Agosto. E a ideia inicial deste objeto de estudo surge das experiências vivenciadas no decorrer da festa em louvor ao padroeiro. Dentro da festa, tem as novenas que acontecem primeiro na zona rural e depois na urbana, e o momento mais esperado é a romaria dos carros de boi, um momento de grande expectativa para a população local e os turistas que apreciam sua chegada com muita alegria, no término da romaria acontece uma missa como agradecimento pela participação dos mesmos na festa. Os participantes se envolvem nesse espaço assistindo e comungando dos rituais festivos, sejam eles sagrados (as rezas, as missas, o ato novenário, o pagamento de promessas, etc.), como também os emoldurados profanos (os desfiles dos carros de boi, os shows musicais, as danças, a soltura de fogos de artifícios, o comércio ambulante em barraquinhas, dentre outros). Pretende-se

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99 4, Bloco III 4, Térreo

**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903

**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS

**Telefone:** (62)3328-1434

**E-mail:** cep@ueg.br

UEG - UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 3.530.284

contemplar nesta pesquisa, o lado mais empírico da manifestação, do encantamento com a cultura popular, e assim, trazê-la de forma mais decidida e lapidada, enquanto uma proposta de um objeto de estudo. A ideia da realização da romaria dos carros de boi na cidade de Mossâmedes, na festa do padroeiro da cidade foi coordenada por um antigo morador e proprietário rural chamado Antônio Horácio Amorim, mais conhecido como "seu" Tota, no ano de 1991. A romaria dos carros de boi além do recebimento da proteção divina e estandarte de espetáculo dentro da festa, se configura como a expressão da cultura material e imaterial nos postulados dos tempos modernos. Esta romaria é o testemunho de que a população presenciou a chegada dos tempos modernos, mas não perdeu a conexão com as expressões culturais, sobretudo no espaço do cerrado. Tem por objetivo analisar a manifestação da romaria dos carros de boi de Mossâmedes como uma expressão cultural no cerrado. Averiguar a história destes e suas funcionalidades na lida diária do território, entender a importância da cultura encenada nesta romaria para os diversos sujeitos envolvidos na festa e discutir a importância dos carros de boi nos momentos atuais. A pesquisa aqui proposta trata de estudo de caráter qualitativo, terá como base a pesquisa de campo, vivenciando a romaria e aplicando questionários, fazendo uso do empirismo junto aos participantes romeiros (as), moradores, turistas, comerciantes e o padre responsável pela missa."

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Analisar a manifestação da romaria dos carros de bois de Mossâmedes como uma expressão cultural no cerrado.

Objetivos Secundários:

- averiguar a história dos carros de bois em Goiás (a partir do século XVIII) e suas funcionalidades na lida diária do território, enquanto meio de transportes de cargas e de passageiros da época;
- entender a importância da cultura, encenada na romaria dos carros de bois, e sua significação para vários sujeitos sociais envolvidos na festa de romaria: moradores, romeiros, turistas, comerciantes (informais ou não), políticos regionais e locais etc.;
- discutir sobre as vantagens e as desvantagens da não utilização dos carros de bois nas lidas diárias, como eram em tempos idos (lentos e parcos meios de transportes), em comparação aos tempos modernos (do automóvel, do asfalto e da pressa);
- refletir acerca da importância dos carros de bois nos momentos atuais, enquanto expoentes de uma expressão cultural no cerrado via festa de romaria, na cidade de Mossâmedes – GO.

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99 º Bloco III º Térreo  
**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3328-1434 **E-mail:** cep@ueg.br

UEG - UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 3.530.284

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos:

"Pode haver o risco de constrangimento e inibição ao responder o questionário. No entanto, esses riscos podem ser minimizados ao garantir que respondam em um ambiente tranquilo, garantindo também a privacidade dos entrevistados."

Benefícios:

"Deixar o registro das suas impressões pessoais numa tradição que já foi e ainda é muito significativa dentro da economia goiana e também a contribuição do resultado desta para a sociedade."

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O protocolo de pesquisa trata-se de um projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás tendo como discente e pesquisadora principal Rozangela Aparecida de Oliveira.

O presente protocolo configura-se como uma pesquisa qualitativa que pretende analisar a manifestação da romaria dos carros de bois de Mossâmedes como uma expressão cultural no cerrado. Supondo que "para a maioria dos atores sociais envolvidos, os carros de bois remetem para memórias constituidoras da identidade rural goiana, fazendo emergir a importância dos mesmos na vida social e econômica na cidade e região. Esta expressão se configura como resistência ou permanência cultural em face da massificação, embora também se verifique aspectos utilitaristas para sua inserção no calendário turístico religioso em Goiás."

Para prova a hipótese, pretende-se realizar entrevistas com carreiros, com o padre da paróquia realizadora do evento, com comerciantes e turistas utilizando-se de roteiro semiestruturado para cada grupo.

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram apresentados neste protocolo os seguintes documentos obrigatórios:

- Folha de rosto devidamente preenchida e assinada. Entretanto, a pesquisadora declara que a pesquisa será financiada pela Universidade Estadual de Goiás e não apresenta as assinaturas que comprovam esta informação.
- Termo de compromisso com a assinatura de todos os pesquisadores: Assinado, datado e todos os pesquisados estão cadastrados na Plataforma Brasil.

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99 º Bloco III º Térreo  
**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3328-1434 **E-mail:** cep@ueg.br

UEG - UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 3.530.284

- Instrumentos de coletas de dados apresentado, assim como a forma de coleta das informações.
- Cronograma apresenta a coleta de dados para 30/08/19.
- Termo de Anuência: Apresentado e assinado pelo Padre José Matheus Domingos Filho, representante da paróquia de Mossâmedes-GO.
- TCLE de acordo com os critérios éticos vigentes.

**Recomendações:**

Recomenda-se que os pesquisadores apresentem esclarecimentos quanto ao fomento da pesquisa no relatório parcial.

Faz-se essa recomendação por informações contraditórias apresentadas nos documentos do protocolo de pesquisa. A Folha de Rosto apresenta a Universidade Estadual de Goiás como órgão de fomento, entretanto, sem confirmação dessa informação por assinatura de responsáveis da instituição. Ao mesmo tempo que as Informações Básicas do Projeto de pesquisa apresentam o próprio pesquisador como financiador.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não foram verificadas pendências éticas no protocolo de pesquisa apresentado. Assim, este projeto é considerado APROVADO.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UEG considera o presente protocolo APROVADO e que o mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado e lembramos que a pesquisadora responsável deverá encaminhar o relatório parcial (semestral) e o relatório final de acordo com o disposto nas Resoluções do Conselho Nacional de Saúde n. 466/12 e n. 510/16. Os modelos encontram-se disponíveis na página do CEP-UEG. No relatório parcial, a pesquisadora deverá atender à recomendação deste parecer substanciado: apresentar esclarecimentos quanto ao fomento da pesquisa. O prazo para a entrega do Relatório Final, via notificação na Plataforma Brasil, é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa, previsto para outubro de 2020.

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99 º Bloco III º Térreo  
**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3328-1434 **E-mail:** cep@ueg.br

UEG - UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 3.530.284

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1348227.pdf	28/06/2019 09:02:32		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLECEPPRONTO.doc	28/06/2019 08:56:45	ROZANGELA APARECIDA DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	termodecompromissorefeito.pdf	28/06/2019 00:10:49	ROZANGELA APARECIDA DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	termodeanunacia.pdf	11/06/2019 10:37:14	ROZANGELA APARECIDA DE OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostocepe.pdf	07/06/2019 15:49:56	ROZANGELA APARECIDA DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	INSTRUMENTODECOLETADE DADOS PRONTO.docx	06/06/2019 14:41:42	ROZANGELA APARECIDA DE OLIVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ASRODASDOTEMPOHOJE.docx	06/06/2019 14:37:35	ROZANGELA APARECIDA DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	CURRICULO.pdf	16/05/2019 15:37:37	ROZANGELA APARECIDA DE OLIVEIRA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

ANAPOLIS, 24 de Agosto de 2019

---

**Assinado por:**  
**Luciana de Souza Ondei**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99 º Bloco III º Térreo  
**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3328-1434 **E-mail:** cep@ueg.br